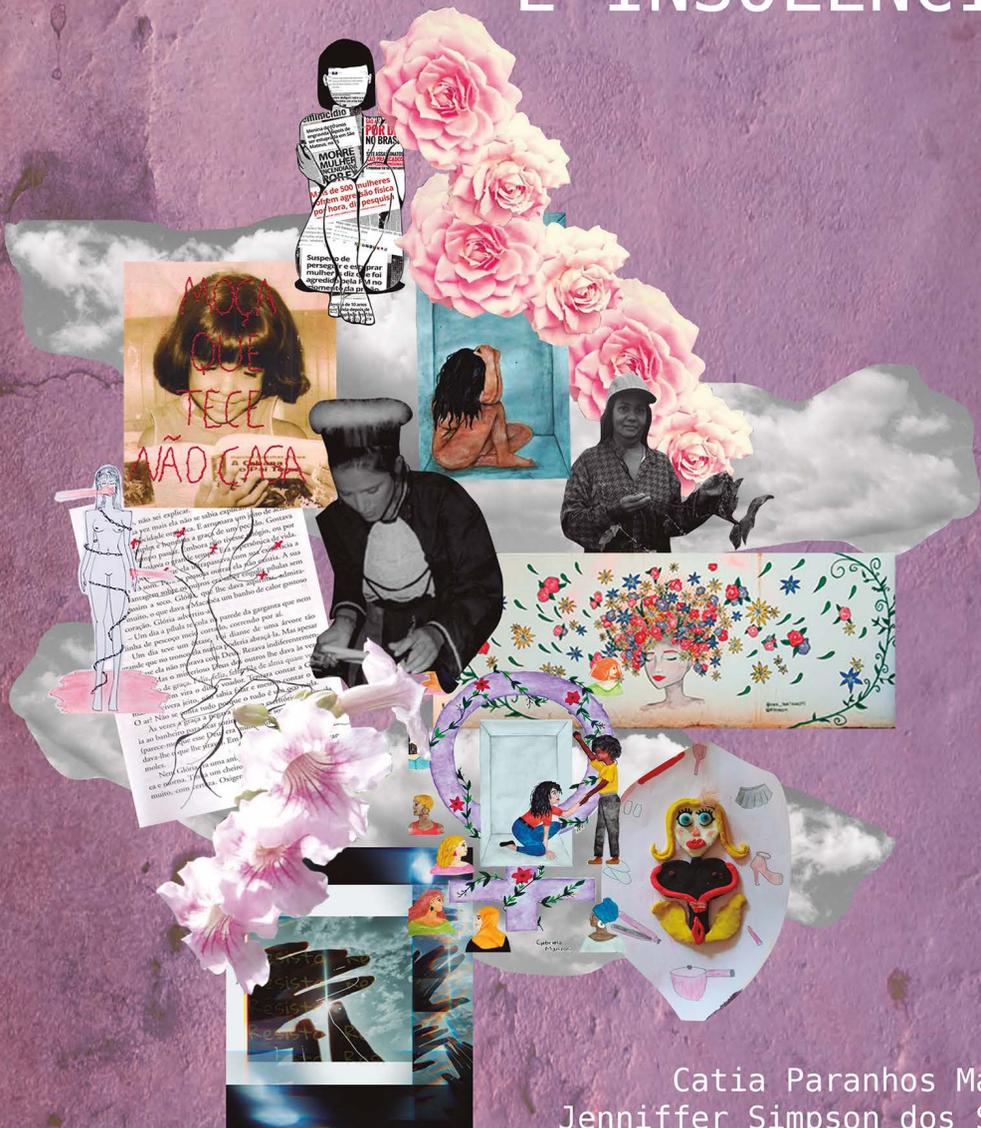


FIGURAÇÕES, MULHERES E INSOLÊNCIAS



Catia Paranhos Martins
Jenniffer Simpson dos Santos
Júlia Medeiros Pereira
Marina de Sousa Carvalho
Marise Massen Frainer
(Organizadoras)

Figurações,
mulheres
e outras insolências

UFGD Universidade Federal
da Grande Dourados

Figurações,
mulheres
e outras insolências

Organização:
Catia Paranhos Martins
Jennifer Simpson dos Santos
Júlia Medeiros Pereira
Marina de Sousa Carvalho
Marise Massen Frainer

Copyright © Autoras

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras.

Catia Paranhos Martins; Jenniffer Simpson dos Santos; Júlia Medeiros Pereira; Marina de Sousa Carvalho; Marise Massen Frainer [Orgs.]

Figurações, mulheres e outras insolências. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 249p. 16 x 23 cm

ISBN: 978-65-5869-684-1

1. Feminismo. 2. Violência contra mulher. 3. Resistências. 4. Libertação. I. Título.

CDD - 150

Capa: Marise Massen Frainer e Petricor Design

Projeto gráfico e diagramação: Marise Massen Frainer

Autoras(es) de Ilustrações e fotos utilizadas na composição da

capa: Adrian Enrique Silveira Larson, Ana Beatriz de Oliveira

Neto, Fabiana Fernandes Barbosa, Francielly Mariano Barros,

Gabriela Manzoni Leite, Gabrielly Lopes Flores, João Henrique de

Castro, Joice Helena Heck Deters, Júlia Medeiros Pereira

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú - CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/

Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura

(UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil);

Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi

(UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José

Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil);

Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin

(USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos - SP

2022

Nossos agradecimentos à Faculdade de Ciências Humanas (FCH - PAPP-
UA) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) pelo apoio
na produção desta obra.

Agradecemos à Silvia Pires, pela revisão atenta deste livro.
Os possíveis erros que por ventura estiverem presentes foram
acrescentados após a sua revisão.

Sumário

Prefácio	07
Apresentação	15
PARTE I - Ensaaios visuais	19
PARTE II - Ensaaios teóricos	148
Capítulo 1: Violência contra a mulher e os movimentos feministas como resistência	149
Capítulo 2: A construção da inferioridade feminina e sua luta por libertação	169
Capítulo 3: Convite ao clube da luta feminista	184
Capítulo 4: Da sombra ao holofote	201
Capítulo 5: Mulheres camponesas, discursos e subjetividades: resistência e contribuição na luta da transformação social	215
Reflexões contemporâneas acerca dos papéis sociais de gênero: a construção histórica do processo de naturalização da violência contra a mulher e ao corpo feminino	227
PARTE III - Sobre as autoras e autores	242

Mulheres incompletas e outras insolências

*Rochele Fellini Fachinetto, UFRGS.
Rosimeri Aquino da Silva, UFRGS.*

A oportunidade de comentarmos sobre os ensaios visuais e escritos, realizados por estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, na disciplina Relações de Gênero, acionou, em nós, memórias relativas a diferentes estudos que temos realizado sobre a temática das violências contra as mulheres, assim como debates em torno das lutas pelos direitos delas. Também trouxe à lembrança situações, experiências de nossas vidas vividas, nossas práticas, por assim dizer, confirmando a tese de que podemos sim ser afetadas pela teoria e que a exigência de distanciamento dos objetos de conhecimento se constitui como mais um equívoco do que se convencionou chamar de ciência moderna. Nossos sentidos se aguçam, especialmente quando somos capturadas pela exigência de pensarmos sobre opressões e resistências e de como é necessário encontrar modos de expressá-las. Sobre algumas dessas memórias vamos discorrer neste escrito.

Uma conhecida disse que um dia havia sido qualificada por um homem como uma mulher completa. Afinal, ela tinha sido capaz, em sua longa vida, de constituir uma boa família, criar filhos decentes, ter uma profissão estável, cozinhar como ninguém, manter todos unidos, entender o “jeito dos homens”, manter a casa arrumada, ter sempre fé em um poder divino e superior, organizar todos os aniversários, compreender e perdoar violências domésticas. Outros verbos, certamente, podem somar-se a esses, para essa e para outras mulheres, pois são muitas as formas, os argumentos, os discursos, as representações acionadas para defini-las.

É de amplo conhecimento a persistência de várias compreensões sobre quem seriam aquelas pessoas que poderiam ser tidas como verdadeiramente mulheres, sedutoras (porém recatadas), exitosas frente às exigências do mundo do trabalho atual, belas, generosas, maternais, cuidadoras etc. As representações produzem significados sobre nossas existências e estão presentes nos mais diversos produtos culturais: nas novelas, nos filmes, nas músicas, nas propagandas, na literatura, nos sites, entre outros. De imediato, poderíamos pensar que acordar com essa espécie de identidade hegemônica, posta determinantemente e invariavelmente para todas as mulheres, seria uma atitude moderada, se experimentaria a tranquilidade de não contestar múltiplos discursos que definem historicamente o que é uma mulher. Entretanto, há o reconhecimento de que muitas mulheres não são “bem sucedidas” nos seus esforços em busca dessa possível completude, outras nem sequer a desejam e, algumas, tidas por muitos como insolentes, não acreditam nela e contestam, nos termos de Monique Wittig (1992), a égide, o contrato social, os dispositivos que impõem categorias como homem e mulher.

A história acima referida, a lembrança dessas definições e o próprio uso da expressão “uma mulher completa” podem parecer muito antigas e sem sentido para os tempos atuais: tempos onde é possível acessar informações sobre a existência de múltiplos embates feministas, de conquistas de espaços públicos, de consolidação da Lei Maria da Penha, de transformações tecnológicas, de novas formas de parentalidade, de avanços das garantias dos Direitos Humanos. Entretanto, os ensaios visuais e escritos, produzidos pelos estudantes, assim como corriqueiras informações estatísticas sobre múltiplas violências de gênero, contribuem para que o nosso pensamento se sinta forçado a pensar na persistência de formas antigas e na emergência de novas maneiras de se definir mulheres. E, mais do que isso, reconhecer que sobre elas reatualizam-se formas de dominação e controle.

A definição do que seria “uma mulher completa” foi proferida por um homem. A fala de um homem parece validar todo um conhecimento e detém uma verdade, algo tido como incontestável e que

carrega um simbolismo e um poder sobre o feminino que muitas vezes suaviza e até mesmo anula o protagonismo feminino, subordinando a vida de uma mulher a uma opinião masculina, não raras vezes, heteronormativa. Falas como essa podem ser pensadas como ressonâncias, como ecos advindos de poderes médicos, religiosos, psicológicos, jurídicos e de outras instâncias e instituições sociais que há muito definem o que é uma mulher. Talvez a “mulher completa” da lembrança não se veja e nem seja dessa forma; pelo contrário: foram muitos os esforços e renúncias para suportar demandas que lhe eram atribuídas, e por alguns momentos, disso ela lembra.

No jogo das representações, como argumenta Susana Funck: veiculada na cultura sexual patriarcal, a mulher é idealizada em consonância com a construção cultural do desejo masculino, onde se presentificam noções de dominação e conquista. A autora afirma: “Mais problemático ainda é o fato de que a sexualidade, ao longo do desenvolvimento da sociedade patriarcal, passa a ser associada com o prazer masculino, o que faz com que o corpo feminino seja tradicionalmente narrado e representado como algo maleável, instrumental e descartável”. (FUNCK, 2016, p.316). Nessa mesma dinâmica, o ensaio “A construção da inferioridade feminina e sua luta por libertação”, da autora Danielle Nogueira Batistela, sustenta o argumento de que há uma imposição de padrões supostamente perfeitos, universais e adotados por todos em relação ao que se considera a beleza feminina: magra, branca e loura, com um rosto simétrico e sem imperfeições. Nessa perspectiva, a autora afirma que toda a pluralidade de corpos, raças, etnias das mulheres que existem no mundo são descartáveis de acordo com esse padrão hegemônico presente em variados produtos culturais contemporâneos.

Como é possível resistir? Romper dinâmicas, criar outros movimentos pode ser bastante doloroso, pois na medida em que persistem formas hegemônicas de promoção social, de sugestões, de anúncios cujo objetivo fundamental consiste em definir o que significa ser uma mulher, também coexistem formas de condenação, de negação e ataque a todas aquelas que destoam dessas formas. Os ensaios evi-

denciam opressões às mulheres, mas também apontam para resistências. Ambas estão presentes: no tom inquisitório da pergunta "Quem mandou abrir as pernas?", nas fotos de família desgastadas pelo tempo e no esforço em tornar-se outra, seja buscando uma formação, utilizando a arte, recorrendo à poesia. É possível pensar em experiências de vida em comum para muitas mulheres que, de diferentes maneiras, foram questionadas sobre seus comportamentos, escolhas, ações. E, talvez, um certo mal-estar por não conseguir responder às demandas, às expectativas que sobre seus corpos pesam. Algumas imagens expressam instantaneamente esse mal-estar e a necessidade pela busca de estratégias de fuga e de proteção, visto que múltiplas violências são condições sempre presentes.

Há uma conexão entre os recursos utilizados para informar sobre opressões e violências: imagens, produções textuais, poemas. As correntes, o sangue, remetem a um corpo subjugado, mas em outra imagem elas são rompidas e o sangue estancado. Mulheres nuas, silenciadas, cegas. A lembrança do Mercado Negro evidencia que outros corpos sofreram e ainda hoje sofrem brutalidades. As condições impensáveis as quais os escravos negros estavam submetidos nos forçam a pensar especialmente nas mulheres negras, que seguramente estiveram à mercê das mais diversas crueldades, que certamente se renovam na forma de outras violentas opressões recorrentes na atualidade.

Diz Audre Lorde "Não sou livre enquanto qualquer outra mulher for prisioneira, ainda que as amarras dela sejam diferentes das minhas. E não sou livre enquanto uma pessoa de cor permanecer acorrentada. Nem é livre nenhuma de vocês". (LORDE, 2019, p.166). Algumas imagens sugerem obscuridade, claustrofobia, mas, além disso, há uma janela, há flores e luminosidade. Um desenho sugere fragilidade, delicadeza, formas suaves, num painel visualizamos notícias sobre mulheres, algumas têm rosto e outras não. Talvez determinadas mulheres componham apenas mais uma estatística do crescente feminicídio que está ocorrendo em tempos pandêmicos, uma informação sem voz, sem face, sem nada.

Também lembramos dos estudos de Heleieth Saffioti sobre gênero, patriarcado e violência. Ela compreende que há uma espécie de incentivo arraigado na sociedade, estruturado em bases patriarcais, para que os homens exerçam “força-potência-dominação contra as mulheres” (SAFFIOTI, 2015, p.79). Assim como se define como deve ser uma mulher, o mesmo ocorre com os homens, parece não haver um entendimento de que a virilidade masculina possa se manifestar de forma sensível, pelo contrário, a agressividade é a tônica dessa manifestação. É surpreendente verificar a atualidade desses estudos na leitura do ensaio “Violência contra a mulher e os movimentos feministas como resistência”, de Caroline de Alexandre Rosa, Isabella Clemente Alencar Cunha de Menezes e Mônica Gabrielle de Souza Severino. Essas autoras verificam que a alta estimativa da violência de gênero traz a evidência dos riscos nos ambientes domésticos e familiares, das rotineiras agressões físicas, psicológicas e/ou sexuais, que certamente impactam a vida de muitas mulheres.

No ensaio visual temos a fotografia de uma mulher no campo, anunciando a força da mulher na agricultura familiar. A imagem dessa mulher expressa força, determinação e envolvimento em um tipo de atividade árdua, suas mãos tocam o fruto advindo da terra, do seu trabalho. Entretanto, no ensaio “Mulheres camponesas, discursos e subjetividades: resistência e contribuição na luta da transformação social”, de Rayssa de Oliveira Duarte, é discutida a realidade da desvalorização do trabalho das mulheres camponesas. Nesse meio, assim como em muitos outros, persiste fortemente a hierarquia entre homens e mulheres, onde a renda do trabalho realizado na terra fica sob os cuidados do “chefe da família”, mesmo que ela tenha sido obtida pelas mulheres.

Há uma imposição de sentidos, de compreensões dominantes, patriarcais, misóginos, heteronormativos, racistas que está presente, sem dúvida alguma, na linguagem, nos mecanismos de ocultação da realidade cuja violência não é reconhecida porque se sustenta em sólidas bases econômicas, políticas, culturais. Não obstante, há o reconhecimento que transformações importantes nas ações das mu-

lheres de nossa sociedade, decorrentes de mutações econômicas e culturais ocorridas no seu espectro mais amplo, estão acontecendo nas últimas décadas. As lutas feministas, nas suas variadas especificidades (negras, lésbicas, mestiças, indígenas, brancas, decoloniais ou do norte, entre outras), certamente vêm impactando nessas transformações. Elas incidem no acesso aos direitos, nas modificações comportamentais, em uma maior participação de mulheres em espaços públicos.

Um outro aspecto é fundamental, nos termos de Suzana Funck, diz respeito à busca de outras maneiras de contarmos a nossa história: "(...) as histórias que contamos e o modo como nos imaginamos e nos (re)apresentamos têm fortes implicações políticas, uma vez que o discurso é um importante lugar de contestação de práticas sociais naturalizadas" (FUNCK, 2016, p.316). Se estivermos de acordo com essa premissa, abrimos a possibilidade de pensarmos em outros modos de vida, de recontarmos fatos sociais, de elaborarmos outros entendimentos sobre nós mesmas. No texto "Convite ao clube da luta feminista", de Joice Helena Heck Deters, conforme anuncia o título, somos convidadas a iniciarmos uma jornada pelo mundo para conhecermos outras mulheres, reconhecê-las, ouvir suas vozes. Seguindo o argumento da autora, essa jornada poderá contribuir para a transformação do silêncio de todas nós em linguagem e ação.

Os ensaios visuais e escritos produzidos pelos estudantes são ferramentas potentes que provocam nosso olhar para a complexidade e a multiplicidades de mecanismos de dominação que ainda persistem em nossa sociedade, profundamente marcados por códigos patriarcais, racistas e heteronormativos. Também nos convidam a decifrar as gramáticas das resistências, os fios dos teares que, nas mãos das mulheres, tecem conexões, afetos, solidariedade, empatia e lutas.

Entre desenhos, fotografias, propagandas, imagens, cartazes, composições artísticas, poemas, textos e reflexões, seguimos nos questionando e refletindo sobre o que tem marcado essas figurações de gênero ao longo do tempo? Uma noção chave que parece marcar de forma muito contundente essas diversas narrativas é a ideia de luta. A existência de uma luta constante – seja interna, a partir de suas

idiosincrasias individuais e processos psíquicos, seja externa – com as pressões e expectativas da sociedade, parece atravessar, ao longo do tempo, as vivências de determinados grupos sociais. Assim tais figurações nos falam das lutas das mulheres do campo pela terra, pela sustentabilidade, as lutas das mulheres pelo voto, pelo ingresso na universidade e no mercado de trabalho, as lutas pelo fim da violência, as lutas contra o racismo, as lutas para provarem que não são incompletas, que são capazes de ocupar os mais diversos espaços sociais, a luta contra a homo transfobia. À luta está associada a própria ideia de sobrevivência enquanto sujeitos sociais.

Se, por um lado, as lutas das mulheres, LGBT's, negros e outros grupos sociais tem se mostrado o caminho mais potente e efetivo para a conquista de direitos e de proteção social ao longo dos anos, ao mesmo tempo, precisamos também refletir por que lutar parece ainda e cada vez mais central e necessário. Por que determinadas existências ainda dependem tanto do verbo lutar? Nesse contexto, expressões como “mulher guerreira” e “mãe batalhadora” assumem um lugar comum de que vai ser árduo mesmo, de que a luta é sempre necessária, já que as condições são deveras hostis para elas. Mas se as mulheres forem “guerreiras e batalhadoras” elas vão vencer. E assim naturalizam-se as condições desiguais e o ímpeto de luta dos sujeitos que enfrentam mecanismos estruturais de opressão.

As figurações de gênero apresentadas nos mostram, por exemplo, como a luta das meninas começa muito cedo. “Calaram-nos antes mesmo de aprendermos a falar” nos diz Pollyana Rocha Muniz. Sentar direito, fechar as pernas, ser gentil, não revidar, saber silenciar. Segundo dados do Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020, p. 133/134) para os crimes de estupro e estupro de vulnerável, temos, para o ano de 2019, que 29,5% representam o primeiro caso e 70,5% o segundo. A faixa etária das vítimas indica que 57,9% delas tinham no máximo 13 anos quando do registro e 85,7% das vítimas era do sexo feminino.¹ A luta das meninas começa muito cedo.

1

Fontes: FBSP. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Anuário Brasi-

Se a luta é necessária e fundamental para enfrentar essas formas de violência e opressão, também não podemos fazer dela um lugar comum e esperado para determinados sujeitos sociais. A luta contra a violência contra a mulheres, por exemplo, não pode ser apenas das mulheres. Toda a sociedade precisa se engajar nesse processo, sejam sujeitos ou instituições, por meio da ampliação das políticas públicas. Assim, as narrativas aqui apresentadas desafiam nosso olhar para complexificar a própria ideia de lutas sociais e de como essa noção precisa ser ampliada para todo o tecido social, para que não seja mais necessário que as mulheres tenham que lutar tanto para sobreviver, para criar os filhos, para ficarem vivas, para serem reconhecidas, para serem respeitadas.

Referências

FUNCK, Susana Bornéo. *Crítica literária feminista – uma trajetória*. Florianópolis: Insular, 2016.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, Patriarcado e violência*. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

WITTIG, Monique *The Straight Mind: and other essays*. Boston: Beacon Press, 1992.

Apresentação

O livro *Figurações, Mulheres e Outras Insolências* consiste em um testemunho de uma experiência acadêmica ocorrida durante o primeiro ano da pandemia da covid-19. É resultado de uma construção coletiva e reúne contribuições de 34 estudantes que realizaram a disciplina *Relações de Gênero*, ofertada no curso de graduação em Psicologia, na Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul. Este livro apresenta uma polifonia de imagens e de textos, cujo propósito foi exercitar a reflexão sobre as relações de poder e de resistência que se contrapõem à lógica patriarcal.

Trabalhar com imagens e com outros gêneros textuais, para além daqueles celebrados pela academia, foi a forma que encontramos para tentar estabelecer vínculos entre a tela e a mão, entre os textos estudados e os inúmeros exemplos e representações que nos cercam e nos compõem, além de buscar um respiro para o momento de profunda incerteza e angústia que estávamos (e continuamos) vivenciando. A tentativa de descentralizar a tela, que o ensino remoto impôs, trouxe encontros inesperados. Fotos pessoais foram recuperadas e costuradas, em alguns casos literalmente, para serem olhadas de outro modo; além de colagens, bordados, pinturas, desenhos, quadrinhos, compondo um mosaico diverso de materialidades reflexivas.

Vale acrescentar que à medida que os trabalhos chegavam para composição deste livro, eles eram acompanhados por relatos que revelavam como o ato de confeccioná-los ajudou a amenizar, de alguma forma, o peso gerado pelo necessário distanciamento físico num cenário de incertezas, adoecimentos e mortes. Não queremos, com isso, dizer que esse ensino remoto foi bem sucedido e muito menos motivo para manter as câmeras ligadas; aliás, isso aconteceu

raríssimas vezes. O que aconteceu com frequência foram as nossas dúvidas, bem como a queda da conexão da internet, quando existia. É preciso registrar que muitos estudantes não conseguiram permanecer nessa modalidade de ensino por falta de condições materiais que se agravaram em decorrência da pandemia na região da Grande Dourados, no estado do Mato Grosso do Sul. É preciso declarar as ausências, bem como desmontar os mecanismos de silenciamento e opressão, tal como propõem os trabalhos a seguir.

O que gostaríamos de enfatizar é que essa experiência pode ser traduzida como uma forma de ensaiar respostas para a pergunta que direcionou os nossos encontros: como criar coletividade em momento de distanciamento físico? Apostamos na elaboração coletiva deste livro como uma maneira de responder a essa pergunta, uma vez que um livro tem como propósito aproximar as pessoas – as pessoas que o fazem e as pessoas que o leem.

A disciplina eletiva *Relações de Gênero* foi realizada durante a fase vermelha do Regime Acadêmico Emergencial por Modalidades e Fases (RAEMF) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), que estabelecia aulas à distância e em módulo de quatro semanas durante o período considerado grave da pandemia. Dessa forma, as 72 horas de carga horária da disciplina foram concentradas em um único mês com atividades diárias. A disciplina foi composta, sobretudo, por estudantes do curso de Psicologia da UFGD, mas também havia uma estudante do curso de Medicina da mesma universidade. Os encontros síncronos ocorreram por meio do Google Meet e duravam, aproximadamente, três horas com aulas expositivas da professora da disciplina. Esses encontros marcam as retomadas das aulas que haviam sido suspensas em 17 de março de 2020. A passagem para um regime de ensino não-presencial foi feita de maneira precária e sem o devido debate, uma vez que as condições materiais e técnicas exigidas para um ensino à distância evidenciavam a desigualdade social da comunidade acadêmica, acrescidos da sobrecarga laboral e emocional. Vale acrescentar essas informações porque consideramos importante mostrar não apenas os resultados, mas também os

modos pelos quais os trabalhos aqui apresentados foram realizados. Isto é, colocar em evidência os bastidores de uma sala de aula que se viu tendo de trabalhar de modo virtual em um contexto pandêmico e sem a garantia de condições para tal.

As aulas ocorreram durante o mês de agosto de 2020 e contaram com uma seleção de textos voltada aos estudos feministas.¹ O nosso interesse consistia em compreender relações de poder e de resistências consubstanciadas na assimetria de poder sexual. Num momento em que as disciplinas, em sua maioria, pareceriam precisar ser revistas sob o paradigma das transformações geradas pela pandemia, os estudos feministas atualizavam a sua urgência. Uma vez que a intensificação da desigualdade social afeta, sobretudo, a vida das mulheres, acrescida, é claro, de outros significantes que venham a aumentar a subalternização de seus corpos.

O mosaico produzido por estudantes da graduação é um convite para (re)pensar as urgências de nosso tempo. Além dos incentivos da disciplina, que se centrou em estudar a produção de mulheres, apostamos na força da nova geração em seus questionamentos das assimetrias e na reinvenção de outras formas de estar no mundo e ser profissional da Psicologia, conforme apontam os trabalhos aqui reunidos.

Este livro está dividido em duas partes. Na primeira parte, há um ensaio visual coletivo composto por 34 trabalhos que agregam pinturas, desenhos, fotografias, bordados, colagem, acompanhados por um texto em prosa ou poesia. É um delicioso passeio por produções que expressam como cada estudante resiste às opressões ainda tão nossas de cada dia. A segunda parte do livro é composta por cinco ensaios teóricos que foram realizados após o término das aulas. O objetivo foi sustentar um espaço de reflexão para aprofundar as discus-

1
No decorrer da disciplina, foram estudados textos das seguintes autoras: Adriana Piscitelli, Audre Lorde, Céli Regina Jardim Pinto, Cláudia de Lima Costa, Glória Anzaldúa, Joan Scott, Judith Butler, Lila Abu-Lughod, Maria Lugones, Ochy Curiel, Oyèrónké Oywùmí, Silvia Rivera Cusicanqui, Marilise Matos e Clarisse Goulart Paradis.

sões suscitadas na disciplina e os ensaios abordam as violências contra as mulheres; a construção da inferioridade feminina; outros modos de contar a história ao questionar a dominação masculina; e sobre as mulheres camponesas e suas lutas por terra e vida digna. Cada um desses trabalhos busca praticar o que propõe Audre Lorde: “Transformar o silêncio em linguagem e ação”.

Desse modo, este livro almeja contribuir para expandir e adensar reflexões e materialidades que se opõem aos constrangimentos e às violências do patriarcado, do colonialismo e do capitalismo. Nós, estudantes e organizadoras, temos a esperança de transformar os silêncios das salas de aula e, inclusive, da Universidade e da Ciência, para que possamos colaborar, em alguma medida, para uma sociedade mais justa, democrática e crítica das assimetrias de poder sexual.



Parte 1

ensaios visuais



Entre a opressão...

Mãe aos dezesseis, mas

“Ninguém mandou abrir as pernas!” Forçada a casar, o argumento era “Mãe solteira? Na minha família não!” Essa era a presente lei
Horrível sensação

A liberdade te foi subtraída,

Imposta, com autoridade

O que você pensava? Ninguém liga

E a única verdade

O papel de mãe

Quais eram as chances, nessa realidade?

Mas você, de algum jeito a reformulou

Após tantas nuances

Se não bastasse o que já passou,

Te foi mandado um ultimato:

“Se você não parar de estudar, eu te largo!”

Ih, agora mesmo é que ferrou

Ferrou? Melhor estudar, que lavar prato
Sozinha, no mundão,

Sem ninguém para ajudar Será que é esse o fim
do ato?

Autoria da imagem e do texto:
Adrian Enrique Silveira Larson



e a resistência

Fim do ato? Não, não, não

Você conseguiu, mudar a situação
Mesmo com toda a adversidade

Mãe solteira de dois meninos, contornou a realidade
Mulher, sozinha em grande luta
Esse mundo monstruoso já nem te machuca
A batalha constante, no rumo da vida
Sua guerra não pode, não pode, ser esquecida

Mesmo sem ninguém, conseguiu vencer

Trouxe aos seus filhos a vontade de viver

Trabalhando todo dia, estudando a noite

Fazia aquilo que podia,

E quando em casa, chegava cansada

Cuidava dos filhos, da casa, não tinha empregada

A vontade de desistir, deve ter sido grande

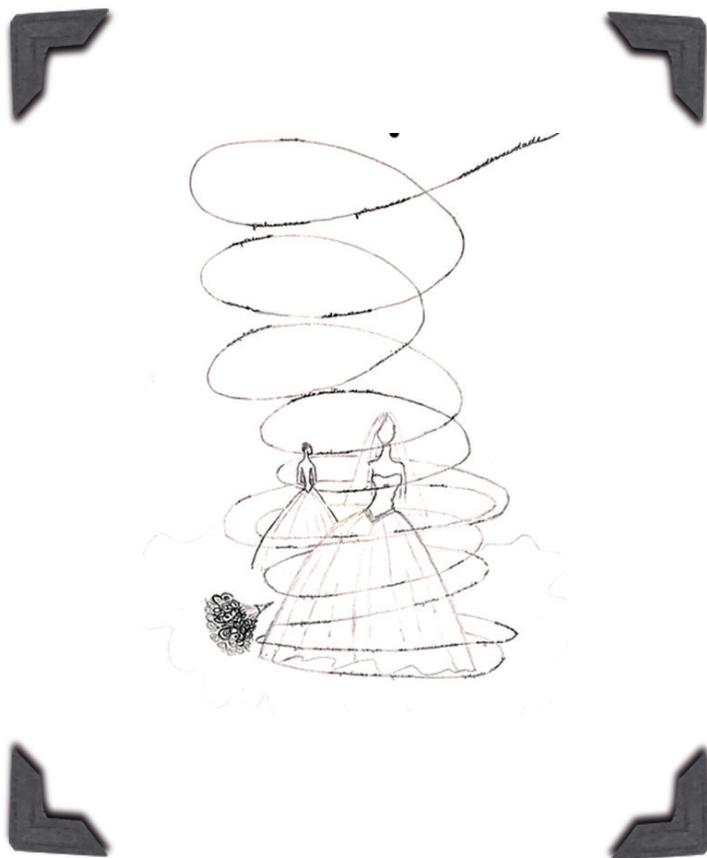
Mas gente decente, não pensa em sumir

Na minha história, herói não vem de quadrinhos
Vem da minha vivência,
Uma mulher, que superou os seus caminhos

Que lutou, lutou, as vezes perdeu

Mas no fim, no fim, ela venceu.

Autoria da imagem e do texto:
Adrian Enrique Silveira Larson



Entre a opressão...

La opresión enfrentada

La Mujer que pelea en la vida

A veces llorando a veces sonriendo

Calma tú corazón escucha el viento susurrándote, sienti en tú
piel

Tienes fuerza para luchar, busca a tus hermanas para afrontar
juntas el sufrimiento y cambiar el mundo

Autoria da imagem e do texto:
Aldenora Coutinho.



e a resistência

Sementes da Sabedoria

A riqueza ancestral das sementes crioulas, preservadas e compartilhadas por famílias de várias comunidades, entre eles, assentados, camponeses, quilombolas e indígenas foram passadas de geração em geração por guardiões. Possuem uma gama de variedades e biodiversidade genética, sendo fonte de alimentação saudável e de qualidade para muitas pessoas. Seu cultivo garante a sustentabilidade dos ecossistemas/agroecossistemas. As trocas acontecem em feiras, coletivos e na internet.

A preservação dessas sementes enfrentam muitas adversidades, resistem ao tempo, à extinção e às forças capitalistas vorazes. Suas raízes representam a nossa identidade e a cultura dos nossos povos.

Autoria da imagem e do texto:
Aldenora Coutinho.



Opressão é o efeito negativo experimentado por pessoas que são alvo do exercício cruel do poder numa sociedade ou grupo social.



A resistência surge com o objetivo específico de se opor, analisar e combater a opressão em geral.



Entre a opressão...

Para representar a opressão, escolhi fazer o desenho da Rapunzel do filme “enrolados”. Ao contrário do que muitos pensam, o filme retrata diversas situações que os filhos passam com seus pais. Ao analisarmos o filme, encontramos muito mais que cenas engraçadas e paisagens bonitas, encontramos a retratação de abuso emocional e manipulação familiar. Gothel, falsa mãe de Rapunzel, pensa apenas no cabelo mágico de sua filha, pois em diversos momentos ela enaltece o cabelo e em uma das cenas canta “sua mãe sabe mais”, com o intuito de assustar e fazer com que Rapunzel nunca saia da torre. Em outras cenas, encontramos sua mãe consolando-a, porém ao invés de beijar seu rosto, beija o cabelo de Rapunzel. Gothel faz o que a maioria dos pais abusivos fazem, eleva a autoestima dos filhos e logo depois apontam diversos defeitos. Esses pais costumam abusar verbalmente dos filhos e fazem com que seus filhos sintam-se dependentes deles. Em muitos casos, os filhos acabam por confundir um relacionamento abusivo com um relacionamento com amor e carinho.

Autoria da imagem e do texto:
Ana Beatriz Clementino Aguillar



Entre a opressão...

Nascemos.

Da costela, sem voz, vez ou voto.

Crescemos. Nos ensinaram a vestir, a falar (sem elevar o tom, é claro) e a nos comportarmos, pois qualquer passo em falso poderia significar a perda de uma honra - mas que honra é essa que nunca nos garantiram respeito algum?

Conhecemos o mundo. Descobrimos o capitalismo e com ele o modelo de Mulher ideal, que nada mais é do que um amontoado de desejos de consumo masculinos materializados num corpo - corpo esse com um alto potencial de geração de insegurança, vergonha e infelicidade. Mas quem disse que essa felicidade importa?

Chegamos na escola, na universidade e até mesmo no mercado de trabalho. Mas não foi de graça, tivemos de lutar. E mesmo provando o óbvio, de que éramos capazes de fazer tudo aquilo que os homens já faziam, insistiam na ideia de que não importa o quão longe os teus estudos ou o teu trabalho te levem, o teu sonho, Mulher, sempre será casar-se, ter filhos e submeter-se a seu marido.

Formamos uma família. E a caminhada foi tão dura até aqui, que... Acabamos reproduzindo tudo isso que foi impregnado em nossa alma.

Nós nos afastamos, umas das outras. Criaram em nosso imaginário uma falsa rivalidade que nos faz muitas vezes preferir defender aquele que nos oprime do que aquela que partilha das nossas lutas. Tiraram-nos a união, pois ela seria devastadora demais, mas se tomássemos consciência de quem somos e do que podemos...

Autoria da imagem e do texto:
Ana Beatriz de Oliveira Neto



e a resistência

Nascemos mais uma vez. Junto de nós, nasceu a luz e fomos capazes de enxergar o caminho que tínhamos de trilhar.

Crescemos. Mas dessa vez não nos conformamos com o que nos ensinaram, rompemos os paradigmas. Não vamos falar baixo, não vão nos calar, e os nossos passos são dados sempre em direção à revolução.

O padrão no qual nos encaixaram já não nos cabe mais, então, que se quebrem os padrões, para assim descobrir o verdadeiro belo que se reside nx outrx, nx diferente.

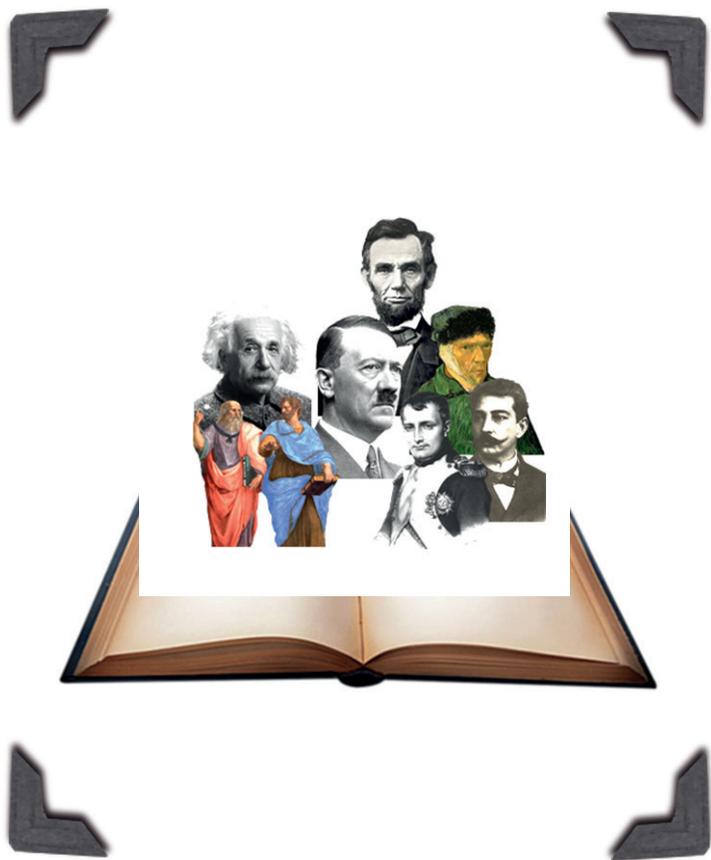
Descobrimos que nosso lugar é onde queremos, mas a nossa postura é sempre de combate a tudo aquilo que atenta contra nossa liberdade, nossa identidade e nossa felicidade.

Não nos daremos por vencidas, reconquistamos a união e agora sabemos que somos muitas, somos várias, somos pretas, brancas, indígenas, chicanas, mulheres de cor, mas acima de tudo, somos irmãs.

E, por mais difícil que pareça, não podemos regredir, nós vamos continuar a ocupar as escolas, as universidades, as empresas, o “agro” e a política.

Reinventamos o hino, e dizemos, sem medo: “Verás que uma filhA tuA não foge à luta!”.

Autoria da imagem e do texto:
Ana Beatriz de Oliveira Neto



Entre a opressão...

Ao ver essas imagens o que vem em sua mente? Provavelmente a primeira coisa que você pensou foi na palavra HISTÓRIA.

Mas como não pensar em história ao ver essas personalidades? São rostos e nomes que a maioria das pessoas tiveram que decorar para as provas da escola.

Mas uma coisa poucos pensaram, tanto ao ver essas imagens, quanto na época de escola: Por que a maioria das personalidades estudadas são HOMENS, BRANCOS, RICOS e EURO-AMERICANOS?

A resposta a essa pergunta não tem relação com a história, afinal pessoas que não se encaixam nesse padrão, pois são mulheres, negros, pobres e com outras nacionalidades, também existiram e ocuparam grandes papéis na história mundial. A resposta está no sistema.

O sistema machista que decidiu o papel do homem e da mulher, do negro e do branco, do rico e do pobre, foi o mesmo que decidiu quem tem importância na história. Decidiu quem precisava constantemente ser lembrado nos livros didáticos. Decidiu quem precisa ficar gravado na mente das pessoas.

Sim, o sistema molda até mesmo as pequenas coisas, que muitas vezes são imperceptíveis. Mas essas pequenas coisas ainda estão lá e ainda fortalecem a OPRESSÃO de gênero no mundo!

Autoria da imagem e do texto:
Bruna Santos Moreira



e a resistência

Provavelmente você não saiba quem são algumas destas pessoas que aparecem na imagem.

Não te culpo, afinal você não foi estimulado a aprender quem são eles e quais são suas histórias, simplesmente por eles e elas serem personalidades que não seguem o formato do homem, branco, rico e euro-americano que você estudou na escola.

Porém, esses moldes são quebrados a partir do montão que damos lugar para MULHERES, NEGROS, POBRES, pessoas de DIVERSAS NACIONALIDADES, DIVERSAS CULTURAS e DIVERSOS CORPOS.

RESISTIR é ensinar sobre essas pessoas.

RESISTIR é dar espaço para aqueles que têm importância na história. Que merecem constantemente ser lembrados nos livros didáticos. Que precisam ficar gravados na mente das pessoas. Tudo isso sem depender de seu tom de pele, de seu gênero ou de sua sexualidade.

São líderes, rainhas, revolucionárias, cientistas, artistas e escritores que foram muito importantes para a história mundial. Reconhecer o lugar dessas pessoas na história é RESISTÊNCIA!

Autoria da imagem e do texto:
Bruna Santos Moreira



E a mim me parece que seu cativoiro
é bem desarrezoado quanto é da nossa parte,
porque eles não nos ofendem,
nem nos devem, nem temos justa causa
para lhes fazer guerra, e sem justa guerra
não os podemos cativar, nem comprar.

Entre a opressão...

Lagos, berço das primeiras navegações rumo à Exploração Colonial, palco da sujeição de Africanos e sangrentos confrontos na luta por liberdade, hoje tem sua triste e vergonhosa história representada por um humilde museu, antigo Mercado Negro. Nunca vou esquecer o cheiro que vinha do piso de madeira no andar de cima do museu... Lagos era a cidade de onde partiram as primeiras embarcações para exploração colonial Africana. Além das famosas caravelas, também abrigou o primeiro e principal Mercado Negro da Europa, onde o povo africano era comercializado em meados do século XV.

Autoria da imagem e do texto:
Daniele Q. Marques

O museu possui poucos objetos, sendo que para mergulharmos na história da cidade, utilizamos tablets e muita tecnologia.

O guia turístico que nos apresentou a cidade e contou sobre seu passado sangrento dizia-se envergonhado por este passado sombrio, embora fosse apaixonado por sua cidade e dominasse a história de cada lugarzinho.

Realmente Lagos é uma cidade encantadora, mas esconde um passado vergonhoso na história da humanidade.

Autoria da imagem e do texto:
Daniele Q. Marques



Entre a opressão...

Muitos africanos não chegavam com vida até ali, pois tinham suas vidas ceifadas, devido às condições insalubres a que eram submetidos durante o transporte marítimo, realizados pelas caravelas.

Os que chegavam com vida eram escravizados alguns não se adaptavam e perdiam suas vidas, muitos restos mortais foram encontrados em um aterro de Lagos.

Sujeição e trabalhos forçados marcaram esta pequena cidade na região de Algarve- Portugal .

Este é Infante Henrique, monarca e navegador, foi o idealizador do Mercado para comercialização dos escravos.

Abaixo de sua imagem está uma réplica das caravelas utilizadas nas navegações e transporte dos escravos.

Ironicamente, atrás do monumento do monarca, encontra-se a Igreja de Santo Antônio, coberta de ouro trazido das colônias...

Autoria da imagem e texto:
Daniele Q. Marques



e a resistência

No andar térreo a primeira estátua representa Amador dos Angolares, o Rei Amador. Ele liderou revoltas em São Tomé e Príncipe, se autoproclamou rei, lutou contra a exploração e dominação portuguesa, perdeu a batalha.

Foi traído, logo após preso e morto, tendo seu corpo esquartejado e teve restos espalhados pela cidade. Considerado símbolo de libertação colonial, muitos engenhos foram destruídos durante a sua batalha, Amador liderou milhares de escravos, só não obteve vitória por falta de armamento e lutou contra os colonizadores.

Teve sua imagem impressa em um cédula de dinheiro e hoje possui dia 04 de janeiro em homenagem à sua luta e coragem para enfrentar a dominação portuguesa.

È reconhecido como símbolo de resistência colonial .

“ Que esta memória nunca se apague”

Autoria da imagem e do texto:
Daniele Quadro Marques



Entre a opressão...

Antes de sermos mulheres somos tratadas como posse. Antes de sermos mulheres somos tratadas como objetos sexuais. Antes de sermos mulheres somos menosprezadas pelas nossas capacidades e potenciais. Antes de sermos mulheres somos violentadas. Antes de sermos mulheres somos silenciadas. Antes de sermos mulheres o estereótipo de sermos mães já é estabelecido. Antes de sermos mulheres somos o que quiserem que sejamos. Antes de sermos mulheres somos julgadas pelas roupas que vestimos. Antes de sermos mulheres não podemos contestar a própria orientação sexual já definida ao nascimento. Antes de sermos mulheres morremos por sermos mulheres. Antes de sermos mulheres há gerações anteriores que contam as mesmas histórias de assédios e estupros. Antes mesmo de podermos ser mulheres lutamos como sobreviventes, e é uma luta que não acaba nunca.

**Autoria da imagem e do texto:
Danielle Nogueira Batistela**

Há um motivo para uma mulher ter conquistado o direito ao voto. Há um motivo para uma mulher ter lutado por igualdade. Há um motivo para uma mulher ter se libertado sexualmente. Há um motivo para uma mulher ter feito a diferença. Há um motivo para uma mulher ter adquirido espaço nas esferas de poder. Há um motivo para uma mulher ser valorizada pelo trabalho que produz. Há um motivo para uma mulher poder ser o que ela quiser ser hoje. Há um motivo para uma mulher decidir o que deseja ler. Há um motivo para uma mulher ter liberdade de escolha. Há um motivo para uma mulher ter uma vertente de análise diferente de outras mulheres. Porque antes de tudo, houve mulheres que lutaram por mulheres.

Autoria da imagem e do texto:
Danielle Nogueira Batistela



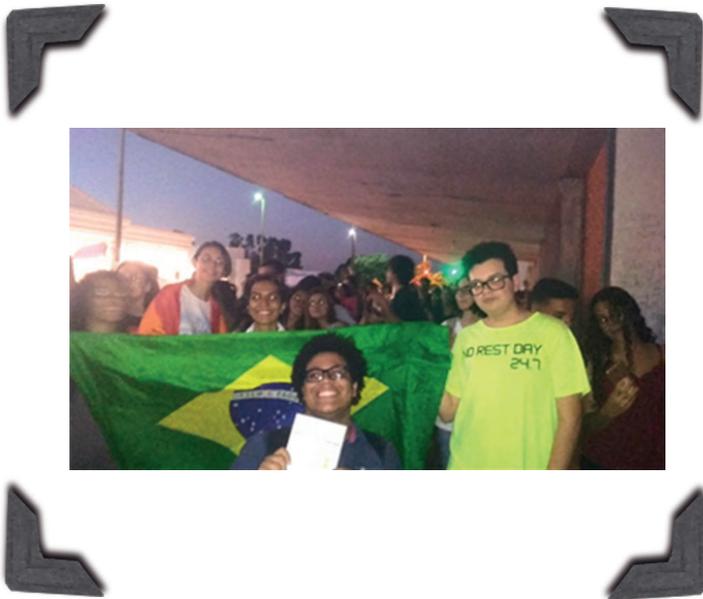
Entre a opressão...

Entre a opressão existe um
oprimido,
Oprimido pela sociedade
Por causa da minha sexualidade.
Dizem que minha mão é
desmunhecada
E que minha voz é miada,
Dizem que eu sou promíscuo
E por isso achacado,
Dizem que é falta de Deus
Por isso me levam à igreja
Para confessar meu pecado.

Chega, cansei de escutar a
sociedade,
Cansei de ser rotulado
Cansei de ser humilhado
Cansei de ser ameaçado
Cansei de ser violentado.

Vou botar fogo nas regras da
sociedade,
Agora vocês vão me escutar
Não estou disposto a me calar
E o sistema irei enfrentar
Agora é REVOLUÇÃO!

Autoria da imagem e do texto:
Eduardo Felipe Chideroli



e a resistência

Nossa história é sanguinária,
Foram nações escravizadas
Culturas assassinadas
E uma ditadura macabra.

A história não acaba,
Em 2016, a democracia desaba
Pela população alienada
E totalmente desacreditada.

O neoliberalismo é adotado
E o estado precarizado,
A necropolítica é intensificada
E populações são assassinadas

2018, ano de eleições
E a população com vontade de transformação
É comovida por um discurso fascista
Elegendo um genocida

São tempos sombrios
Não há como negar.
Nossa democracia está sendo ameaçada
E nossa liberdade caçada

Mas agora digo aos governantes
Nós, a resistência, iremos continuar fortes
Lutando pela nossa democracia e liberdade
Repelindo todas as forças que querem nos calar
Iremos a luta!

Autoria da imagem e do texto:
Eduardo Felipe Chideroli

abandonado em elevador pela patroa da mãe

Por Hora do Povo Publicado em 4 de junho de 2020



G1 BEM ESTAR
CORONAVÍRUS

FOLHA DE SPAULO
RIO DE JANEIRO
**Menino de 14 anos é morto
em casa durante ação da PF
no Rio**

Família diz que agentes chegaram atirando; policiais afirmam que adolescente foi baleado em confronto



Fundamentalistas religiosos foram pra frente do hospital onde a criança de 10 anos, estuprada e engravidada pelo tio, fará o aborto. O grupo recebeu o médico encarregado da missão com gritos de "assassino".
[#gravidezao10mata](#)

Covid-19 pode infectar até 40% de indígenas yanomami em aldeias vizinhas a

Homem mata ex, deixa 4 baleados, invade Igreja e se suicida no altar

12/07/2020 19h38 - Por: Da redação

Agência Brasil

SP: violência contra mulher aumenta 44,9% durante pandemia

Entre a opressão...

Todos os dias
Nas capas de jornais
Morre mais um jovem negro
Morre mais uma mulher
Viram estatísticas
Eles não são mais considerados
pessoas
O refluxo é grande
Não é fácil ver mais um de nós
Sem a chance de se despedir
Quem devia proteger
Não está do nosso lado
Mata e morre mais do que em qualquer
outro Estado
Crianças sem esperança de um futuro
Pais com medo de que os próximos
sejam deles
A vida só tem valor dentro da
barriga
Um monte de hipócrita imaturo
Que permanece no poder
Acham que tudo pertence a eles
Tiraram a nossa liberdade e
causaram intriga
Não dá pra continuar assim.

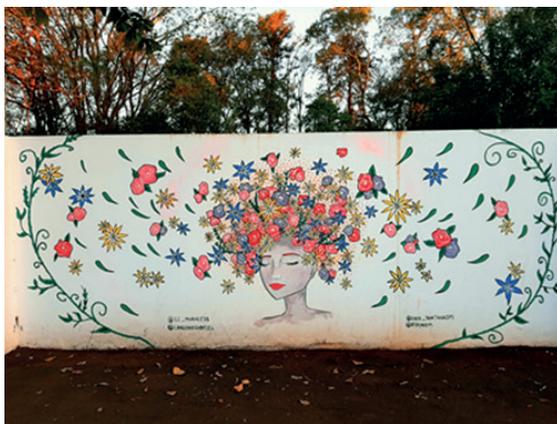
Autoria da imagem e do texto:
Elisa Peixoto Duarte



e a resistência

Na foto é possível ver duas crianças com a pipa que eles mesmos tinham feito. No futuro elas querem ser palhaço e jogador de futebol. Ainda não pensam em detalhes, mas acreditam que todos os seus sonhos são possíveis de se realizarem. Já dizem o que acham que é errado e defendem com argumentos suas ideias. Eles são a imagem de como moldamos o mundo, seja de maneira positiva ou negativa. Representam a esperança e tenho certeza que são pessoas muito melhores do que nós já tentamos ou vamos ser um dia. Amar é a maior resistência que esse sistema não sabe lidar e essas crianças amam muito.

Autoria da imagem e do texto:
Elisa Peixoto Duarte



Entre a opressão...

Naquela época, não sabíamos o que era CTL
A gente trabalhava para sobreviver
Naquela época, eu era uma menina,
Uma menina de 14 anos que sonhava
Sonhava com um mundo que queria conhecer
Naquela época, era comum trabalhar
Mesmo que o salário fosse um prato de comida
Ou roupas para estudar.
Naquela época, a palavra assédio não existia.
Naquela época o abuso se escondia
Eu era uma menina
Ela era o filho da senhora
Que jamais acreditaria na minha história

**Autoria da imagem e do texto:
Fabiana Fernandes Barbosa**



e a resistência

Hoje eu sei
Hoje eu sei o que aconteceu comigo
Tento não me lembrar
É uma forma de deixar tudo menos
real
Na época do acontecimento

Para mim era normal

Pra mim não foi uma escolha
Eu também não fui amordaçada
Pra eles, se eu não gritei,
Adivinha só, eu sou culpada

Eu vivo com isso
Mas não sou a única
Virei estatística nessa sociedade

Que com a mulher é injusta

Sonho com uma sociedade
Que não pergunte o que a mulher
fez
Mas que faça justiça por todas
Que representam milhares
Como eu, que nunca tiveram vez

Autoria da imagem e do texto:
Fabiana Fernandes Barbosa



Entre a opressão...

O que diz dela? Dela quem?

Ela, eu!

Estou em sua frente, não sou ausente, pare de me tratar como se fosse a extensão de alguém, sou autora de minha vida e não coadjuvante da tal. Tenho direitos e exijo respeito, não me venha com seus achados patriarcais.

O século é XXI e muito se evoluiu e se evoluirá, não pense que seus retrocessos vão revigorar e muito menos que minha voz vai calar.

A opressão não agrega valor, se um dia fomos submissas hoje não seremos, mas conheço meu valor e sei muito bem que a única coisa errada aqui é o seu pensamento de que vai dominar e anular minha subjetividade e as multiplicidades existentes.

A roupa que uso, onde estou, com quem ando e onde vou não cabe a você decidir, você não me representa com esta ideia de que meu lugar é estar à sua sombra.

Chega até ser ironia, lutar por algo que é meu (minha vida) mais se é preciso, vou lutar e brigar pelos meus dias, pois meu silêncio! Não haverá e o meu grito ecoará.

Cuidado com sua ignorância, ela te impede de progredir...

Autoria da imagem e do texto:
Francielly Mariano Barros.



e a resistência

Resista, Resiste, resiste, resista...

Sei que é árduo, mas vou resistir
sempre compensará lutar por dias melhores, acreditar é
o primeiro passo para alcançar a revolução.

Eu vou resistir quando tentarem me calar
Eu vou resistir quando tentarem me assediar
Eu vou resistir quando tentarem me impor regras
Eu vou resistir quando tentarem me falar como tem que
ser minha sexualidade
Eu vou resistir quando tentarem levantar a mão contra
mim
Eu vou resistir quando tentarem dizer que não sou
ninguém
eu vou resistir...

São anos de lutas das quais carregamos inúmeras
cicatrizes que servem para nos recordar do quão é de
extrema importância nos levantar contra dominações,
abusos e imoralidades.

Eu vou resistir quando tentarem furtrar os meus dias
Eu vou resistir quando tentarem destruir meus sonhos
Eu vou resistir quando tentarem roubar a minha vida
Eu vou resistir até quando tentarem calar os meus...

Para resistir é preciso conhecer e para conhecer é
preciso resistir!

Estamos aqui para te lembrar que injustiças/impunidades
não serão toleradas

...

Autoria da imagem e do texto:
Francielly Mariano Barros.



Entre a opressão...

Quando nasci, me disseram:
Mulher!

Me disseram como sentar, como
falar e como andar,
“Você é uma mocinha!”

Me ensinaram o pudor e
a repulsa pela minha
menstruação e meus pelos,
Me disseram que eu devia ter
um corpo magro e aparência
graciosa,
“Só assim um homem vai te
querer! Caso contrário, ele
irá te trocar”
Me ensinaram a competir com
outras mulheres.

Me disseram que mulher “tem
que se valorizar” e não
transar com qualquer um,
Me ensinaram a ansiar por
um homem e a sonhar com o
casamento,
Me disseram que eu poderia
ter um emprego, mas minha
prioridade seria a família,
Afinal, como mulher, o que
mais eu faria?!

Me ensinaram a ter medo de
andar na rua e de vestir
roupa apertada,
Me ensinaram a estar sempre
vigilante,

E, caso algo acontecesse,
ainda que dentro de casa,
Me ensinaram que a culpa era
minha.

Me ensinaram a ceder às
vontades do meu marido,
Me disseram para silenciar
quando a mão dele pesasse
sobre mim,
“Você com certeza deu motivo!”
Me ensinaram uma hierarquia, e
me mostraram qual posição eu
ocuparia.

Me ensinaram a maternidade e
me disseram: “Mãe!”
Ora, como portadora de útero,
o que mais eu seria?!
Mas eu não queria ser mãe.
Me disseram que eu seria.
E me ensinaram: “Amor de mãe
é incondicional!”

Me ensinaram tantas coisas...
Me disseram tantas coisas...
Mas nunca perguntaram o que eu
queria.
Simone de Beauvoir estava
certa,
Não nasci mulher, me ensinaram
uma performance.

Autoria da imagem e do texto
Gabriela Manzoni Leite



e a resistência

Somos mulheres diversas,
que cresceram oprimidas
Por um sistema patriarcal,
que nos silencia, violenta
e nos mata
E, lavando as mãos, se
justifica.
Quem foi que matou?

Nunca perguntaram o que eu
queria, mas agora eu aprendi
a dizer “Não.”
Este corpo, em que habito,
é meu,
Esta vida, pela qual
resisto, é minha.
Descobri poder e liberdade,
E uma vontade que só tem
que ser minha.

Mulher não é xingamento,
muito menos símbolo de
fraqueza.

Mulher é coragem, força e
resistência, o que não tem
o intuito de soar bonito,
Mas de evidenciar uma
realidade, em que resistir
é necessário,
Por mim, por minhas irmãs
que sofrem e pelas que
ainda virão.

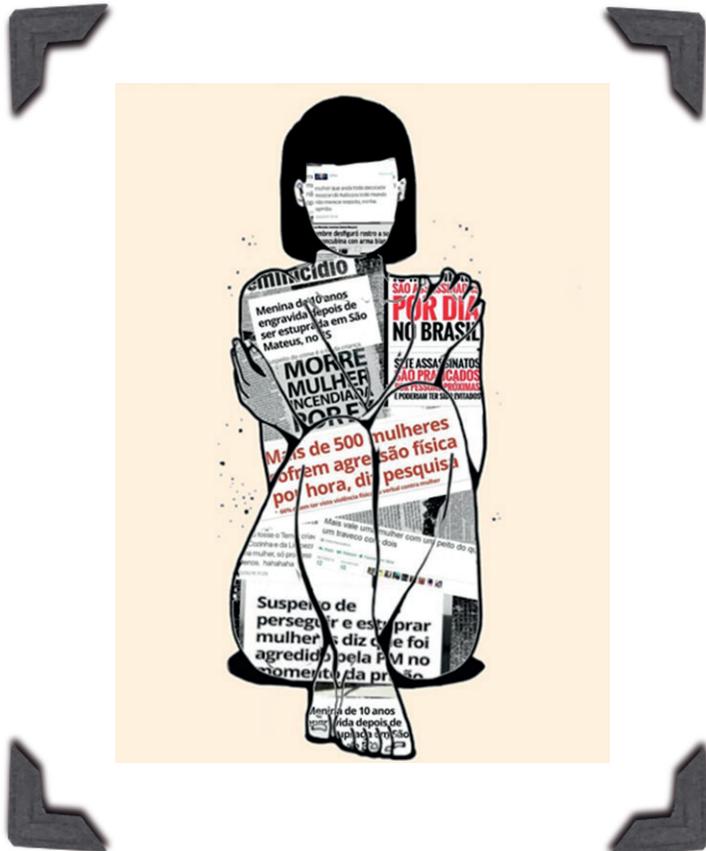
Aprendi a resistir, a lutar
por liberdade e igualdade.
Travando uma luta interna
para desconstruir
estruturas de poder,
Travando uma luta coletiva,

caminhando lado a lado de
mulheres
Que compreendem, com apenas
um olhar, o que é tentar
existir nesse sociedade.

Caminhando lado a lado,
Gritamos, pulsamos,
lutamos,
Não queremos sangrar por ir
além de seus padrões, por
ser mulher,
Não queremos luz em nosso
útero, queremos decidir se
e quando,
Não queremos só amor,
queremos espaço e
reconhecimento no mercado
de trabalho.
Queremos liberdade e o fim
do machismo, isso só para
começar.

O quadro está mudando,
Muitas mulheres morreram,
algumas por dentro, outras
literalmente,
No entanto, muitas mulheres
ficaram e, livres, se
organizam
Para juntas destruir toda
essa herança.
Dito isto, meu caro, ser
mulher é muito,
É existência e resistência.
Lutamos para ser quem somos.

Autoria da imagem e do texto:
Gabriela Manzoni Leite

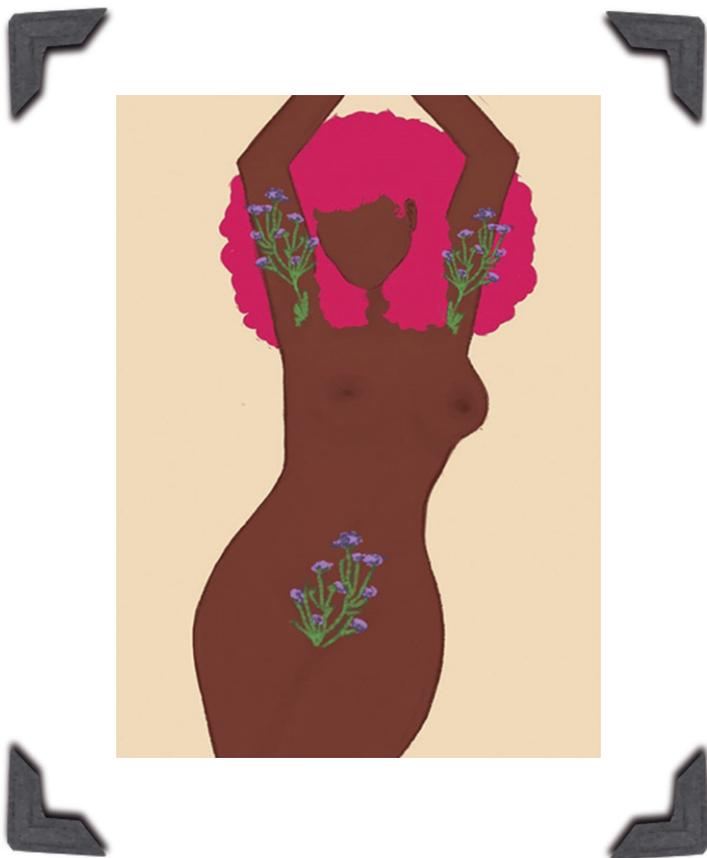


Entre a opressão...



Grito por que tenho medo,
Meu grito é por mim,
por minhas filhas, irmãs e amigas
Que sofrem todos os dias
com a dor de viver oprimidas.
Grito sobre poder andar sozinha na rua,
sobre não morrer pelo simples fato
de ser Mulher.

Autoria da imagem e do texto:
Gabrielly Lopes Flores



e a resistência



Resistência é tomar consciência que
a culpa que carregamos não é nossa,
É quando nos amamos e nos tornamos
nosso lar, deixando de ser o outro
para se tornar o também,
Pois quando a gente se ama e
afronta as leis criadas para nos
maldizer o sistema quebra.

Autoria da imagem e do texto:
Gabrielly Lopes Flores



Entre a opressão...

Hipocrisia

Tarde. Sol lá em cima. Entre carros e motos. “Só podia ser uma mulher... Vai pilotar o fogão da sua cozinha!”.

Noite. Luzes e música. “Ela só serve pra isso. Namorar? Nunca! Que seja eterno até a próxima!”.

Madrugada. Noite sem estrelas. “O que você está fazendo? Vô?” “Estou botando ela pra dormir.” Olhos no teto. “Foi o álcool. Esquece isso.”.

Manhã. Sol frio. Uma mensagem. “Você ficou sabendo que o C. traiu a D.? Mas também... Ela não se cuidava, a casa deles estava sempre um lixo e toda semana a D. estava no médico.”.

Espelho. Chuva. Talvez eu deva colocar alguma calça. Humm. Mas eu gostaria de colocar aquele vestido novo. Melhor não. Muito chamativo.

Mil situações. Mil opressões. Calando sua voz e escondendo sua luz.

Para que trazer tudo à luz do meio dia? Se podemos esconder. E esconder novamente. Até que tudo se torne algo normal ou apenas um pesadelo corriqueiro.

De quem são essas mãos? Do avô. Do tio. Do pai. Da vizinha. Da amiga. Da mãe. Do mundo. Minha. Sua.

Mas não pense que tudo acaba por aqui. Sempre tem a próxima página.



e a resistência

Ressignificação

Na beira de uma pia, entre goles de cerveja e conversas sobre a vida. “Vai minha filha! Voa e avoa esse mundão de meu Deus.”. Contos e problemas secretos, mas nunca sem carinho em seus gestos. Talvez algumas sucintas revelações entre conversas e goles. Caiu. Levantou. Tropeçou. Recomeçou. Despencou. Sobrevoou.

Em uma cama, entre gelos, mãos, abraços e cachos. “Seja feliz! Mas se estiver desmoronando, aqui sempre estarei.” Ainda não reconheceu seu significado, sua grande força e sua importância. Mas sabe se doar a cada palavra dita, cada beijo dado e a cada abraço prolongado. Em algum lugar e fora do útero. Seus sonhos, seus desejos e seus monstros. “O que você vai ser quando você crescer?” Observar suas fortes referências, quebrá-las e reconstruí-las. Metamorfosear “aquela velha opinião formada sobre tudo”. Quebrar as amarras. Voar e avoar. Resignificar seus ideais. Internalizar e reconhecer as barreiras a frente. Não calar-se. Então. Só então. Existir e resistir.

Autoria da imagem e do texto:
Isabella Clemente Alencar Cunha
de Menezes



Entre a opressão...

Senhoras do café

Somos plano de fundo
Somos esquecidas
Eles ganham o protagonismo
Nós, não somos reconhecidas

Antes mesmo do sol nascer
Estamos de pé
A colheita não se faz sozinha
Muito menos o almoço e o café

Honro minha terra
Por ela eu vivo
Por ela eu fico de pé
Se o machismo na cidade ainda
é vivo
Imagina no campo
Onde somos sombras
Sombras do dono de todo café

Eu luto
Luto por essa terra
Que por direito também é minha
Sonho com uma saúde justa
Que não consigo enxergar
Depois da porteira da minha
linda terrinha

Luto por uma segurança justa
Que às vezes demora até ser
ouvida

Por conta da péssima linha
telefônica

Os gritos de muitas que jamais
serão ouvidas

Os vizinhos mais perto
Ficam longe de ser ao lado

-

Luto por uma educação justa
Que muitas vezes nos é tirada
Dizem que os livros não
combinam

Mas isso é só história
Que desde a colonização nos é
contada

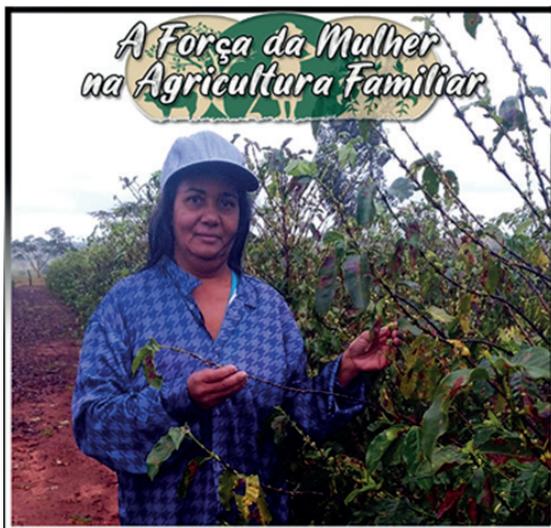
-

Luto por uma terra igualitária
Não estamos atrás do
protagonismo

Que dizem que é do senhor do
café

Estamos atrás do nosso espaço
Como senhoras do café

Autoria do texto:
João Henrique de Castro



e a resistência

Reconhecer o trabalho da mulher no campo é mais que necessário, desta forma entender as conquistas e lutas que foram adquiridas ao longo da história é de extrema importância, no ano de 2006, somente 12% da produção provinda da agricultura familiar resultavam de uma liderança feminina, tanto na produção quanto na posse de terras, em 2017 uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou que 19% da produção provinda da agricultura familiar advém de uma liderança feminina, apresentando também um grande crescimento da população rural constituída por mulheres sendo ela de 47,5%, afirmando assim os resultados das lutas e conquistas da busca dos direitos igualitários para as mulheres. Essas conquistas só foram possíveis diante de diversas lutas femininas por direitos constituintes e iguais para todos, desta forma esse crescimento da atuação da mulher no campo refletiu tanto ao aumento de posses de terras quanto na produção em geral, sendo na pecuária ou na agricultura, possibilitando assim que as mulheres escolham sua área de atuação independente da área ou serviço.

Autoria do texto:
João Henrique de Castro



Entre a opressão...

MULIER SPECIE OPTIMA

Eu fiz uma dieta, essa sim vai me ajudar...
Meu amorzinho vai querer de novo me amar
Eu sei que vai... Ele vai passar a me
aceitar

... Pus tanto esforço em mudar, tá?...

[...]

Fiz o jantar favorito dele, e nem encostei
na comida

Meu amorzinho se empanturrou, amou
Mas comparou meu cabelo com a macarronada
Acho que está na hora de dar uma alisada...

[...]

Limpei tudo, cada cantinho da casa, nada
escapou

Meu amorzinho chegou cansado
Reclamou, disse que eu não faço nada, me
spancou

Mas é normal, eu sei que ele só estava
estressado

[...]

Ando exausta, as coisas perderam toda a
cor

Meu amorzinho vai brigar comigo de novo,
eu sei...

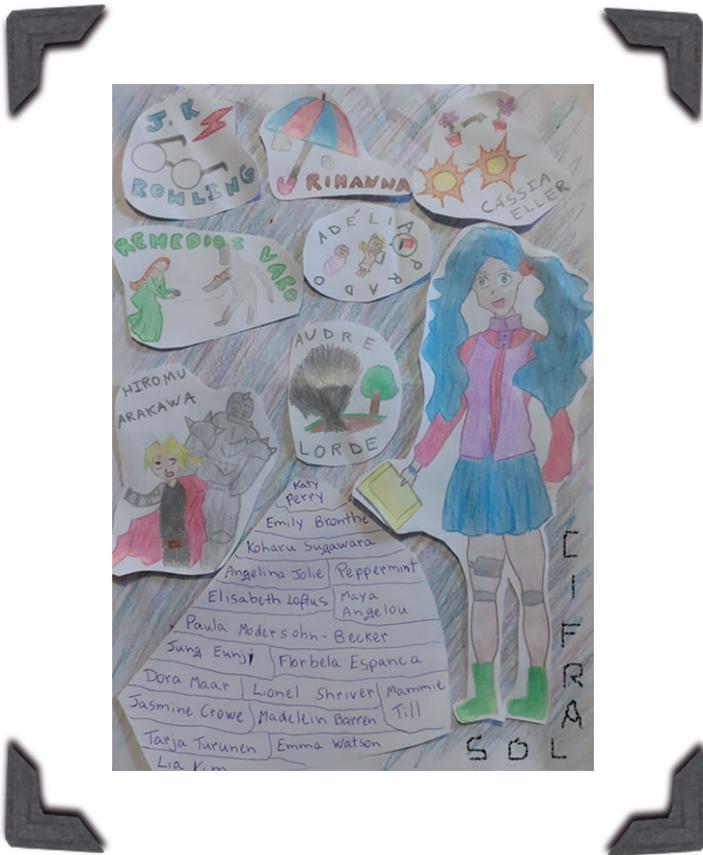
Eu não esperava que ele podia me fazer
passar tanta dor

O que é isso meu amorzinho? Amor...?

... Não, por favor... Como assim?

Putá tá tá tá tá

Autoria da imagem e do texto:
Joice Helena Heck Deters



e a resistência

COUP D'ÉTAT

Nós somos mulheres, por isso somos desdobráveis
E nossos beijos vêm em versos, amáveis
Quebramos a corrente dessa afeição
Para tomarem nossa palavra como joia na luz do
coração
Mas não vivemos de caridade, nós transbordamos
em ação
Na aurora de nossa vida estranha emerge luz
Nossos autorretratos mostram garotas querendo
voar
O de cada uma apresenta flores e fogo a queimar
Mesmo sozinhas nos movemos, disparando pelo
oceano da vida
Nem que para isso precisemos algo nosso sacrificar
Não deixamos nos levar por sonhos, esquecendo de
viver
Somos excepcionais e essa é a questão geral
Mas não podemos melhorar o mundo sem compreender
Que precisamos confiar em nós mesmas, de forma
total
Por isso, me respondam, vocês sabem o poder que
têm?
Vamos então fazer uma revolução
Com palavras e ações, com todas as nossas forças
e mais
Nos juntemos para lutar pela nossa libertação
E deixemos as âncoras abandonadas no cais
Levantem os peitos e vamos para além do horizonte
desse mar...

Autoria da imagem e do texto:
Joice Helena Heck Deters



Campanha Cerveja Devassa (veja.abril.co

Entre a opressão...

Podemos observar nas imagens alguns poucos exemplos de um grande mar de propagandas machistas existentes: o primeiro exemplo é uma propaganda de gravatas dos anos 50, “mostre para ela que o mundo é dos homens”, época na qual os argumentos machistas eram mais toleráveis, e mostra um exemplo claro de como a sociedade via a mulher, mostrando que a mesma deveria ser submissa ao homem.

Nos dois próximos exemplos temos propagandas mais recentes de cerveja, com seus elementos colocados a fim de objetificar as mulheres, na propaganda de baixo vemos a frase “é pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra”, onde pode se ver uma conotação escravagista, onde se diminui mais ainda a mulher negra a um objeto. Apesar da divergência enorme cronológica entre a primeira imagem e as duas seguintes, tais propagandas têm o mesmo objetivo: diminuir as mulheres a empregadas, esposas submissas e objetificá-las.

Autoria da imagem e do texto:
Jonathan Rocha Coffani



e a resistência

A fim de resistir ao machismo e suas conotações, o movimento feminista surge, com ele podemos visualizar como marco, o protesto do grupo feminista Movimento da Libertação da Mulher (MLM) de Portugal que, em 1975 (imagem do canto direito inferior), foi às ruas desafiar a falta de direitos concedidos às mulheres.

Por meio de muito esforço, este movimento social que luta contra a violência de gênero e pela igualdade de direito e de condições das mulheres na sociedade tem avançado e, assim, uma série de campanhas políticas para reformas em questões como direitos reprodutivos, violência doméstica, licença de maternidade, remuneração igualitária, sufrágio feminino, assédio sexual e violência sexual caem sob o rótulo do movimento feminista.

A imagem do canto esquerdo inferior, na sua época (1943), foi produzida com a finalidade de levantar o moral dos trabalhadores durante o período de guerras, mas desde então foi tomado como símbolo feminista, chamado de “Rosie, a rebitadeira”, é atualmente utilizado como representatividade feminina na sociedade.

Na imagem superior, vemos uma propaganda atual de uma marca de cosméticos, objetivando o empoderamento feminino e a aceitação do corpo, indo em total adversidade com as propagandas vistas na página sobre opressão.

Autoria da imagem e do texto:
Jonathan Rocha Coffani



Entre a opressão...



A arte de trabalhar fios
é desenvolvida quase que
exclusivamente por mulheres. O
dito “Moça que tece não casa”
remete às tecelãs que, pela
complexidade do trabalho que
desenvolviam, ficavam reclusas
para o maior rendimento. O
retrato ao fundo é de minha
mãe, em 1972.

Autoria da imagem e do texto:
Júlia Medeiros Pereira

– Dentro, não sei explicar.

Aliás cada vez mais ela não se sabia explicar. Transformara-se em simplicidade orgânica. E arrumara um jeito de achar nas coisas simples e honestas a graça de um pecado. Gostava de sentir o tempo passar. Embora não tivesse relógio, ou por isso mesmo gostava o grande tempo. Era supersônica de vida. Ninguém percebia que ela ultrapassava com sua existência a barreira do som. Para as pessoas outras ela não existia. A sua única vantagem sobre os outros era saber engolir pílulas sem água, assim a seco. Glória, que lhe dava aspirinas, admirava-a muito, o que dava a Macabéa um banho de calor gostoso no coração. Glória advertiu-a:

– Um dia a pílula te cola na parede da garganta que nem galinha de pescoço meio cortado, correndo por aí.

Um dia teve um êxtase. Foi diante de uma árvore tão grande que no tronco ela nunca poderia abraçá-la. Mas apesar do êxtase ela não morava com Deus. Rezava indiferentemente. Sim. Mas o misterioso Deus dos outros lhe dava às vezes um estado de graça. Feliz, feliz, feliz. Ela de alma quase voando. E também vira o disco voador. Tentara contar a Glória mas não tivera jeito, não sabia falar e mesmo contar o quê? O ar? Não se conta tudo porque o tudo é um gozo nada.

Às vezes a graça a pegava em pleno esertório. Então ela ia ao banheiro para ficar sozinha. De pé e sorrindo até passar (parece-me que esse Deus era muito misericordioso com ela: dava-lhe o que lhe dava). Em bê pensando em nada, os olhos moles.

Nem Glória era uma amiga, só colega. Glória roliça, branca e pórna. Tinha um cheiro esquisito. Porque não se lavava muito, com certeza. Oxigenava os pelos das pernas cabelu-

e a resistência

O desenho de uma mulher florescendo (em que as flores são bordadas) sob as palavras de Clarice Lispector tem a intenção de ilustrar a relação entre texto, têxtil e trama e de literatura e a educação como instrumentos capazes de florescer e libertar.

“Um dia teve um êxtase. Foi diante de uma árvore tão grande que no tronco ela nunca poderia abraçá-la. Mas apesar do êxtase ela não morava com Deus.” A Hora da Estrela, página 63.

Autoria da imagem e do texto:
Júlia Medeiros Pereira



Entre a opressão...

Em uma análise do tempo, nos deparamos com a opressão, a mulher não podia votar e se candidatar também não.

Quando falamos de casamento, mas parecia uma prisão, a mulher só podia trabalhar com permissão.

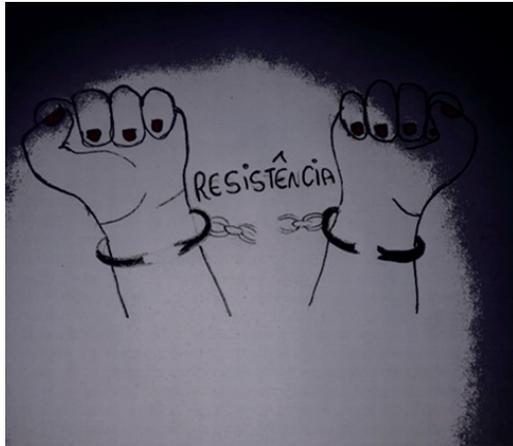
E não se para por aí, licença a maternidade? nada de existir.

Participar de olimpíadas seria muito bom, mas nessa época, não podia não.

Quanto ao ensino, era difícil a situação, pois frequentar a universidade era só um sonho bom.

Em um passeio na praia, já surgia a confusão, pois até seus trajes de banho foram sujeitos à inspeção...

Autoria da imagem e do texto:
Larissa Cardoso Ferreira



e a resistência

Voltando para os dias de hoje podemos chegar à conclusão.

A resistência foi tamanha, que as coisas já não são assim não.

O poder do voto foi uma realização e até uma presidente já tivemos na Nação.

Nos direitos trabalhistas ainda tem enganação, mas depender de marido, não depende mais não.

Nas olimpíadas temos sim representação e

Licença a maternidade é uma grande realização.

Quanta ao ensino, já é bem diferente, o que era só um sonho, hoje faz parte do presente.

E quanto à roupa, já não tem intromissão, quem decide o tamanho somos nós, eles não.

Autoria da imagem e do texto:
Larissa Cardoso Ferreira



Entre a opressão...

São tantas as palavras e opressões que nos cercam

Há tantas barreiras e medos nas situações mais cotidianas

Sair na rua sozinha carrega por vezes apreensão

Dentro de casa pode não ser seguro também, muitas vezes o medo e a violência estão ali

Onde fica o nosso ser, nosso ser existencial, quando somos sobrecarregadas por jornadas-duplas, ou quando em nosso trabalho não ouvem o que dizemos?

Quantas vezes e até quando seremos silenciadas?

Há muitas de nós gritando, gritando contra toda opressão, todo o medo, toda violência. Há muitas gritando por direitos.

Você ouve? Se não, ainda vai. Porque enquanto formos oprimidas haverá alguém lutando.

As opressões nos cercam de muitos modos. Entretanto, temos hoje a possibilidade de resistir.

Autoria da imagem e do texto:
Letícia da Silva Pereira



e a resistência

Diante dos medos, do sofrimento, das situações de violências pelas quais muitas de nós passamos. Nós temos possibilidades

Resistir, enfrentar e agir é necessário
É necessário para que consigamos romper as opressões

Para que consigamos manter e conquistar mais direitos

Muito já foi alcançado, mas há um longo caminho

O caminho da resistência, requer reconhecer a diversidade, requer o reconhecimento de movimentos plurais, requer união e força.

O caminho da resistência não é um caminho fácil, ele leva a mudanças e mudanças por vezes incomodam intimamente, mas mudar é preciso.

Mudar é preciso enquanto houver um sistema que nos oprime, um sistema que gera e normaliza o sofrimento

Mudar é preciso, resistir é preciso, fazer nossas vozes serem ouvidas é preciso.

Autoria da imagem e do texto:
Letícia da Silva Pereira



Lugar de mulher
é na cozinha! Tava pedindo!
Gorda demais, magra demais! Ser mulher é fácil
Futebol não é coisa de mulher!
Se dê respeito! Vadia!
Deve ser TPM Você
Para de se vitimizar! provocou!
A culpa Não se vista assim!
é sua! Seja uma boa esposa.

Entre a opressão...

Ser mulher é ouvir frases machistas desde a infância e viver em um mundo construído pela desigualdade de gênero, o preconceito e o desrespeito gerando assim a opressão patriarcal em toda a sociedade. A opressão patriarcal é vivenciada de muitas maneiras, desde a desigualdade até a agressões e relações abusivas.

Ser mulher não é fácil como dizem por aí, na verdade é mais difícil do que muitos pensam, trata-se de olhar por outros olhos, mulheres lutam diariamente pelos seus direitos, graças ao feminismo mulheres têm conquistado seus direitos e seu espaço na sociedade com muitas décadas de luta. Não é fácil desconstruir uma ideologia estética imposta pelos homens, não é fácil viver no meio de tanto assédio e sexualização e ainda não poder ter voz, não é fácil ser chamada de histérica e louca, não é fácil ser tratada como inferior.

Então não, ser mulher não é fácil.

Autoria da imagem e do texto:
Letícia Yurica K. Mendes



e a resistência



Resistência. Resistência é luta,
luta independente, luta por um povo,
luta por um movimento,
é lutar pela existência e dor do outro.

Resistência coletiva
é o que mantém unido um movimento
pelo qual pessoas lutam todos os dias
por seus direitos e pela justiça.

Autoria da imagem e do texto:
Letícia Yurica K. Mendes



Entre a opressão...

Frida Kahlo, Maria da Penha, Carolina Dieckmann. Todas elas têm uma coisa em comum, foram vítimas de violência, física e psicológica, todas elas foram abusadas por homens que pensaram que tinham direito sobre suas vidas e corpos, foram marcadas e para sempre terão que conviver com as consequências que seus abusadores provocaram. Mas, através de suas vozes, conseguiram resistir, conseguiram deixar exemplos e alguns direitos para as próximas vítimas, porém, elas são apenas três mulheres que conseguiram voz para protestar contra essa violência que está enraizada há tempos. Imagine quantas Fridas, Marias, Carolinas, Renatas, Marianas, e tantos outros nomes desconhecidos que sofrem todos os dias com as amarras do patriarcado, do machismo, da opressão... Quantas mulheres, no Brasil e no mundo, são violentadas, agredidas, estupradas, mortas, todos os dias. Quantas de nós temos as vidas encerradas, as vozes silenciadas, pelo simples fato de sermos quem somos: mulheres.

Quantas de nós somos rebaixadas, oprimidas por tentarmos exercer direitos que homens exercem desde sempre, isso tudo porque alguém decidiu que éramos o "sexo frágil". E o que caracteriza essa diferença, um cromossomo? Um órgão genital? Talvez esses dois fatores até contribuam para tal opressão, mas o verdadeiro culpado é o patriarcado, em algum momento da história, decidiram que o homem tinha direito sobre nossa vida e nossos corpos, que nosso único papel era cuidar dos assuntos domésticos e gerar mais homens para que a história se repetisse. E com isso, notícias como essas foram se tornando cada vez mais frequente e normalizadas, mulheres foram morrendo e as vozes se calando, os olhos se fechando para esse problema. E olhando para isso me pergunto, quantas mulheres ainda terão que morrer para que nós possamos fazer história e aparecer nos jornais por nossas conquistas e feitos, não por nossas mortes. Quantas mulheres ainda terão que se sacrificar como Frida Kahlo, Maria da Penha e tantas outras, para que nós possamos viver, ter nossos direitos garantidos e ter autonomia sobre nossos corpos, algo que diz respeito, apenas, a nós mesmas.

Autoria da imagem e do texto:
Maria Júlia Botelho e Souza



e a resistência

Quando pensamos em mulheres fortes e resistentes, vêm na nossa cabeça muitas mulheres que fizeram história e foram muito importantes para que nós pudéssemos chegar onde chegamos e que nos inspiram a continuar lutando, mas será que já paramos para olhar ao nosso redor, no nosso círculo social, nas nossas famílias, para ver quantas mulheres fortes e inspiradoras temos bem ao nosso lado? Decidi fazer essa análise e escolhi seis das mulheres mais fortes e inspiradoras que eu conheço, que me ensinam a luta e a resistir todos os dias. Uma advogada e mãe, que consegue conciliar brilhantemente as duas carreiras, não se deixando abalar por qualquer turbulência, na verdade sai mais forte depois de cada uma, para poder dar as melhores condições e exemplo para sua filha, que tendo a mãe que tem, será uma mulher tão forte quanto. Uma empresária, que construindo seu próprio negócio sozinha, me mostra que mulheres podem sim estar no topo e no controle de sua própria vida.

Uma médica, que desafia o patriarcado todos os dias ao representar as mulheres na ciência, ela me mostra todos os dias que não há lugar no mundo que não podemos chegar. Uma bailarina, que através da sua dança expressa a vontade de seu corpo e sua alma: ser livre. Ela também vai contra as correntes dos padrões de beleza, me ensinando que para ter o corpo perfeito para fazer alguma coisa basta apenas ter um corpo. Uma mulher negra, professora, militante e que luta ativamente pelo movimento feminista me mostra todos os dias que nunca podemos calar a nossa voz, pois foi através dela que conquistamos todos os nossos direitos e precisamos conquistar muitos outros. E por último, uma mãe, a minha, muito provavelmente a mulher mais forte que eu conheci, uma mulher de gênio e personalidades fortes, às vezes taxada de histérica, mas é assim que muitas são conhecidas ao ocupar espaços dominados pelo machismo, assim como ela ocupou e não se cala perante a isso. Mas a coisa mais importante que ela nos deixou foi a força, para levantar após uma queda, para lutar contra uma sociedade que nos impõe rótulos desde o ventre e principalmente, força para sermos autênticos. Gosto de falar que elas deveriam ser notícia para poderem inspirar milhares de pessoas da mesma forma que elas me inspiram, juntas elas me mostram como ser resistência para, dessa forma, poder ocupar o meu verdadeiro espaço na sociedade, que é exatamente onde eu bem entender!

Autoria da imagem e do texto:
Maria Júlia Botelho e Souza



Entre a opressão...

Nascem dois seres humanos
biologicamente distintos
uma fêmea, um macho
qual a diferença?
XX, XY
Mas não parou por aí...
Com o tempo novas desigualdades
surgiram
Estas agora eram impostas
O culpado?
O patriarcado
Autoridade, opressão, domínio, poder
Os homens comandavam todos
E as mulheres?
Que mulheres?
O conceito gênero criou corpo
Parabéns, é um menino!
Azul, carrinhos e a liberdade de ser
o que quiser
Ah, é uma menina!
Rosa, bonecas e maternidade
E assim foi indo, nunca fluindo, muito
menos evoluindo
Nunca?
Não mesmo, a luta estava para
começar...

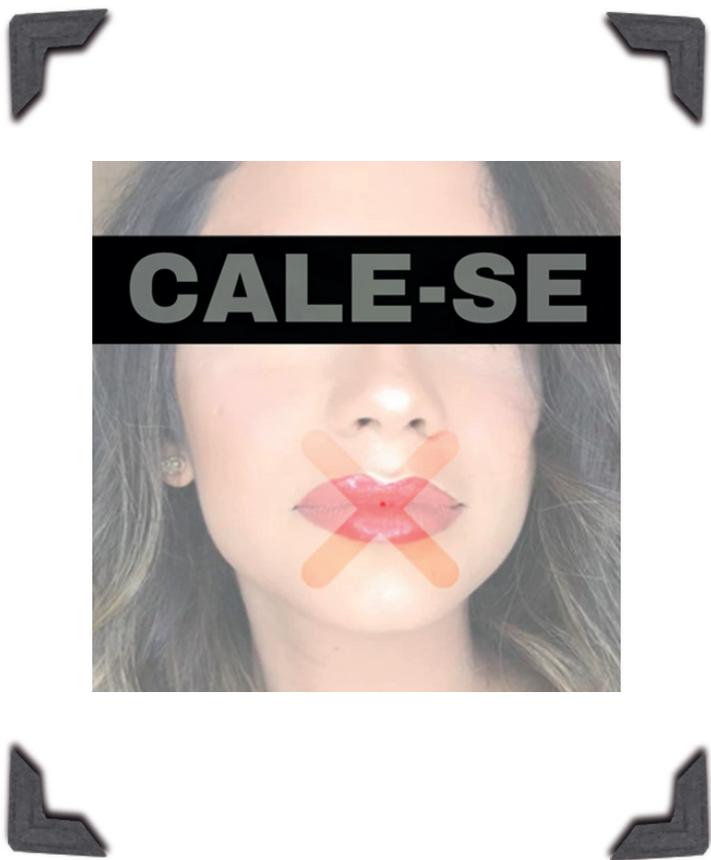
Autoria da imagem e do texto:
Mariana Fockink Silva Batistela



e a resistência

Mulheres de inúmeros lugares, raças e
classes exigiram seus direitos
Deram as mãos e apoiaram umas às outras
Se tentaram repreendê-las?
Mais do que se possa relatar
Elas desistiram?
Jamais
Sempre se levantaram... e o melhor,
ainda mais fortes
Simone de Beauvoir, Frida Kahlo,
Malala, Maria da Penha
O que possuem em comum?
Todas lutaram pelas mulheres, mostraram
sua voz e exigiram igualdade
Exigiram o fim do patriarcado
Muitas vitórias foram conquistadas
Direito ao voto
Direito à educação
Direito ao divórcio
Direito de serem quem elas quiserem
Serem livres...
A desigualdade ainda é perceptível
Um olhar desatento consegue captar
Mas a luta também está presente
Até quando isso durar

Autoria da imagem e do texto:
Mariana Fockink Silva Batistela



Entre a opressão...

A opressão coleciona vítimas diariamente, infelizmente ela está presente em muitas atitudes e conversas do nosso cotidiano passando por gerações, sendo naturalizada através de “piadas” carregadas de estereótipos e preconceitos.

Aqueles que se colocam na posição de opressores também são vítimas de todo um sistema complexo, mas utilizam de suas vantagens até mesmo para fazer direitos mínimos serem considerados privilégios quando conquistados pelos oprimidos, justamente para que não seja possível que eles percam o lugar confortável que estão na organização social.

As estatísticas diárias de violências físicas, morais e psicológicas são um recorte dos abusos enfrentados pelas vítimas, nas manchetes de revistas, jornais e discursos políticos enxergamos as falas misóginas e carregadas de preconceito que estão enraizados em todos os nossos ambientes de convívio.

Autoria da imagem e do texto:
Mariani da Silva Dantas



e a resistência

O ato de resistir não é apenas simbólico ele é prático, dentro da história consigo enxergá-lo como uma busca por sobrevivência, tentativas de mulheres e demais grupos oprimidos de não terem seus nomes e vozes calados, quando repassada didaticamente a história apresenta raras mulheres como protagonistas, seria por que as demais não estavam presentes? Não, isso acontece porque a elas foi limitado o acesso às esferas públicas e inúmeras vezes seus feitos roubados por aqueles que tinham poder.

Através da resistência muitos direitos já foram adquiridos, porém não são suficientes: a igualdade ainda está longe, a luta não está próxima do fim pois muitos indivíduos ainda não foram alcançados.

Quando mulheres que tem seus feitos reconhecidos e utilizam de suas vozes para dar voz às outras fazendo seus direitos serem colocados em prática elas são consideradas pontos fora da curva e muitos esforços se concentram em minimizarem e calarem suas vozes, percebendo isso torna-se claro que a resistência e as lutas por igualdade de direitos continuam sendo necessárias para conquista de espaço.

Autoria da imagem e do texto:
Mariani da Silva Dantas



Entre a opressão...



No processo de tornar-se,
é preciso identificar
aquilo que te é nutritivo...

A generalização do outro
em mim nunca é o bastante
para me compreender.

No processo de florescer,
o que para o outro é a solução,
para mim pode ser ruína.

Autoria da imagem e do texto:
Mariele Campos Tavares



e a resistência



Que suposto direito teria esse
outro de decidir por mim?

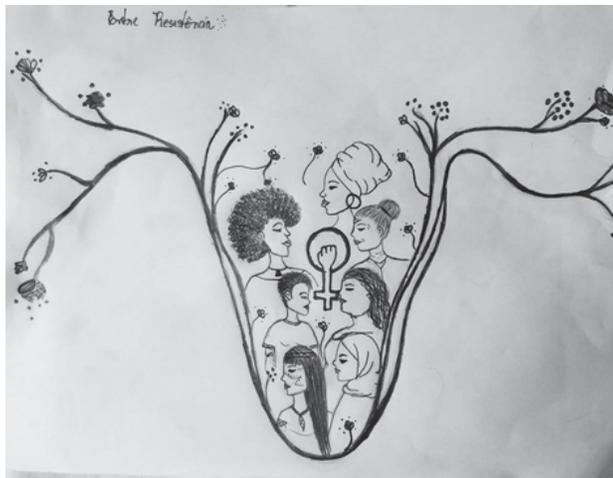
Autoria da imagem e do texto:
Mariele Campos Tavares



Entre a pressão...

Nós, humanas femininas, que desde de meninas somos coagidas a pertencer e cuidar do lar. Por que para o sexo opostos somos frágeis e domésticas? Incomoda chegarmos no topo, ao lado deles, sem ganhar a mesma valiosa moeda? Reprimidas na maioria das cidades mas em algumas terras especiais somos deusas, ainda assim em outros lugares somos pouco mais que máquina reprodutiva. Por que tenho que constituir família? Falam dos nossos corpos, os desejam, mas quando o desejo acaba, são apenas alvo da violência. Somos sexualizadas. Assediadas. A gaiola da sociedade patriarcal ainda nos prende dentro de casa. Por que continuam nos matando? Porque somos humanas femininas , lésbicas, negras, brancas, trans, amarelas, indígenas, ruivas. Porque somos mulheres. Eles têm medo de onde podemos chegar.

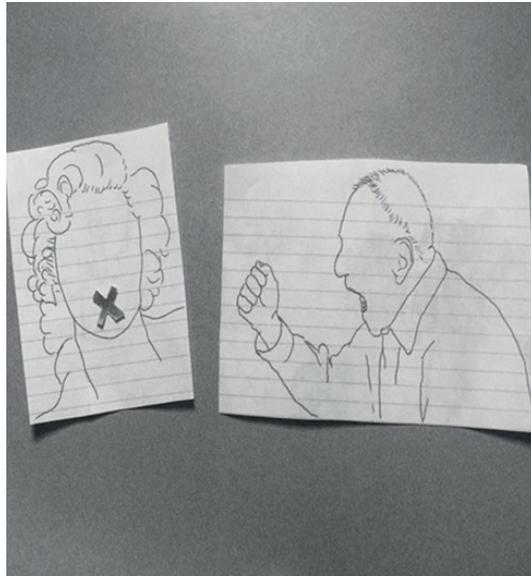
Autoria da imagem e do texto:
Marina de Sousa Carvalho



e a resistência

Queridas irmãs, é sabido que o patriarcado sempre trabalhou para reprimir nossa voz. Mas vos digo que somos mulheres, somos seres fortes e sempre resistiremos. A nossa luta é contínua, é bom começarmos desde meninas a pensar em mudar nosso lar. Somos todas Dandaras, somos Marias, somos Djamilas, somos Marieles, somos mulheres. Basta de silenciamento, nossa resistência está em constante movimento. É uma forma de nos empoderar! Feministas, lésbicas, bissexuais, negras, asiáticas, brancas, indígenas. Não interessa quem queira nos derrubar. Nos querem mortas, nos matam, Mas não esqueçam que nascem mais 9, com mais resistência pra somar. Então RESPEITA “As minas”. A gente chega onde a gente quiser chegar!!

Autoria da imagem e do texto:
Marina de Sousa Carvalho

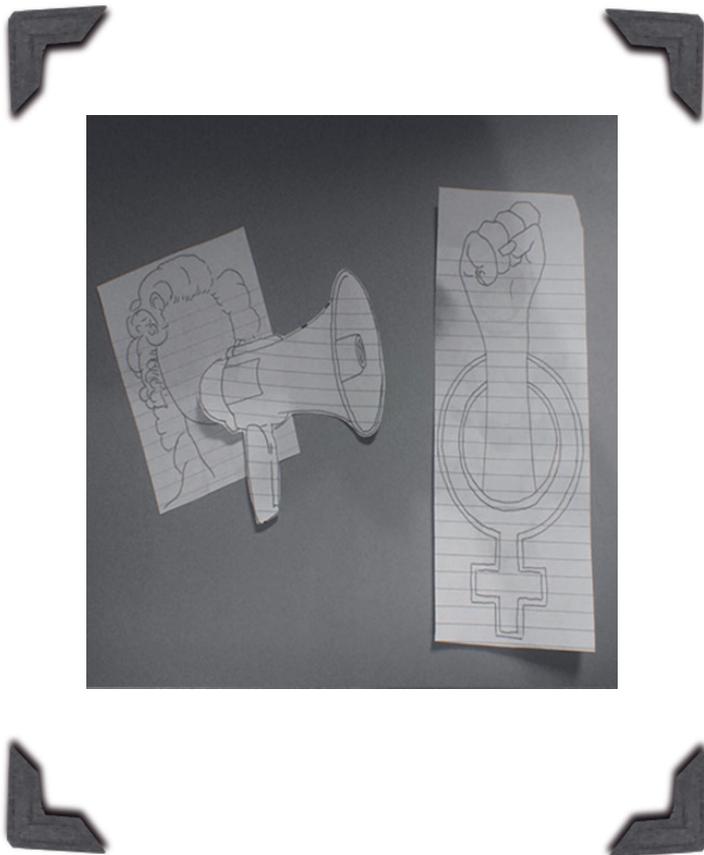


Entre a opressão...



Calaram-nos antes mesmo
de aprendermos a falar.

Autoria da imagem e do texto:
Pollyanna Rocha Muniz



e a resistência



O fim do meu silêncio
é a minha luta.

Autoria da imagem e do texto:
Pollyanna Rocha Muniz



Entre a opressão...

No Sul do Mato Grosso do Sul. Nas terras por onde atravessa o Rio Apa, território tradicional autodemarcado pelo povo Guarani e Kaiowá em plena ditadura militar, nele vive e resiste o tekoha Pirakua, rodeado e ameaçado a décadas pela violenta cadeia de produção de mate, monocultura e pecuária.

Nessas terras, através da assembleia da retomada Aty Jovem, foi denunciado, mais uma vez, a violência, o extermínio e desterro sofridos pelos povos indígenas. Violência resultante do processo brutal de colonização, da (tentativa) destruição de suas narrativas e subjetividades e a imposição de dicotomias que influíram em sua organização social.

O humano dissociou-se da natureza e os povos indígenas foram categorizados entre homem/mulher e macho/fêmea. Ao dito homem foi lhe dado o poder de dominação, o ser humano por excelência, e a mulher foi determinada designada para fins reprodutivos e domésticos, inferior ao homem. As sequelas da colonização são sentidas até hoje.

-Os indígenas (homens) muitas vezes estão usando a cultura dos brancos para poderem violentar as mulheres. Na cultura dos povos indígenas o homem nunca pode bater em mulher. Somos ameaçadas constantemente - integrante da Terra Indígena (TI) de Amambai, no V Aty Jovem.

Autoria da imagem e do texto:
Rayssa de Oliveira Duarte



e a resistência

-Por isso que eu falo hoje, as mulheres que estão de frente, falando e defendendo os direitos dos povos indígenas, lutando pela educação e saúde. Como vamos garantir que as nossas vidas estarão seguras? - integrante da Terra Indígena (TI) de Amambai, no V Aty Jovem.

Há mais de 520 anos os povos Guarani e Kaiowá resistem. Dentre tantas perdas, os povos indígenas ainda mantêm vivas suas tradições, suas crenças e rezas.

Apesar da omissão do Estado, os indígenas continuam lutando por políticas públicas eficientes para garantir melhorias na saúde, educação e segurança de seus povos. Com a crescente invasão do agronegócio em suas terras, continuam defendendo e persistindo para retornarem aos seus tekohas.

Os povos originários resistem às chacinas desde a colonização, continuam na luta defendendo seus tekohas apesar do genocídio e etnocídio e permanecerão mantendo vivas suas tradições, crenças e rezas.

As mulheres Guarani e Kaiowá continuarão resistindo contra a violência e opressão do sistema patriarcal.

Autoria da imagem e do texto:
Rayssa de Oliveira Duarte



Entre a opressão...

Os espinhos que calam, amedrontam,
ferem...

1936: PRESSIONAR

1957: SUFOCO

1971: ANGÚSTIA

1981: ABUSO

1984: DOMINADA

1987: TIRANIA

1988: RESGUARDO

1988: ATRASO

1991: SUBMISSÃO

1991: PRISÃO

1992: MEDO

1992: SOFRIMENTO

1992: SILENCIAMENTO

1992: HUMILHAÇÃO

1993: DESIGUALDADE

1993: ANGÚSTIA

1994: TRISTEZA

1994: DOR

1995: PRISÃO

1997: CENSURA

1998: ANGÚSTIA

1999: VIOLÊNCIA

1999: SUFOCAMENTO

2000: RETIDO

2001: ANGÚSTIA

se arrastam, machucam, se redefinem
historicamente.

Autoria da imagem e do texto:
Renata do Vale Sargaço Sant'ana



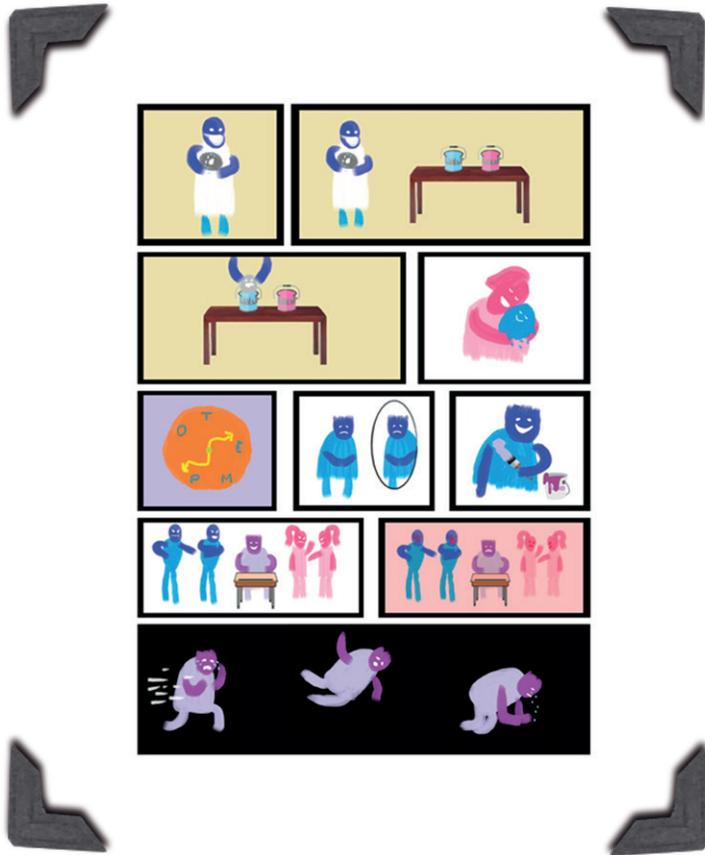
e a resistência

São os mesmos espinhos que inquietam,
encorajam e dão voz...

2001: FORÇA
2000: SUPERANÇA
1999: DEFESA
1999: RECUSA
1998: LUTA
1997: LUTAR
1995: FORÇA
1994: LUTA
1994: REAÇÃO
1993: FORÇA
1992: VITÓRIA
1992: FORÇA
1992: GARRA
1992: FORTALEZA
1992: POTÊNCIA
1991: COMBATE
1988: MUDANÇA
1987: LUTA
1984: LUTA
1981: FORÇA
1971: NEGAÇÃO
1957: FOCO
1936: FORTE

dão frutos, colore o mundo e se fazem
melhores a cada
safra no momento da colheita.

Autoria da imagem e do texto:
Renata do Vale Sargaço Sant'ana

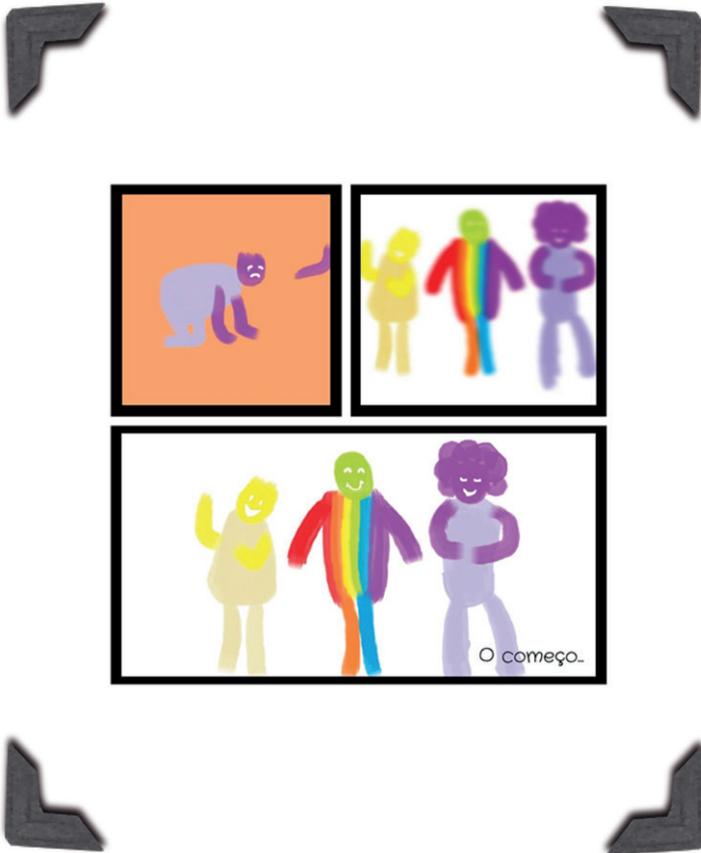


Entre a opressão...



Mesmo dentro da escuridão...

**Autoria da imagem e do texto:
Rodrigo Ferreira Montagnini**



e a resistência

...você será encontrado!

É de extrema importância ter a
quem se espelhar
e onde se encontrar,
a necessidade de representação
de diversas pessoas em diversas
áreas é real, para mostrar
que o mundo não são apenas
as duas cores
que nos dão a entender.

**Autoria da imagem e do texto:
Rodrigo Ferreira Montagnini**



Entre a opressão...



Pisaram em vocês. Tentaram calar.
Tentaram sufocar. chamaram de
bruxa. Tentaram matar.
E, infelizmente, alguns conseguiram.
Mas eles não contavam com a semente
que foi plantada...

Autoria da imagem e do texto:
Rosa Maria Santos Salmasio



e a resistência



A semente germinou.
Vocês plantaram em nós, em cada uma
de nós, a semente que resistiu.
E que vai continuar resistindo.
Agora nós lutamos por vocês, que
fizeram o possível e que começaram
a mudança. Nós não vamos parar com
a mudança!

Autoria da imagem e do texto:
Rosa Maria Santos Salmasio



Parte 2

ensaios textuais

Violência contra a mulher e os movimentos feministas como resistência

Caroline de Alexandre Rosa¹

Isabella Clemente Alencar Cunha de Menezes²

Mônica Gabrielle de Souza Severino³

1. Introdução

A violência permeia a história desde os primórdios e pode ser entendida como uma consequência do convívio social e com frequência é desencadeada pelas relações de poder. Os tipos de violência em geral são divididos em autoinfligidas, interpessoais ou coletivas, sendo que, dentro dessas categorias, todas se subdividem em física, sexual, psicológica e privação/negligência, como forma de caracterizá-las conforme configuração e natureza dos atos (KRUG *et al.*, 2002).

Entre as inúmeras violências vivenciadas no Brasil e no mundo, a violência contra a mulher (VCM) ganha importante destaque, visto que além de trazer inúmeros impactos psicológicos e físicos para a vítima, traz consequências sociais e econômicas que extravasam o âmbito familiar. Segundo o Art. 1º da Lei nº 10.778, de 24 de novembro de 2003:

.....
1 Acadêmica do curso de Medicina na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

2 Acadêmica do curso de Relações Internacionais na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

3 Acadêmica do curso de Medicina na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

[...] entende-se por violência contra a mulher qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, inclusive decorrente de discriminação ou desigualdade étnica, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público quanto no privado (BRASIL, 2003).

A VCM é mediada e determinada pelas questões de gênero, expondo a divergência entre os sexos, representada através das relações sociais de poder e os diferentes papéis de homens e mulheres (SCOTT, 2012).

Atualmente, a violência está entre as principais causas de mortes para pessoas com idade entre 15-44 anos. De acordo com a ONU Mulheres, no mundo inteiro, aproximadamente 35% das mulheres já sofreram algum tipo de violência física e/ou sexual, das quais 70% foram causadas pelo seu próprio companheiro (WHO, 2013). Além disso, ainda segundo a Organização Mundial da Saúde (2013), estima-se que mais de 87.000 mulheres foram assassinadas, sendo mais da metade mortas por seus companheiros ou familiares. Dessa forma, observa-se que a violência de gênero possui uma estimativa muito alta, o que evidencia como as mulheres correm riscos em seus ambientes domésticos e familiares onde, desde a infância, são submetidas a agressões físicas, psicológicas e/ou sexuais. Esses tipos de violência impactam negativamente a liberdade e os acessos aos direitos civis, políticos, sociais e culturais das mulheres, prejudicando toda a sua estrutura física, mental, pessoal e profissional.

A luta feminina e o debate acerca do assunto passaram a ser aprofundados na Comissão de Status da Mulher, órgão da ONU criado em 1946. Visando promover a proteção e os direitos das mulheres no mundo, a Comissão baseou-se nas falhas de tratados anteriores para promover a Declaração sobre a Eliminação da Discriminação contra a Mulher que, apesar dos esforços, não foi efetivada. Somente no ano de 1979 a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher foi adotada pela Assembleia Geral, resultando em um tratado internacional que versava sobre os direitos

humanos da mulher na busca pela igualdade de gênero e na repressão da discriminação contra a mulher. Sessenta e quatro países assinaram o tratado, que entrou em vigor em 1979. Até 2005, 180 países já haviam aderido à Convenção da Mulher. Desta forma, é possível perceber que a violência contra a mulher é um problema com raízes profundas, que são perpetuadas e toleradas pelo Estado por dezenas de anos.

Neste contexto, o que se tem observado nos últimos anos é uma mobilização constante de mulheres e movimentos feministas que exigem políticas efetivas de combate à violência contra a mulher tanto no Brasil como na América Latina em geral, de forma a se criar uma sociedade mais justa e segura à vida de todas. Pode-se destacar na Argentina o movimento Ni Una Menos, o qual iniciou suas atividades em 2014 e tem influenciado todo o continente latino americano com suas ações em defesa da vida das mulheres.

No Brasil, a participação das mulheres na vida pública é considerada recente. Apenas em 1870, quando as discussões acerca da abolição da escravidão ganharam força, é que as mulheres brasileiras encontraram formas de sair de seu universo doméstico para lutar por causas sociais envolvendo liberdade. A partir daí, de forma gradual foi-se iniciando a inserção das mulheres nos debates político-sociais e, já no século XX, foi possível ver o protagonismo feminino especialmente nas lutas pelo direito ao voto e pelo fim das opressões vivenciadas no contexto da ditadura militar (MADERS; ANGELIN, 2010). Atualmente, o movimento feminista possui grandes desafios se levarmos em consideração as inúmeras violências de gênero que permeiam a sociedade brasileira carregada de machismo e patriarcalismo, as quais se iniciam no âmbito doméstico e extravasa para o sistema judiciário, executivo e legislativo de nosso país, evidenciando que se está ainda muito longe de haver uma garantia de equidade de direitos entre gêneros.

Assim, é certo dizer que a violência contra a mulher no Brasil e no mundo possui raízes complexas e centradas em sociedades que possuem bases patriarcais que descaracterizam a figura da mulher,

tirando delas sua autonomia diante de sua liberdade física, sexual, patrimonial e psicológica. Sendo assim, este capítulo propõe discorrer brevemente sobre as violências contra a mulher, especialmente na América Latina, bem como trazer um tópico acerca de violência doméstica contra a mulher. Por fim, pretende-se tratar sobre os movimentos feministas, trazendo suas principais contribuições, ao longo da história até os dias atuais, na luta em busca de emancipação, liberdade e direitos iguais para as mulheres.

2. A violência contra a mulher

Estima-se que 30% das mulheres em todo o mundo sofreram violência física e/ou sexual (OMS, 2013). No Brasil, de acordo com os dados do Atlas da Violência 2019, houve cerca de 13 assassinatos de mulheres por dia, contabilizando 4.936 mortes no fim de 2017, o maior número registrado desde 2007 (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2019).

Assim, percebe-se que a VCM é um importante problema de saúde pública em todo o mundo, expondo essas vítimas a um risco aumentado para uma série de distúrbios e doenças, como: uso abusivo de álcool e drogas, infecções sexualmente transmissíveis, síndrome de dor crônica, transtorno do estresse pós-traumático, dificuldade de socialização, transtornos mentais (depressão, ansiedade), ideação suicida, entre outros (MOZZAMBANI et al., 2011; ZILBERMAN; BLUME, 2005). Entre as consequências físicas, lacerações, fraturas, traumas cranianos e até mesmo a morte são os principais desfechos para os episódios de violência física (WONG; MELLOR, 2014). No entanto, a família e os filhos/as também levam consigo inúmeros traumas fisiopatológicos e psicológicos, gerando repercussões até mesmo durante a vida adulta.

Segundo Moraes (2005), os tipos de violência contra a mulher se subdividem em 4 categorias: física, sexual, psicológica e econômica. Entende-se que essas violências ocorrem quando a mulher passa a ser enxergada como um objeto, o que evidencia a existência de uma relação de poder, embasada pelas questões de gênero.

A violência física, definida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal, segundo a lei Maria da Penha que será abordada no tópico 3.1, ocorre quando uma pessoa pode causar ou tentar provocar danos não acidental a outra pessoa. Essas lesões podem ser externas, internas ou ambas por meio do uso da força física (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2002). Existem várias formas de violência física, como: tapas; empurrões; socos; mordidas; cortes; estrangulamento; queimaduras; lesões por armas ou objetos; obrigar a vítima a ingerir medicamentos desnecessários ou inadequados, álcool, drogas ou outras substâncias e alimentos; amarrar; arrastar; arrancar a roupa; abandonar em lugares desconhecidos; causar danos à integridade física em virtude de negligência, por meio da omissão de cuidados e proteção, entre outros (COELHO; DA SILVA; LINDNER, 2014).

Em relação à violência sexual praticada contra mulheres, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu, no ano de 2002, violência sexual como qualquer ato sexual ou tentativa de consumir um ato sexual ou insinuações sexuais indesejadas; ou ações para comercializar ou usar de qualquer outro modo a sexualidade de uma pessoa por meio da coerção exercida por outra pessoa (KRUG et al., 2002). Sendo assim, penetração à força, assédio sexual, troca de favores a fim de obter sexo, sexo forçado pelo parceiro ou por um estranho são alguns dos atos considerados violência sexual pela organização internacional. A justiça brasileira adota a mesma definição. Nesse sentido, antes de 2009 considerava-se, no Brasil, estupro apenas ações que envolviam conjunção carnal contra as mulheres e, atentado ao pudor quando a vítima era um homem. Com a reforma da Lei nº 12.015 de 2009, tanto homem como mulher podem ser sujeitos passivos ou ativos de um crime de estupro, além de vincular atentado ao pudor ao crime sexual, fazendo com que qualquer ato libidinoso se encaixa nesta categoria. Isso tornou mais justa a pena sancionada ao agressor (NUNES; LIMA; MORAIS, 2017).

No que concerne à violência psicológica, Moraes (2005) a define como qualquer conduta que leve a um prejuízo de autoestima, de identidade ou de desenvolvimento do indivíduo. Assim, quaisquer

ações que envolvam humilhação, insulto, desvalorização, chantagem, manipulação afetiva, exploração, ameaças, qualquer privação de liberdade configuram-se como violência à vítima.

Por último, a violência econômica é definida, segundo o Ministério da Saúde (2002), como sendo qualquer ato destrutivo ou omissões do agressor que afetem a saúde emocional ou sobrevivência dos membros da família. Desta forma, são entendidas como violência financeira ações como: roubo, destruição dos bens da vítima ou dos bens conjugais, recusa do pagamento de pensões e destituição da vítima de gerir seus próprios recursos econômicos.

Ademais, a violência contra a mulher possui especificidades que englobam idade, classe social, raça/cor e escolaridade. A desigualdade racial no Brasil, por exemplo, pode ser evidenciada em um estudo realizado no ano de 2017, na qual 66% de todas as mulheres assassinadas no país eram negras (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2019). Quando analisado o perfil das vítimas em Minas Gerais nos anos de 2011 e 2012, conclui-se que a maioria das vítimas tinham idade entre 20 e 29 anos, eram brancas, casadas e sofriam abusos em casa. Em relação aos números que evoluíram à óbito, a mortalidade foi maior entre mulheres entre 30-39 anos e a letalidade foi mais comum entre mulheres de 80 anos ou mais. Além disso, a incidência de violência física foi maior entre a faixa etária de 20 a 29 anos (ANDRADE et al., 2016). Assim, fica evidente que há singularidades vivenciadas na violência contra a mulher e mostra a necessidade da geração de políticas públicas mais equitativas.

2.1. Violência doméstica contra a mulher

A violência doméstica contra a mulher (VDCM), ocorre quando a mulher se torna vítima do homem agressor, gerando dano e falta de bem estar físico e psicológico para a mulher. Ela é vista como uma subcategoria da violência de gênero, sendo a mais comum entre as violências, porém, é uma das mais invisíveis, tornando-se a violação de direito humano mais prevalente e menos analisada no mundo. No

Brasil, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020), houve 266.310 registros de lesão corporal dolosa em decorrência de violência doméstica, havendo o crescimento de 5,2% em relação ao ano anterior, o que evidencia que, apesar de ser um problema mundial, as políticas públicas nacionais estão longe de se tornarem combativas em relação a essa problemática. Ademais, por se tratar de um problema estrutural embasado em sociedades patriarcais e machistas, entende-se que a VDCM segue um padrão de ciclos de violência doméstica que cria um vínculo entre o agressor e a vítima.

O ciclo de violência segue 3 fases, sendo: Evolução da tensão; explosão/ incidência de agressão; lua de mel/comportamento gentil e amoroso (LUCENA et al., 2016). Na primeira fase o agressor começa a apresentar comportamentos ofensivos, incluindo agressões verbais e uso de objetos domésticos para intimidação da vítima. Com frequência nesta fase o parceiro faz uso de substâncias lícitas/ilícitas, especialmente álcool, o que torna visível os comportamentos depreciativos antes latentes. A vítima passa a se sentir culpada pelas ações violentas do agressor, procurando justificar essas ações com base em causas externas (uso de álcool, cansaço ou estresse). A segunda fase é marcada pelo momento do episódio agudo de violência, na qual o parceiro apresenta uma atitude descontrolada. A vítima, por outro lado, sente-se vulnerável e fragilizada, sem sentir que é possível readmitir o controle da situação. Por último, a fase 3 é marcada por um arrependimento por parte do parceiro, o qual passa a ter comportamentos afetivos e amorosos. A vítima confia novamente no companheiro, acreditando nas mudanças e promessas do agressor. Gradualmente, o relacionamento se restabelece na fase 1 de tensão e o ciclo da violência se reinicia.

Assim, é evidente que inicialmente se estabelece uma relação de confiança entre o parceiro e a vítima que gradualmente vai se transformando em uma relação de poder, na qual a mulher é objetificada e o homem é o detentor da força e do controle sobre a vítima. O ciúme excessivo e o domínio sobre a parceira são vistos pela vítima como uma forma de afeto e cuidado pelo agressor. No episódio agu-

do de violência, a relação de confiança se transforma em medo e em sintomas clínicos de ansiedade e depressão. Esse momento denomina-se síndrome da mulher espancada, a qual é marcada por culpabilização pelo ato sofrido, temor por sua vida ou de seus filhos e pela sensação de que o agressor é onisciente/onipresente.

O ciclo de violência é marcado por uma série de fatores, os quais incluem uma incapacidade da vítima de possuir uma percepção de que se está vivendo em relacionamentos marcados por violências cíclicas; comportamentos afetivos/ amorosos quando se entra na fase lua de mel; temores por suas vidas ou por julgamentos sociais. Assim, quando a vítima sofre o episódio de agressão, um dos sentimentos mais preponderantes inclui a vergonha de pedir ajuda, gerando um isolamento por parte da vítima. O parceiro, por outro lado, torna-se ainda mais ciumento impedindo-a de conviver socialmente, contribuindo para o isolacionismo da parceira. Ademais, a vítima se sente culpada por expor filhos ou familiares a realidades que incluem ciclos de violência, ajudando-a a manter-se no relacionamento e não denunciar o agressor.

Para que ocorra o rompimento do ciclo de violência, é necessário inicialmente uma compreensão de todo o sofrimento, o qual inclui entender que a vítima está vivendo um relacionamento baseado em um ciclo de agressões e violência, seja ele físico e/ou verbal (BOTH; FAVARETTO; FREITAS, 2019). Em algumas etapas desse processo, a mulher encontra forças para sair do relacionamento, porém em seguida o parceiro demonstra os comportamentos de afetividade, especialmente na fase de lua de mel, tornando o rompimento do ciclo ainda mais difícil para a vítima. Assim, em momentos em que a mulher consegue racionalizar o relacionamento ao qual está inserida, é imprescindível que haja um apoio intrafamiliar e judicial para que seja possível a libertação da vítima de relacionamentos que a expõe ao risco físico e mental.

Assim, entende-se que a VDCM é uma problemática global e bastante prevalente, especialmente no Brasil. A dinâmica dessa forma de violência envolve uma série de padrões de comportamentos repe-

titivos dentro do que se conhece por ciclo da violência. Ademais, o início dessa relação de poder acontece gradual e silenciosamente, em forma de pequenas agressões/humilhações que tendem a descaracterizar a figura da mulher, tornando-a vulnerável e refém do parceiro agressor. Além disso, para que seja possível a saída da vítima de relações que a coloque em risco, é necessário compreender que a vergonha e a autculpabilização pelas violências sofridas são importantes fatores que a impedem de denunciar o agressor. Tornar possível que a mulher consiga racionalizar o relacionamento no qual se encontra, percebendo que está vivendo um ciclo de violência, é sem dúvida o caminho inicial para o rompimento dessa relação de opressão. Ademais, ao longo da história de lutas e conquistas das mulheres frente às opressões vividas, os movimentos feministas ganharam importante participação no sentido de empoderar as mulheres, ajudando-as a racionalizar violências que antes eram invisíveis ou naturalizadas perante a sociedade. Esses movimentos, bem como sua importância na resistência às inúmeras violências e opressões direcionadas às mulheres que permeiam a história das sociedades latino-americanas, serão abordados no próximo tópico.

3. Os movimentos feministas

Segundo Soares (1994), feminismo é qualquer ação política das mulheres, as quais podem ocorrer na teoria, prática e ética. Entende-se como uma ação coletiva ou individual, na qual as mulheres transformam-se a si mesmas, mudando o mundo à sua volta.

Nesse sentido, as lutas coletivas pelos direitos das mulheres são entendidas através dos movimentos feministas. A primeira fase teve início ainda no final do século XIX, de caráter conservador, na qual a principal pauta estava relacionada ao movimento sufragista. Na segunda fase, inicia-se um feminismo menos conservador, marcado por intelectuais, líderes operárias e anarquistas, na qual o direito à educação ganhou destaque. A terceira fase foi marcada por mulheres que participaram de movimentos anarquistas e do partido comunista. Assim, ganha destaque Simone de Beauvoir, quando assuntos mais

amplos relacionados à opressão das mulheres na sociedade foram abordados, tentando compreender as raízes dessas relações de gênero na sociedade. É nesse contexto que ocorre a expansão do feminismo no ocidente e, já na década de 60 nos EUA, inicia-se o movimento feminista organizado, em que a luta pela emancipação e libertação das mulheres ganha importante protagonismo. Ao mesmo tempo, na América Latina, as ditaduras militares foram implantadas e os movimentos feministas nesses países ganharam destaque nas lutas pelas liberdades civis e pela redemocratização. Assim, este tópico propõe discorrer sobre os movimentos feministas na América Latina como forma de resistência das mulheres frente às violências (ALVES; ALVES, 2013).

3.1. Movimentos feministas no Brasil

Embora os movimentos feministas tenham conquistado várias lutas e pautas relacionadas ao domínio de um pensamento machista e patriarcalista ao longo da história, na esfera jurídica brasileira estes mesmos pensamentos de outrora ainda estão presentes. Desta forma, objetiva-se discorrer resumidamente acerca dos movimentos feministas brasileiros ao longo da história, a fim de haver um melhor entendimento sobre as contribuições femininas na conquista de direitos fundamentais para emancipação humana.

O protagonismo das mulheres brasileiras nos movimentos sociais pode ser considerado recente. Apenas em 1870, com as discussões sobre a abolição da escravidão, é que as mulheres entraram no debate em defesa da liberdade dos escravos perante a sociedade. Essa participação trouxe uma percepção para as mulheres de que estas também viviam privações de liberdade, à medida que suas vidas apenas eram ligadas aos serviços domésticos e intrafamiliares (MADERS; ANGELIN, 2010). Com isso, colocou-se a primeira semente da busca pela emancipação feminina no Brasil.

Já em 1920, Bertha Lutz criou a Federação Brasileira para o Progresso Feminino, um movimento no qual as mulheres lutavam pelo sufrágio feminino, que só foi constitucionalizado em 1934 (MADERS;

ANGELIN, 2010). Apesar do movimento feminista ter conquistado esse importante direito, logo em seguida ele foi enfraquecido e praticamente desapareceu.

Com a entrada das mulheres no mercado de trabalho através das indústrias e fábricas, especialmente na região sudeste do país, o movimento feminista renasceu novamente com o movimento das mulheres operárias anarquistas, que buscavam melhores condições de trabalho e, dessa forma, aos poucos, foram ganhando ainda mais direitos, como a criação da consolidação das leis do trabalho (CLT), alcançando assim direitos como a licença maternidade (MADERS; ANGELIN, 2010). Em 1963 passaram a participar de sindicatos, os quais pediam igualdade salarial e melhores condições de trabalho.

Embora o movimento feminista tenha tido bastante protagonismo nas lutas operárias que permearam o século XX, considera-se que a retomada deste movimento no Brasil ocorreu de fato com a Ditadura Militar de 1964 (MADERS; ANGELIN, 2010). Naquele contexto, muitas mulheres se uniram aos grupos sociais que lutavam pela redemocratização, de maneira que muitas foram exiladas e, do exílio, obtiveram contato com novas ideias ligadas ao movimento feminista. Ao retornarem para o Brasil, incorporaram novas ideias e novos debates ao coletivo feminista, auxiliando na construção de um movimento que se propunha a fazer diálogos cada vez menos conservadores. Assim, nessa fase, ocorreu uma aliança entre os movimentos feministas e o movimento de mulheres de baixa condição socioeconômica ligados principalmente a pastorais de igrejas ou a associações de bairros. No entanto, essa aliança se tornou particularmente complicada, pois lutava-se por direitos básicos como alimentação, saúde e saneamento sem discutir as questões de gênero que permeavam essas lutas (MADERS; ANGELIN, 2010). Ademais, há de se ressaltar que os movimentos feministas conseguiram se difundir aos poucos pela forma como foram se unindo aos movimentos de mulheres e, gradativamente, novas bandeiras foram surgindo. Passou-se, então, a discutir assuntos como direitos reprodutivos, combate à violência contra a mulher, sexualidade e aborto, ao mesmo tempo em que houve uma incorporação de novos grupos ativistas como dos gays, lésbicas e negros.

No que concerne à área jurídica, os movimentos feministas e de mulheres foram responsáveis por importantes modificações relativas a leis que antes eram pouco igualitárias e refletiam a sociedade machista e patriarcalista vigente. A exemplo, o Código Civil de 1916 previa que o chefe da família era o homem e que, portanto, este detinha todo o controle da vida conjugal, tanto de bens materiais como das administrações da vida familiar, deixando clara a situação de submissão feminina nas relações intrafamiliares (MADERS; ANGELIN, 2010). Em 1980, os movimentos feministas conseguiram adentrar nos partidos políticos e assim conseguir uma brecha para atingir uma autonomia feminina baseada em modificações legislativas e desenvolvimento de políticas sociais que garantem uma equidade de gênero (MADERS; ANGELIN, 2010). Assim, em 1988 foi elaborada a Constituição Federal, que contou com a participação de figuras femininas em sua elaboração e que, portanto, igualou os direitos civis das mulheres e dos homens na vida pública e privada, tornando-se um símbolo na luta das mulheres na busca pela igualdade de gênero.

Durante a década de 1990, o movimento feminista se concentrou em debater questões relacionadas à violência doméstica, a qual teve como grande marco a criação da Lei Maria da Penha em 2006. Em 2001, o país foi condenado pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos, da Organização dos Estados Americanos (OEA), por negligência relacionada à violência contra a mulher, tornando evidente que o Estado e a sociedade em geral toleravam este tipo de violência, com medidas nada combativas, especialmente no âmbito judicial (MORAIS, M. O.; RODRIGUES, T. F., 2016). As novidades da Lei Maria da Penha perpassam não apenas nas punições para atos de violência doméstica que se tornaram mais severas, mas também passaram a tentar prevenir e combater a violência doméstica e familiar contra a mulher, bem como tem o objetivo de garantir direitos humanos básicos, como dignidade e individualidade feminina. Assim, a Lei permite ações como: prisão em flagrante e preventiva do agressor, medidas de proteção (afastamento do agressor do lar, proibição de contato com a ofendida, etc.) e criação de juzgados de violência con-

tra a mulher. Além disso, o tempo máximo de permanência na prisão do agressor foi aumentado para três anos, importante conquista, visto que, antes da criação da lei, a pena incluía apenas pagamentos de cestas básicas ou multas. Contudo, entende-se que somente a lei não mudará a realidade brasileira, de forma que, na própria lei, reconhece-se a necessidade de uma conscientização social acerca das questões de gênero e de qualquer forma de desigualdade que possui relações de poder e dominação, sendo necessário um trabalho multidisciplinar para se alcançar esse objetivo.

Embora a Lei Maria da Penha tenha auxiliado e muito nos avanços em relação à violência doméstica, ela possuiu um impacto ainda considerado pequeno em relação ao feminicídio, homicídio de mulheres por questões de gênero. Segundo a pesquisa *Avaliando a Efetividade da Lei Maria da Penha* (CERQUEIRA, Daniel et al, 2015), a Lei fez diminuir em apenas 10% a taxa de feminicídio. Devido às altas taxas de morte decorrente do gênero, foi criada a Lei do Feminicídio em 2015, a partir da reivindicação de vários setores da sociedade civil. A Lei nº 13.104/15 torna o feminicídio um homicídio qualificado e o coloca na lista de crimes hediondos, com penas mais altas, de 12 a 30 anos. Assim, considerando-se que a violência contra a mulher leva ao feminicídio, é necessário que seja ampliado o debate acerca do feminicídio, haja vista que as discussões se pautavam apenas em debater as violências de gênero e muito pouco os homicídios que estão ligados a ela, especialmente se levarmos em consideração que a morte em decorrência de ser mulher é a expressão máxima do machismo, patriarcalismo e do ódio ao ser feminino. É importante ressaltar que não há ainda, em nossos dias, políticas públicas efetivas de combate ao feminicídio.

Assim, as lutas pelos direitos humanos básicos e emancipação das mulheres foram e estão ocorrendo baseadas em lutas realizadas pelos movimentos feministas e por mulheres junto às sociedades. No século XXI, pode-se considerar que grandes conquistas foram possíveis, se levarmos em consideração a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio, as quais buscam formas de combater as inúmeras violências

contra a mulher. Porém, ainda há um longo caminho a ser percorrido para a erradicação da cultura de violência contra a mulher, visto os altos números de violência e feminicídio como evidenciam os dados anualmente. Esse objetivo só será alcançado quando o debate acerca da educação/conscientização sobre igualdade de gênero alcançar a sociedade como um todo, levando à criação de leis mais justas e interações sociais baseadas no respeito e na igualdade de direitos.

3.2. Movimentos feministas na América Latina

"América Latina é a região mais letal para mulheres." A frase refere-se a uma manchete no renomado Jornal El País no ano de 2018. Ainda na reportagem, dados revelam que somente no ano de 2017, 86.700 mulheres argentinas denunciaram casos de agressões físicas e psicológicas, das quais quase 23% delas afirmaram ter sofrido violência por mais de 10 anos.

A América Latina possui uma média diária de 9 feminicídios. Um número preocupante se levado em consideração que em alguns países como México e Colômbia nem se quer contabilizam o número de casos. De acordo com informações oficiais da CEPAL, em 2018, na América Latina e Caribe, 3.529 mulheres foram vítimas de feminicídios praticados pelo seu parceiro ou ex-parceiros. A exemplo disso, El Salvador configura-se com a maior taxa de feminicídio da América Central. Já na Argentina, em média, uma mulher é assassinada a cada 30 horas.

Com a crescente onda de violência contra mulher, mobilizações da sociedade civil em prol das mulheres e da igualdade de gênero tornaram-se mais evidentes. Gherardi (2016) afirma que "foi a violência extrema contra as mulheres que resultou na mobilização maciça das sociedades latino-americanas nos últimos anos." Um desses resultados foi o movimento Ni Una Menos, que surgiu inicialmente como um movimento contra os feminicídios na Argentina em 2014. Porém, logo se converteu numa agenda de reivindicações de direitos das mulheres contra os flagelos do sistema capitalista e das políticas neoliberais que, direta ou indiretamente, contribuem para a dominação

e conseqüente extermínio do corpo feminino. Entretanto, foi somente em 2015 que o grupo se tornou internacionalmente conhecido.

Accossatto e Sendra (2018) afirmam que o primeiro fator que influenciou a emergência desse movimento, além do descontentamento social frente ao machismo, foi a trágica notícia da morte de uma jovem chamada Diana Garcia, de apenas 19 anos, levando o coletivo feminino a reunir-se na Praça Boris Spivacow, na capital Buenos Aires, no dia 26 de março de 2015 como forma de protesto. O segundo fator deu-se a partir da denúncia do feminicídio de outra jovem argentina Chiara Páez, 14 anos, que foi brutalmente assassinada pelo seu então namorado Manuel Vallejos, 16 anos. Chiara, à época, estava grávida e a violência com a qual foi tratada indignou e mobilizou imediatamente multidões que se concentraram em frente ao Congresso na cidade de Buenos Aires.

Em entrevista ao jornal feminista *Catarinas*, a ativista Cecília Palmeiro, uma das organizadoras, fala para além da violência. Ela faz uma relação entre a violência machista e a economia do tipo capitalista, a qual cada vez mais reproduz a desigualdade de gênero. Cecília afirma que “o trabalho invisibilizado em casa e desvalorizado no mercado sustenta a economia capitalista. O trabalho não reconhecido em casa é escravo, porque as mulheres não têm escolha e, quando escolhem não obedecer às regras, são assassinadas.”

O movimento tomou proporções internacionais e mobilizou mais de 400.000 mil mulheres, movimentos políticos, sindicatos, artistas que somaram forças com outros movimentos feministas na América Latina como, por exemplo, o *Pan y Rosas*, no Chile. Desde sua primeira marcha, em 3 de junho de 2015, o *Ni Una Menos* tem como objetivo principal denunciar as várias formas de violência machistas da sociedade, desde violências físicas a violências cometidas pelo Estado capitalista, como por exemplo, o desmonte da previdência. Também denuncia a violência midiática que escancara as mulheres e seus corpos sempre de maneira culpabilizadora, reforçando o patriarcado e seus privilégios. Isso serviu de base para a reivindicação de medidas e políticas efetivas por parte do governo no enfrentamento à violência de gênero.

Como resultado, em junho de 2015, foi aprovada a Lei de Emergência Nacional contra a violência às mulheres, que garante um patrocínio jurídico gratuito para as vítimas. O Plano Nacional prevê um regime de subsídios às vítimas de abuso desde os 16 anos de idade até sua inserção no mercado de trabalho. Para, além disso, questões como moradia segura, educação e empréstimos à taxa zero também estão inclusos. Para Marques (2019) o Ni Una Menos é considerado uma rede feminista e ciberfeminista transnacional, uma articulação empreendida de forma significativa e coletiva, assumindo que a problemática da violência contra mulher não se resume apenas ao agressor, mas é também uma responsabilidade do Estado que perpetua o sistema capitalista, machista, patriarcal e colonial.

O movimento feminista aliado a ferramenta redes sociais foi responsável por mobilizar 138 protestos na Argentina e 110 em outras cidades latino-americanas. Também foi responsável por criar uma rede de network na luta contra a violência de gênero na América Latina, composta por mais de 834 organizações, entre ONGs, movimentos feministas do continente e Organizações Internacionais. Cecília Palmeiro reafirma que são um movimento enorme, popular e massivo. "Somos o feminismo anticapitalista, antipatriarcal, anticolonial e antirracista" (CARTA MAIOR, 2017). Afirma que podemos fazer alianças com todas as mulheres, pois nos encontramos em pontos comuns, em um movimento horizontal, popular e democrata, em uma revolução. Ela argumenta que o feminismo é transnacional e que "indígenas do Brasil podem se aliar às negras norte-americanas, ou brancas da Polônia às negras da Nigéria." (CATARINAS, 2017)

Accossatto e Sendra (2018) relatam também que, no Peru, a marcha do movimento Ni Una Menos aconteceu no dia 13 de agosto de 2016 para pedir que acabe com a violência em todas as suas expressões e obteve apoio do então Presidente Pedro Pablo Kuczynski (2016-2018) e de sua Vice-Presidente Mercedes Aráozel, a qual inclusive reconheceu ter sido vítima de violência psicológica.

Historicamente, a luta feminina alcançou, ao longo dos anos, inúmeras conquistas e se caracteriza como uma importante ferramenta no enfrentamento das relações desiguais entre homens e mulheres.

Não buscamos por superioridade, buscamos por igualdade entre os gêneros, por respeito social e por segurança estatal. Ademais, frente a tantas opressões sofridas e vidas femininas tiradas, o Ni Una Menos foi responsável por reunir em uma só voz mulheres do mundo inteiro que clamavam por emancipação, liberdade e direitos fundamentais: “*Ni Una Menos. Vivas Nos Queremos!*”

4. Conclusão/ Considerações finais

Diante de tudo que foi exposto neste trabalho, é importante perceber que a violência contra a mulher é um problema altamente prevalente e estrutural que pode ser entendida como um produto de culturas machistas e patriarcais de sociedades fundadas na dependência e subordinação de mulheres. Possuir um entendimento mais aprofundado no que se refere às particularidades de certos tipos de violência contra a mulher, como a VDCM, auxilia tanto o poder público como a vítima na tomada de decisões protetivas para que ocorra um afastamento da realidade que expõe tantas mulheres ao sofrimento físico e psíquico. Ademais, deve-se haver um reconhecimento das lutas das mulheres ao longo da história no que se refere à busca por direitos que envolvam igualdade de gênero, haja vista que nenhuma conquista, seja nos dias atuais, seja no passado, foi lograda de maneira simples. Por fim, diante dos números ainda assustadores de violência contra a mulher no Brasil e no mundo, entende-se que se está muito longe de vivermos em um mundo no qual homens e mulheres se enxerguem como iguais e, portanto, detentores de mesmos direitos. Contudo, a história nos mostra que a luta feminista sempre estará presente para fazer os indivíduos questionarem as relações à sua volta, a fim de fazer romper o pensamento arcaico de dependência e subordinação que sempre permeou as relações de gênero das sociedades.

5. Referências bibliográficas

ACCOSSATTO, R.; SENDRA, M. **Movimientos Feministas em la era digital. Las estrategias comunicacionales del movimiento Ni Una Menos.** Universidad Nacional del Cuyo, Mendoza, 2018.

ALVES, A. C. F.; ALVES, A. K. DA S. **As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres**. IV Seminário CETROS Neodesenvolvimento, Trabalho e Questão Social, 2013.

ANDRADE, J. DE O. et al. **Indicators of violence against women according to the reports of health services in the state of Minas Gerais-Brazil**. Texto & Contexto - Enfermagem, 2016.

BOTH, L. M.; FAVARETTO, T. C.; FREITAS, L. H. M. **Cycle of violence in women victims of domestic violence: Qualitative analysis of OPD 2 interview**. Brain and Behavior, v. 9, n. 11, nov. 2019.

BRASIL. Lei nº 10.778, de 24 de novembro de 2003. Estabelece a notificação compulsória, no território nacional, do caso de violência contra a mulher que for atendida em serviços de saúde públicos ou privados. Diário Oficial da União, 24 de novembro de 2003.

GUIMARÃES, P. **"A violência econômica é feminicida"**. Catarinas, 2017. Disponível em: <<https://catarinhas.info/violencia-economica-e-femicida-afirma-ativista-don-uma-menos/>> Acesso em: 25/01/2021

CERQUEIRA, D., et al. **"Avaliando a efetividade da Lei Maria da Penha"**. Curadoria Enap, 2015. Disponível em: <<https://exposicao.enap.gov.br/items/show/228>> Acesso em: 30/01/2021

COELHO, E. B. S.; DA SILVA, A. C. L. G.; LINDNER, S. R. **Violência: Definições e Tipologias**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/1862/1/Definicoes_Tipologias.pdf.

América Latina é a região mais letal para Mulheres. El País, 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/24/actualidad/1543075049_751281.html> Acesso em: 28/01/2021

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020**. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/anuario-14-2020-v1-interativo.pdf>> Acesso em: 29/01/2021

GHERARDI, N. **Violência contra mulheres amazônicas**. Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 17, n. 6, p. 968–973, 2016.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas de violência 2019**. Ipea, 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&id=34784> Acesso em: 29/01/2021

KRUG, E. G. et al. **The world report on violence and health**. Lancet, 2002.

LUCENA, K. D. T. DE et al. **Analysis of the cycle of domestic violence against women**. Journal of Human Growth and Development, v. 26, n. 2, p. 139–146, 29 ago. 2016.

MADERS, A. M.; ANGELIN, R. **A Construção da Equidade nas Relações de Gênero e o Movimento Feminista no Brasil: Avanços e Desafios**. Cadernos de Direito, v. 10, n. 19, p. 91–115, 30 dez. 2010.

MARQUES, B. M. **A atuação do movimento Ni Una Menos como rede (feminista) de ativismo transnacional na luta contra a violência de gênero na Argentina (2014-2016)**. *Fronteira: revista de iniciação científica em Relações Internacionais*, v. 18, n. 35, p. 62-87, 30 abr. 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço. Secretaria de Políticas de Saúde**. Brasília, 2002. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf> Acesso em: 25/01/2021

MORAES, A. **Curso de Direito Constitucional**. São Paulo: Atlas, 2005.

MORAIS, M. O.; RODRIGUES, T. F. **Empoderamento feminino como rompimento do ciclo de violência doméstica**. *Revista de Ciências Humanas, Viçosa*, v. 16, n. 1, p. 89-103, jan./jun. 2016.

MOZZAMBANI, A. C. F.; RIBEIRO, R. L.; FUSO, S. F.; FIKS, J. P.; DE MELLO, M. F. **Gravidade psicopatológica em mulheres vítimas de violência doméstica**. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v. 33, n. 1, p. 43-47, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010181082011000100008&lng=en&nr-m=iso&tlng=pt> Acesso em: 25/01/2021

NUNES, M. C. A.; LIMA, R. F. F.; MORAIS, N. A. DE. **Violência Sexual contra Mulheres: um Estudo Comparativo entre Vítimas Adolescentes e Adultas**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2017.

Femicídio ou femicídio. Cepal, 2018. Disponível em: <<https://oig.cepal.org/pt/indicadores/femicidio-ou-femicidio>>. Acesso em: 28 Janeiro de 2021.

Violência contra as mulheres e meninas é pandemia invisível, afirma diretora executiva da ONU Mulheres. ONU Mujeres, 2020. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/noticias/violencia-contra-as-mulheres-e-meninas-e-pandemia-invisivel-afirma-diretora-executiva-da-onu-mulheres/>>. Acesso em: 28/01/2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Estimativas globais e regionais da violência contra as mulheres: prevalência e efeitos na saúde da violência sexual por parceiros íntimos e não parceiros**. Suíça, 2013

SCOTT, J. W. G. **A useful category of historical analysis**. In: *Theory and Method in Women's History*. De Gruyter Mouton, 2012. v. 91p. 443-465. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1864376>> Acesso em: 24/01/2020.

SERAFINI, M. **Ni Una Menos: 'Tecemos uma rede feminista que vai abalar a terra'**. Carta Maior, 2017. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Ni-Una-Menos-u21CTecemos-uma-rede-feminista-que-vai-abalar-a-terra-u21D/4/37833>> Acesso em: 28/01/2021.

SOARES, V. **Movimento de mulheres e feminismo: evolução e novas tendências**. IN: *Revista Estudos feministas*. Rio de Janeiro, 1994.

WONG, J.; MELLOR, D. **Intimate partner violence and women's health and well being: Impacts, risk factors and responses**. *Contemporary Nurse*, v. 46, n. 2, p. 170-179, 2014. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24787250/>> Acesso em: 24/01/2021

World Health Organization (WHO). **Global and regional estimates of violence against women prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence**. Geneva: WHO; 2013.

ZILBERMAN, M. L.; BLUME, S. B. **Domestic violence, alcohol and substance abuse** Revista Brasileira de Psiquiatria Associação Brasileira de Psiquiatria, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462005000600004&lng=en&nrm=iso&tlng=en> Acesso em: 24/01/2021.

A construção da inferioridade feminina e sua luta por libertação

Danielle Nogueira Batistela

1. A forma do estereótipo feminista

1.1 A diferença amparada no biológico e no social

Quando se pensa sobre o feminismo, a primeira coisa a qual é relacionada a ele geralmente é a dicotomia entre feminino/masculino, uma análise pautada na construção do sexo biológico enquanto diferença, mas isso não pode ser generalizado e tido como ponto de partida sempre, seria muito simplista. Assim como um país que tem suas características próprias tanto de cultura quanto de luta, o conceito de gênero também pode variar dependendo da localidade, o que se comprova com o texto de Oyěwùmí (2004).

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie traz, em seu livro *“Sejamos Todos Feministas”* (2015), as diferentes faces que a palavra feminista pode simbolizar para as pessoas. Um simbolismo marcado por uma grande manifestação de preconceito, uma discriminação que atrela sempre a capacidade de uma mulher em comparativo a um homem, em que a figura feminina é ligada seja por elogio ou por ofensa à visão masculina do que é certo, e menosprezada em suas lutas por não seguir a lógica de pensamento imposta como correta, mas sim por defender um posicionamento próprio.

O que faz com que a sociedade patriarcal, em sua defesa, desenvolva maneiras de desvalorizar a luta do feminino, que almeja desconstruir conceitos e valores ultrapassados, como meio de não instigar uma nova forma de pensar, mas continuar propagando o antiquado, para manter a submissão da mulher, e deixar intacto o poder já esta-

belecido pelos homens, fazendo com que o feminismo esteja amparado em ideias erradas como a de que as feministas são “mulheres infelizes que não conseguem arranjar marido” (ADICHIE, 2015, p. 13) a fim de continuar a afirmar que a sociedade não precisa de mudanças, muito menos de mulheres trazendo essas modificações.

Ou que “[...] a feminista odeia os homens, odeia sutiã, odeia a cultura africana, acha que as mulheres devem mandar nos homens; [...]” (ADICHIE, 2015, p. 15). Essa visão estereotipada do que é ser uma mulher feminista é um dos principais entraves para se discutir realmente o que importa para o movimento, porque a barreira da falta de conhecimento sobre o assunto e a transmissão de ideias erradas não promovem diálogo, instauram somente mais preconceitos, como os citados acima, disseminando valores errados do movimento para confundir o povo e não discutir o que realmente importa ao feminismo, que é o combate à opressão masculina em suas múltiplas formas de manifestação.

Mas não é novidade que a sociedade patriarcal batalhe para silenciar as diferentes maneiras que as mulheres encontraram de transformar a coletividade em que viveram e vivem. A história cultural de diversos povos, desde a Grécia Antiga até a Contemporaneidade, expõe a falta de direitos das mulheres ao longo dos séculos e a construção da inferioridade feminina como algumas das dificuldades encontradas por mulheres que almejavam participar ativamente do meio social.

Um outro reflexo do machismo está presente fortemente na dinâmica de funcionamento da economia. Pois, considerando a mesma capacidade de atuação para homens e mulheres dentro das vastas áreas de formação acadêmica que se têm hoje, é ilógico pensar que em um universo onde mais da metade da população mundial é feminina, os cargos de maior grau de poder e prestígio ainda estejam ocupados por homens.

Isso mostra que não só no Brasil, mas no mundo, as formas de oprimir foram adaptadas à realidade contemporânea, desvalorizando a mulher pelo seu ganho financeiro, por exemplo, já que “quando

um homem e uma mulher têm o mesmo emprego, com as mesmas qualificações, se o homem ganha mais é porque ele é homem" (ADICHIE, 2015, p. 20-21).

A organização econômica é um dos contextos que a diferença de gênero se faz presente, onde mulheres são sempre mais subjugadas e inferiorizadas, devendo ter desde uma linguagem gentil, até comportamentos controlados como não poder demonstrar raiva ou ser agressiva, tampouco discordar, porque seria grosseria, no entanto, isso vindo de um homem traz o simbólico de força. Mas a pergunta que fica é: por que a sociedade desenvolveu essa maneira de agir e pensar? Por que as mulheres deveriam apenas se preocupar em casar e ter filhos, enquanto os homens podiam fazer tudo que quisessem sem que necessariamente fossem julgados sobre tais atos?

2. As construções sociais do feminino e do masculino

2.1 O tratamento diferencial

A finalidade de se construir os mesmos cenários de atuação para cada gênero está em poder ter controle sobre suas formas de pensar e agir, sem que eles tenham maneiras de modificar isso, uma vez que já está enraizado no comportamento feminino e masculino como devem se portar em sociedade, o que retira a autenticidade, a personalidade e a independência de querer ser o que se é, colocando-os dentro dos padrões esperados. Ademais, o peso das expectativas do gênero, construídas ao longo da história, limita a visão do que um homem e uma mulher podem vir a ser, pois, antes de tudo, uma mulher deve ser esposa, dona de casa e procriadora, sem questionar.

Quanto ao homem, provedor, com emoções suprimidas, sem humanidade, pois sua honra e respeito estão amparadas nas suas conquistas pessoais, o que envolve não só o lado financeiro, mas de relacionamento também, este baseado na noção de posse, não de parceria, o que legitima uma sociedade culturalmente patriarcal desde cedo e a propagação de uma mentalidade retrógrada, que insiste

numa única conduta masculina, como se todos os homens deveriam seguir o mesmo modelo para serem validados como tal, deixando claro o pensamento de que “o problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos” (ADICHIE, 2015, p. 36).

Em termos de negócios, se espera que por ser mulher, para ser levada a sério e demonstrar sua capacidade, deva evitar roupas femininas “demais”, visto que “quando se trata de aparência, nosso paradigma é masculino” (ADICHIE, 2015, p. 41). Então, nota-se o quão problemático é estar num meio em que se construiu, mais uma vez, uma hierarquia de poder, gestão, e agora, vestimenta, pois ser feminina também reduz sua chance de ser ouvida. Que voz é essa que oprime ao invés de libertar? Uma voz que não olha para uma mulher com a mesma igualdade que olha para um homem, pelo contrário, um cenário que não a respeita pela sua feminilidade e competência, mas a julga por sua aparência e estilo. Quando Chimamanda diz “a cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura.” (2015, p. 48), encara-se a realidade acima, incentivada pelo meio cultural.

Subentende-se que a lógica do opressor e do oprimido se expressa também nas diferenças de atuação profissional do homem e da mulher, pois foi construída ao longo dos séculos e naturalmente aceita pela sociedade, já que, desde estudos acadêmicos até pensamentos econômicos e políticos, poucas mulheres foram citadas por suas invenções ou presentes no cenário mundial por sua música, por exemplo, o que colabora para uma cultura machista e misógina, que foi criada propagando o homem como o alvo de poder supremo, detentor de todas as vozes. No entanto, para modificar essa realidade, assim como Adichie, as mulheres continuam lutando para que a definição correta de feminista seja amplamente disseminada como “uma pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos” (2015, p. 49), mas com garantia de equidade. A visão de inferioridade dada à mulher foi construída ao longo da história, amparada em mais de uma justificativa para essa “aceitação”. Na vertente religiosa cristã, Chakian (2020, p. 15) afirma que a criação de

Eva a partir de Adão deu início à legitimação da submissão da mulher em relação ao homem. Na literatura médica, com a teoria de Thomas Laqueur sobre um sexo único, a existência apenas do sexo biológico masculino tornava a mulher um homem com defeitos. Já na filosofia, Aristóteles definia as mulheres “[...] como frágeis, plasmáveis, além de irracionais e passionais” (CHAKIAN, 2020, p. 20). Todas essas formas de pensar deixam claras as inúmeras incapacidades e fragilidades que foram divulgadas, por anos, como valores corretos ligados às mulheres, e que muitas confrontam até hoje para romper esses paradigmas.

Segundo Sílvia Chakian, em seu livro *A Construção dos Direitos das Mulheres*:

De qualquer forma, se a situação da mulher, desde os primórdios até o surgimento do Estado moderno, não pode ser examinada sob o prisma da opressão ou da violência de gênero – categorias que sequer existiam –, nada impede que a análise seja feita com a identificação de que, de fato, historicamente, as mulheres sempre estiveram em condição de inferioridade e desvantagem: legisladores, sacerdotes, filósofos, escritores e sábios sempre se empenharam em demonstrar que a condição subordinada da mulher ‘era desejada no céu e proveitosa na terra’ (CHAKIAN, 2020, p. 6).

É importante destacar que a condição da mulher no Brasil não era diferente, a depender da classe social a que pertenciam, seu tratamento era mais desigual e severo. Cada figura feminina apresentava um aspecto da sociedade que precisava de mudança, pois apesar da variedade “mulheres indígenas, mulheres negras escravizadas, mulheres brancas pertencentes às camadas mais pobres e mulheres brancas pertencentes à classe dominante [...]” (CHAKIAN, 2020, p. 64 – 65) todas vivenciaram retratos distintos de discriminação.

Para cada grupo de mulheres, havia uma batalha diferente no fronte,

enquanto mulheres brancas da classe dominante enfrentaram a discriminação no espaço privado, onde sempre tiveram que obedecer ao modelo de subalternidade em relação ao chefe da família;

mulheres negras experimentaram todo tipo de violência dentro e fora das senzalas, seja nos campos de trabalho, onde eram vítimas de todo tipo de castigo físico ou humilhações, seja dentro dos espaços privados, onde eram estupradas por seus senhores (CHAKIAN, 2020, p. 65).

O que se nota é que, independentemente do período, as mulheres continuaram subjugadas por homens, porque estando servindo às necessidades masculinas, elas têm um papel dentro do meio social. Entretanto, quando começam a ter reconhecimento e expansão de sua força, seja de trabalho ou pessoal, passam a ser massacradas e enquadradas numa realidade a que não pertenciam, como foi na Idade Média, na “caça às bruxas”. Jean- Michel Sallmann, citado na obra de Sílvia, alerta que muitas mulheres foram facilmente condenadas por não estarem dentro dos padrões da época,

ressalta que muitas das mulheres acusadas de feitiçaria eram aquelas sem marido, filhos ou irmãos, sobretudo as viúvas e pobres. E também aquelas que detinham conhecimento médico (medicina empírica), como era o caso de parteiras e curandeiras, afinal de contas “a sabedoria somente poderia ter sido transmitida pelo demônio”. Acreditava-se que, se poderiam curar, também teriam o poder de causar o mal” (CHAKIAN, 2020, p. 17).

Após anos de submissão, a luta contra a opressão masculina e a busca pelo direito de existência fora do ambiente do lar começaram a se fazer presentes. Logo, o feminismo ganha destaque a partir da segunda metade do século XIX, organizando-se como um movimento político. Na definição de Maria Amélia de Almeida Teles,

[...] o feminismo é uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres. Essa opressão se manifesta tanto a nível das estruturas como das superestruturas (ideologia, cultura e política). Assume formas diversas conforme as classes e camadas sociais, nos diferentes grupos étnicos e culturas. Em seu significado mais amplo, o feminismo é um movimento político. Questiona as relações de poder, a opressão e a exploração de grupos de pessoas sobre outras. Con-

trapõe-se radicalmente ao poder patriarcal. Propõe uma transformação social, econômica, política e ideológica da sociedade (TELES, 1999, p. 10).

Assim, o feminismo não é único, mas plural, uma vez que abrange diferentes maneiras de pensar e de militância na luta pelo direito das mulheres. Engloba também divergências, já que, pela sua diversidade, atua como um feminismo não unificado, com múltiplas causas de interesse e defesa, mas interligado na intenção de manifestar seu desejo e objetivo de que mais mulheres não sejam oprimidas.

As divisões e pluralidades do feminismo são estudadas por fases. Segundo Martha Hamallas, citada por Sílvia, os períodos retratados são distribuídos com a seguinte lógica:

A primeira fase das teorias feministas pode ser chamada de 'Equality Stage, ou 'Estágio da Igualdade/ Equidade', dos anos 1970; a segunda 'Difference Stage', ou 'Estágio da Diferença', dos anos 1980; e por fim, a 'Diversity Stage', ou 'Estágio da Diversidade', em 1990 (CHAKIAN, 2020, p. 142 apud BAKER, 2015, p. 49 – 50).

A primeira onda ocorreu entre o final do século XIX e início do século XX, sendo “marcada pelas ideias de liberalismo e universalismo” (CHAKIAN, 2020, p. 143) demonstrando que se homens e mulheres tinham as mesmas condições intelectuais e morais, deveriam ter as mesmas oportunidades de participação política. Já a segunda fase ocorreu entre as décadas de 1960 e 1970, retratando:

em essência, a discussão acerca da emancipação feminina e do próprio papel da mulher em sociedade, pensamento especialmente derivado da obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, que marcou esse período e ensejou uma série de debates acadêmicos e teóricos (CHAKIAN, 2020, p. 145).

Fechando a ordem, a terceira onda, iniciada entre o final da década de 1980 e 1990, na qual avança “a discussão sobre as mulheres sob a perspectiva das relações de gênero como um regime político, [...]” (CHAKIAN, 2020, p. 149) levantando questionamentos aos

insucessos do movimento da década anterior. Dessa forma, a terceira fase do movimento feminista é marcada pelas críticas aos desacertos da segunda fase, sobretudo àqueles relacionados à visão essencialista quanto ao ser mulher.

Como consequência da terceira fase, o feminismo já não mais se enquadrava para abranger somente mulheres brancas e da elite, afinal, a pluralidade dos grupos de mulheres se refletiu também no movimento, que não estava lutando apenas pela defesa dos interesses de uma minoria,

repudiando, portanto, a construção de uma categoria universal, essa fase é marcada pela afirmação de que as mulheres são múltiplas e plurais, razão pela qual a questão de gênero só pode ser analisada se em conjugação com outras categorias, como raça, classe, orientação sexual, geração, etc. (CHAKIAN, 2020, p. 149).

Com isso, o feminismo negro começou a denunciar a invisibilidade das mulheres negras para o movimento. Isso evidenciou o que as feministas negras estavam procurando mostrar, desde a primeira onda, que a desigualdade feminina variava entre as categorias de raça e classe. Com a abertura dessa discussão, novas autoras se fizeram presentes nesse cenário, modificando as perspectivas e ações quanto à causa.

As vozes do feminismo negro são muitas, dentre elas, Audre Lorde, negra, caribenha e lésbica, que ressaltou o valor de não se hierarquizar opressões e mostrou que, assim como outras, também teve dificuldade de se encaixar pois suas múltiplas classificações, feminista, racial e LGBT faziam com que as diferenças se tornassem maiores que as similaridades na luta pelo direito das mulheres.

Uma outra expoente é Bell Hooks,

autora de relevantíssimas obras que tratam do sistema raça, classe e gênero, dentre elas *O feminismo é para todo mundo*, no qual a autora define o feminismo como movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão, salientando como homens e mulheres são socializados desde muito cedo para a reprodução de ações sexistas (CHAKIAN, 2020, p. 152).

Dessa forma, a interação entre as diferentes formas de subordinação, como raça, gênero e o patriarcado, conforme concluiu Crenshaw, citada na obra de Sílvia (2020) devem ser analisadas em conjunto, porque se retroalimentam, e não como variáveis independentes umas das outras.

Naomi Wolf, em seu livro *O mito da beleza*, complementa que:

Sob certos aspectos, os novos feminismos são muito diferentes do feminismo icônico das décadas de 1960 e 1970. Eles são mais pluralistas, mais tolerantes, mais inclusivos quanto aos homens, mais conscientes de questões relacionadas aos movimentos LGBT, mais sofisticados quanto à intersecção de raça, classe e gênero, mais atentos para as questões feministas no mundo em desenvolvimento (WOLF, 2020. p. 11).

Nota-se, entretanto, que o pensamento feminista está em constante transformação. E, como movimento político, luta pela desconstrução de discursos hegemônicos, que ainda oprimem e inferiorizam a diversidade de identidades e vivências de cada mulher. Logo, sabe-se que o movimento não é perfeito, tem suas falhas, críticas, e imperfeições, mas, mesmo assim, batalha para que as mulheres sejam valorizadas, reconhecidas e respeitadas dentro de uma sociedade que em pleno século XXI ainda se mostra patriarcal e machista.

3. A “prisão” da beleza

3.1 Desconstruções

A autora observa que “a cada geração em que houvesse um forte avanço por parte das mulheres, algum ideal surgia para sugar as energias e garantir que elas não progredissem mais” (WOLF, 2020, p. 10). Naomi discute abertamente que as construções de beleza causam esse impacto e vem massacrando a liberdade da mulher, pois a beleza feminina, muitas vezes, está presente nas idealizações da mídia, com um discurso que mostra uma

[...] dinâmica envolvida na qualidade da perfeição cada- vez – mais – inatingível, cada – vez – mais

– magra, cada – vez – mais – aperfeiçoada – por – cirurgias que bombardeava a sensibilidade das mulheres em todas as direções, agora que as mulheres tinham a oportunidade de ser realmente livres (WOLF, 2020, p. 10).

O que mostra que, ao mesmo tempo que se têm mulheres que definem seus padrões de beleza amparadas num ideal de revista - midiático - um modelo comparativo e tóxico, há mulheres que entendem que essas definições são dadas por elas, utilizando o “seu direito de analisar e criticar os ideais que lhes são apresentados pela mídia de massa e para definir por si mesmos o que é beleza, glamour e estilo” (WOLF, 2020, p. 12).

E até aquelas consideradas como modelo de padrão a ser seguido admitem saber que o ideal é ser magra, branca e loura, com um rosto sem imperfeições, com simetria, e sem defeitos, uma mulher que fosse inteiramente “perfeita” aos olhos da sociedade patriarcal, uma construção esperada e desejada pelos homens, mas um retrato que não pertence a pluralidade de mulheres no mundo.

Então, em termos de aparência, as mulheres começaram a cada vez menos aceitar suas rugas, sua cor de pele, que envolve neste caso representatividade também, passaram a deteriorar seu corpo com cirurgias desnecessárias, causando danos irreversíveis em sua própria imagem, e assim, inconscientemente, estão presas num ideal que impõe que seu valor esteja apenas no seu corpo, e o mais intrigante, sendo este um único molde de corpo, o que é desumano.

Além disso, o livro de Wolf trouxe uma outra percepção da mulher, com a quebra dos mitos pessoais da beleza, já que, para muitas delas, o livro serviu como um instrumento de empoderamento, rebatendo críticos que discursavam que ela defendia a ideia de que as mulheres agiam errado ao depilar as pernas ou usar batom. Na verdade, o que Naomi reiterava era “[...]o direito de que a mulher escolha a aparência que deseja ter e o que ela deseja ser, em vez de obedecer aos que impõem as forças do mercado e a indústria multibilionária da propaganda” (WOLF, 2020, p. 14).

É assustador pensar que houve uma época em que as mulheres não tinham sequer a opção de escolher a sua forma de beleza, já que “nos idos de 1991 era considerada uma heresia total a atitude de desafiar ou questionar o ideal de beleza que, na época, era muito rígido” (WOLF, 2020, p. 15). Dentro dessa visão do período, aquelas que lutassem contra eram tachadas de gordas, feias, incapazes de satisfazer um homem, “feminazis” ou lésbicas. A ideia de propagar uma ofensa era a medida de ataque da sociedade para conter a mudança de paradigmas que as mulheres vinham fazendo.

Ou seja, além de lidar com a opressão na padronização da sua beleza, a mulher era totalmente insultada caso não estivesse dentro do “modelo”, atentado não só a sua própria imagem, mas também a sua sexualidade, fato que não acontecia aos homens.

Uma outra vertente de análise da autora destaca o quão cruel o mercado pornográfico trata a sexualidade da mulher,

que é quase impossível para mulheres mais jovens distinguirem o papel que a pornografia desempenha na criação de sua ideia de como ser, de que aparência ter, de como se movimentar no sexo, separando-o de seu sentido inato de identidade sexual (WOLF, 2020, p. 19).

Analisando as referências utilizadas ao longo do texto, que vão desde períodos históricos até ideais políticos e estéticos, é importante enxergar que, mesmo com muitos avanços em certos pontos, uma coisa ainda não se alterou, que a sociedade preconceituosa se esconde nas adaptações do mercado, em busca do lucro, “o mito da beleza, como muitas ideologias da feminilidade, muda para se adaptar a novas circunstâncias e põe em xeque o esforço que as mulheres fazem para aumentar seu próprio poder” (WOLF, 2020, p. 23).

Ao mesmo tempo que um maior número de mulheres dispõe de mais dinheiro, poder, há um novo desdobramento com relação ao que sentem do ponto de vista físico. Assim, o retrato de uma feminilidade saudável não deveria ser questionado, muito menos ainda estar preso em estigmas e padrões, mas é visível que explorar a feminilidade

como um mercado lucrativo é muito mais vantajoso do que disseminar um posicionamento crítico e consciente entre as mulheres, que não nutra competitividade e comparação de corpos e vidas.

A beleza no mundo ocidental tem uma lógica própria e é um retrato do tratamento do mercado. Segundo Naomi,

a "beleza" é um sistema monetário semelhante ao padrão-ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram (WOLF, 2020, p. 29).

Dessa maneira, concordando com o pensamento de Naomi, "o mito da beleza não tem absolutamente nada a ver com mulheres. Ele gira em torno das instituições masculinas e do poder institucional dos homens." (WOLF, 2020, p. 31). Pois quando as mulheres detêm inseguranças e comparações entre si mesmas, essa é proporcionada pela "cultura da beleza". No entanto, as atitudes tomadas pelas mulheres para se adequarem a esse padrão instaurado determinam comportamentos, muitas vezes cirúrgicos ou estéticos, cujo foco em si não é a aparência, mas o comportamento "de se adequar" que é gerado consequentemente e, quando analisado, tem raízes masculinas.

Por exemplo, o envelhecimento na mulher é "feito" porque as mulheres, com o passar do tempo, adquiriram poder para exercer sua forma de beleza, logo as instituições masculinas buscam quebrar os elos entre as gerações de mulheres por meio do estímulo à rivalidade para que sua forma de poder continue forte. Então, envelhecer não é feito pelo fato de ser um processo biológico, natural, ele se torna feito para quebrar elos que poderiam ser de união entre mulheres.

Partindo da visão de poder e beleza de outro povo, é possível se ver como uma construção social pode ser definida de outra maneira:

Entre o povo wodaabe da Nigéria, as mulheres detêm o poder econômico, e a tribo tem uma obsessão pela beleza masculina. Os homens do povo wodaabe passam horas juntos em complicadas sessões de maquiagem e competem – usando trajes e pinturas provocantes, requebrando os quadris e fazendo expressões sedutoras – em concursos de beleza julgados por mulheres. Não existe nenhuma justificativa legítima de natureza biológica ou histórica para o mito da beleza (WOLF, 2020, p. 30).

O que o mito da beleza está fazendo às mulheres hoje em dia é consequência de algo não mais do que a necessidade de abastecer a cultura, a economia e a estrutura de poder contemporâneo e criar uma contraofensiva contra as mulheres que nutra ainda mais dinheiro ao padrão masculino imposto. Dentro dessa dinâmica cabe discutir também a domesticidade amplamente instaurada em meados de 1830, pois, no passado, a família era uma unidade de produção, os serviços eram divididos entre homem e mulher, e o trabalho demonstrava que o feminino tinha sua força física, sua feminilidade e sua ação na economia.

Entretanto, com a quebra da atuação feminina na família, movida pelo capitalismo nascente, que suscitava ao homem o papel de “provedor” e à mulher o papel doméstico, vê-se que, desde o início, o poder econômico capitalista que começava a se consolidar também foi construído por meio da submissão de mulheres a uma vida de reclusão em seus lares. E, por sua vez, o papel social amplamente difundido para as figuras femininas se reduziu a nenhuma forma de participação ativa na sociedade, mais uma vez reduzida ao papel que lhe deram, sem opinar sobre suas vontades.

Fechando a análise do pensamento acima, o que fica nítido é que foi criada para a mulher uma ideologia que fizesse com que o sentimento de insatisfação fosse constante, tendo por consequência um menor valor pessoal agregado a si mesma. Pois tornou-se urgente a necessidade de uma desvalorização, ainda que fosse pela beleza, para se contrapor à forma pelo qual o feminismo começava a fazer com que as mulheres se valorizassem mais.

Ao invés de se trabalhar a união e o crescimento de carreira com equidade, construindo desde os primórdios uma sociedade mais justa e solidária, o sistema foi adaptado para engrandecer os homens e gerar novas repressões conforme as mulheres cresciam. Ainda assim, as mulheres lutaram, e continuam lutando, mas os estragos gerados no ataque, não só ao físico, acabam por ir destruindo pouco a pouco o psicológico das mulheres. Assim, a feminilidade precisa ser enxergada como uma forma de expressão de ser mulher, não atrativa por querer agradar aos homens, não imposta para se adequar a sociedade, não desejada para estar dentro dos padrões, mas transformada por mulheres que têm uma nova forma de se ver.

4.A luta por libertação

4.1 A força de mulheres

Desse modo, as políticas feministas buscam acabar com a dominação e libertar as mulheres para que sejam quem são – para viver a vida em um lugar que promova justiça, onde possam viver em paz. O feminismo é para todo mundo, já que avança sempre que qualquer homem ou mulher, de qualquer idade, trabalha pelo fim do sexismo.

É importante que, independente da identidade, de raça, classe, ou orientação sexual, todas as mulheres possam ser tão livres quanto queiram ser. E esse legado foi e continua sendo formado por uma multidão de mulheres, conhecidas e desconhecidas, sendo lésbicas ou não, brancas ou pretas, heterossexuais ou não, que estão na luta de buscar ser aquilo que quiserem ser.

Assim, concordando com Hooks, “a sororidade feminista está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma” (2020, p. 36). Lutas essas que vão desde direitos reprodutivos até o confronto com valores de raça, classe e gênero.

Portanto, existiram e ainda existem espalhadas pelo Brasil e pelo mundo muitas como Lélia Gonzalez, Carolina de Jesus, Audre Lorde, Bell Hooks, Maria da Penha, Nina Simone, Rita Moreira, Carlo-

ta Queirós, Hedy Lamarr, Ada Lovelace, Jaqueline Gomes de Jesus, Shirley Chisholm, Bertha Lutz, Therezinha Zerbini, Rose Marie Murano, Annie Kenney, entre outras. Mulheres que fizeram história por serem voz não só de lutas como de novas descobertas e inovações, mas que, muitas vezes, não foram reconhecidas por suas conquistas.

Como elas, outras foram presentes neste cenário antes mesmo que o termo feminismo fosse cunhado, já fazendo a diferença na narrativa do universo feminino. O que se deseja então é construir uma sociedade que não aceite mais opressão e nem crie novas, que não adapte aceitações para lucrar em cima de fragilidades produzidas pelo mercado, mas que saiba agir por justiça e libertação, como muitas mulheres já fazem.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, 50 p.

BAKER, Milena Gordon. **A tutela penal da mulher no direito penal brasileiro: a violência física contra o gênero feminino**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2015, p. 49-50.

CHAKIAN, Sílvia. *A construção dos direitos das mulheres: histórico, limites e diretrizes para uma proteção penal eficiente*. - 2.ed.rev.e atual.- Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020, 388 p.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. - 12. ed.- Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020, 176 p.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas*. **CODESRIA Gender Series**. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999, 304 p.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. - 13.ed.- Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020, 490 p.

Convite ao clube da luta feminista

Joice Helena Heck Deters⁴

Mulher (cis/trans), você sabe do poder que tem? Homem (cis/trans), você sabe do poder que ela tem? Pessoa não binária, e você, sabe?

Garanto que até o final da viagem em que vamos nos lançar por aqui você vai descobrir que ele é maior do que muitos de vocês pensam. Vamos embarcar?

Primeiramente, precisamos deixar umas coisinhas bem claras, ok?

Gênero é um conceito que surgiu com a família nuclear (aquela composta de mãe, pai e filhos), que é tradicionalmente europeia. Outros povos ao redor do mundo não têm esse tipo de diferenciação entre homens e mulheres, e as famílias são bem diferentes, assim como na terra natal da professora de sociologia feminista nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí (leia o artigo dela “Conceituando o Gênero: os Fundamentos Eurocêtricos dos Conceitos Feministas e o Desafio das Epistemologias Africanas”, de 2004, para aprender mais). E a imposição desse conceito em nossa sociedade é colonial, como apresenta a socióloga, professora e ativista feminista argentina María Lugones (1944-2020) em seu artigo “Rumo a um feminismo descolonial”, de 2004, (outra dica de leitura). Além disso, o colonialismo afeta nossas vidas até hoje, como quando se sabe que muitos dos estudos sobre mulheres do “terceiro mundo” são feitos por homens brancos europeus, que não deixam essas próprias mulheres falarem por si mesmas,

.....
4 Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas – UFGD.

denúncia da teórica feminista, cantora e antropóloga social dominicana Ochy Curiel, em seu artigo "Construindo Metodologias Feministas desde o Feminismo Decolonial", de 2019, (já sabe, mais leitura).

E nós já fomos silenciadas demais ao longo da história, sendo que a historiadora e professora francesa Michelle Perrot (2017) afirma: "o 'ofício do historiador' é um ofício de homens que escrevem a história do masculino". E isso se impregnou até mesmo na ciência, com implicações das mais variadas. Para se educar sobre pormenores científicos, eu indico muito a leitura do livro "Inferior é o Car*lhø", da jornalista científica britânica Angela Saini, que destrincha muitos mitos sobre as diferenças entre os sexos, usando de falas de estudiosos em várias áreas de conhecimento, como a de que a mulher é o sexo frágil quando na verdade ela tem uma maior capacidade de sobrevivência (adoecem mais, mas vivem mais que os homens), e que há diferenças muito significativas nos cérebros masculinos e femininos a ponto de determinar o tipo de brinquedos que as crianças preferem, sendo que, sem interferência exterior (como a dos pais), meninas e meninos brincariam juntos, com os mesmos brinquedos.

Com isso tudo pontuado, podemos começar nossa jornada, que passará por vários países do mundo, apresentando mulheres incríveis que merecem reconhecimento e ter suas vozes ouvidas, não sendo reduzidas a estereótipos forçados pela mídia. Afinal, o que quero é transformar seus silêncios em linguagem e ação, como a maravilhosa escritora/poetiza e ativista caribenha-americana Audre Lorde (1934-1992) indica a fazer em seu texto "A Transformação do Silêncio em Linguagem e Ação" (2020) (leia esse também, para entender o perigo de nunca expressar suas opiniões).

Nosso estágio inicial apresentará dois casos de proporções diferentes que apresentam os absurdos pelos quais algumas de nós já passaram durante a história e quais foram suas respostas:

A política brasileira Ana Paula da Silva (Paulinha) se envolveu em uma polêmica por usar um vestido decotado em sua posse como deputada, porque, como muitas mulheres, ela foi julgada por algo que vestiu em um contexto em que isso não tem nenhuma ligação

com suas capacidades. É deputada estadual de Santa Catarina desde 2019, tendo feito a quinta maior votação no estado, além de ter sido prefeita da cidade de Bombinhas – SC por dois mandatos (SPAUTZ, 2019).

A famosa ativista paquistanesa Malala Yousafzai sempre viu uma negação à educação para as garotas em sua região natal. Passou, então, a lutar por seus direitos e os de suas conterrâneas, algo que a fez sofrer ataques de pessoas contrárias à sua batalha, passando até mesmo por um atentado à sua vida. Foi a pessoa mais jovem a ser agraciada com um prêmio Nobel na história, defendendo justamente essas meninas que queriam estudar (G1, 2014).

Acredito que esses relatos demonstram como as mulheres podem ser fortes em situações adversas a elas. Mas, como o patriarcado ainda é o sistema padrão em quase toda a Terra, isso é uma habilidade que precisamos ter sempre. Por isso é tão bom saber das histórias de mulheres vencedoras, afinal, elas estão abrindo espaços para todas nós, em todas as áreas, como vou continuar provando aqui.

Nas ciências temos um nome que já tem sua notoriedade atualmente, a cientista e física polonesa Marie Curie (1867-1934) é conhecida por ser a única pessoa (leia-se pessoa e não mulher) a receber dois nobéis em áreas de conhecimento diferentes (física e química) e ter sido a primeira pessoa a receber dois desses prêmios. Além disso, seu marido, o físico Pierre Curie (1859-1906), também recebeu um prêmio, em conjunto com ela, e, algo que era novidade para mim, sua filha, a química Irène Joliot-Curie (1897-1956), também levou um, junto de seu marido Frédéric Joliot-Curie (NOGUEIRA, 2018). Mas, além da família Curie, temos um exemplo bem atual no nome de uma mulher influenciada por Marie a seguir a carreira científica, a física de partículas italiana Fabiola Gianotti. Ela foi a pessoa que liderou a equipe responsável pela descoberta do Bóson de Higgs em 2012 e hoje é a primeira mulher a dirigir a CERN (Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear), o maior laboratório de física do mundo, lugar onde a “partícula de Deus” foi descoberta, com o uso da maior máquina já construída, o Grande Colisor de Hádrons (REDAÇÃO, 2016).

Aprofundando-se na linha das invenções, temos dois exemplos bem diferentes, com duas mulheres de locais muito díspares. A primeira é a engenheira civil palestina Majd Mashharawi, fundadora e CEO da GreenCake, uma *startup* que fabrica tijolos a partir de materiais reciclados, como cinzas e destroços de Gaza, para consertar casas destruídas por ataques aéreos na região. Além disso, ela também lançou a SunBox, empresa criada para oferecer energia elétrica para quem precisa, sendo que o local de onde Mashharawi vem é conhecido por seus *blackouts* (MASHHARAWI, 2018). Já a segunda é uma atriz e inventora austríaca chamada Hedy Lamarr (1914-2000). Seu sucesso no cinema já veio com inovação, ela atuou na primeira cena de sexo finalizado em orgasmo da história, depois atuando com grandes nomes das produções visuais de sua época. Mas o que ela fez além da atuação é algo que mudou o mundo para sempre, afinal, ela foi a criadora de um sistema de comunicação para as forças armadas dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, que serviu como base para, nada mais nada menos, o *Wi-Fi* e a atual telefonia celular (GNIPPER, 2016).

Ainda com mulheres preocupadas com o bem-estar humano, temos exemplos provindos da África e da Europa. A oftalmologista namibiana Helena Ndume já tratou mais de 35.000 namibianos cegos ou com pouca visão de forma gratuita. Sua motivação vem da infância e adolescência, em que presenciou a agitação civil que a fez fugir de seu país com 15 anos de idade (SEE, 20--). Agora, o nome da ativista ambiental sueca Greta Thunberg é mais conhecido. A jovem de então 15 anos de idade começou a faltar às suas aulas para protestar pela causa climática em frente ao Parlamento Sueco. Passou a receber críticas por seu comportamento, e contra-atacou com “O que eu vou aprender na escola? Os fatos não importam mais. Se os políticos não estão ouvindo os cientistas, então por que devo aprender?”. Depois disso, a jovem, que foi diagnosticada com Síndrome de Asperger, passou a estender suas críticas em conferências internacionais e chegou até mesmo a alfinetar chefes de estado, recaindo até sobre o Presidente brasileiro Jair Bolsonaro, quando acusou o Brasil de não fazer o suficiente pela luta ambiental (BATTAGLIA, 2019).

Falando em outros setores, uma das minhas favoritas é a jornalista estadunidense Madeleine Baran. Ela é repórter da *American Public Media Reports* (APM), de jornalismo investigativo e projetos documentários de rádio. Seu trabalho de maior destaque é o *podcast* criminal "*In the Dark*", em que, junto de sua equipe, nas duas temporadas que saíram até o momento, investigou dois casos criminais que ainda não haviam sido solucionados. A primeira temporada, de 2016, desenvolve o caso do rapto de um menino chamado Jacob Wetterling, que estava sem respostas há 27 anos, e foi resolvido durante o tempo da reportagem. E a segunda envolve o caso de Curtis Flowers, um homem negro sentenciado à morte pela suspeita de ter assassinado 4 pessoas. Baran e sua equipe provaram o pungente racismo envolto no caso de Flowers e em vários outros comandados pelo promotor do distrito, Doug Evans, um homem branco, analisando todos os julgamentos de Evans em que a raça do réu era indicada, conseguindo 26 anos de informação. Seu trabalho nesse caso foi um dos principais motivos que levaram à liberdade de Curtis Flowers, depois de ser julgado pelo crime 6 vezes em mais de 20 anos no corredor da morte (MADELEINE BARAN, 2018).

Através desse mesmo trabalho de Baran também conheci a mulher que acredito ser uma das pessoas mais corajosas sobre quem ouvi falar e li, sendo ela a educadora e ativista estadunidense Mamie Till-Mobley (1921-2003), mãe de Emmett Till, garoto negro que foi brutalmente assassinado, com mais de um tipo de tortura, por dois homens brancos. Emmett havia entrado em uma loja em 1955, onde uma atendente branca trabalhava, e esta o acusou de assediá-la verbalmente. O marido da mulher e seu irmão, então, após ouvirem seu testemunho, sequestraram o garoto e cometeram o assassinato. A maior injustiça se prosseguiu quando os dois homens foram inocentados em julgamento por um júri composto inteiramente por homens brancos. Eles nunca foram presos pelo que fizeram e ainda receberam uma soma em dinheiro para confessar seu crime a uma revista. Além disso, a mulher que havia acusado o garoto, anos depois, assumiu que nada daquilo era verdade, ela havia inventado a história. O que Ma-

mie fez foi de extrema coragem, ela insistiu que o caixão de seu filho ficasse aberto durante o funeral, para todas as pessoas verem o que fizeram com ele. As fotos se espalharam por capas de jornal por todos os Estados Unidos e a atitude dessa mãe provocou o início do movimento pelos direitos civis no país (PARKER YESKO, 2018).

A partir de agora, vou levá-lxs a um universo pelo qual sou apaixonada, e que acredito seja um dos principais motores de transformação mundial. Assim, vamos mergulhar agora em três tipos de arte e conhecer nomes de mulheres que fizeram muito por elas.

Nas artes plásticas temos vários exemplos, com nomes de artistas que fizeram história, como a pintora mexicana Frida Kahlo (1907-1957), que aumentou bastante em popularidade nos últimos tempos, e no Brasil temos a pintora, desenhista e professora paulista Anita Malfatti (1889-1964) e a também pintora paulista Tarsila do Amaral (1886-1973), que se tornaram artistas consagradas em nosso país. Mas, mesmo assim, é mais comum artistas homens ficarem mais famosos e suas obras serem mais celebradas, enquanto várias mulheres são esquecidas com o tempo. Entretanto, isso felizmente está mudando, com a redescoberta de pintoras como a italiana Artemisia Gentileschi (1593-1653), considerada uma das melhores pintoras do barroco, que atualmente é tema de vários estudos, especialmente feministas (ROSSI, 201-).

Figura 1 – *Sleeping Venus/Vênus Adormecida e Cupido* (Artemisia Gentileschi)



Fonte: Yigruzeltil, 2013

Apesar disso, nomes injustiçados não faltam. Pode-se citar a fotógrafa, poeta e pintora francesa Dora Maar (1907-1997), que ficou muito mais conhecida por ser uma das musas de Pablo Picasso, algo comum entre as mulheres de homens famosos, mas que trabalhou nas artes sua vida inteira, desafiando a visão moderna da mulher através de suas fotografias experimentais (TATE, 20--). Temos também a desenhista, pintora, gravurista e escultora alemã Käthe Kollwitz (1867-1945). Muito influenciada pela perda de seu filho para a Primeira Guerra Mundial e de seu neto para a Segunda Guerra, o luto está muito presente em sua obra, que costuma retratar mulheres da classe trabalhadora. Mas sua arte não foi reconhecida como merecia, até lhe sendo negada uma medalha de ouro em uma premiação de arte simplesmente por ser mulher (VILLANOVA, 2017). Enquanto isso, um nome atual, e polêmico, é o da cantora-compositora, cineasta e artista plástica japonesa Yoko Ono. Mais conhecida por seu relacionamento com o integrante dos Beatles John Lennon, criticada por parte dos fãs como se fosse a responsável pela separação da banda. Sua arte é frequentemente questionada, com gente ditando não ser de qualidade. A questão é, Yoko já era uma artista consagrada antes de conhecer John, e possui trabalhos de grande impacto e que levam à reflexão sobre vários aspectos da vida, com um deles (suas instruções) sendo a inspiração de Lennon para a que seria considerada sua obra-prima, a canção *Imagine*, de onde ele tirou várias partes da música, mas Yoko não recebeu seu crédito (GREEN, 2016).

Figura 2 - *Candelabra/Candelabro*
(Dora Maar)



Fonte: Yigruzeltil, 2014.

Figura 3 - *The Survivors/Os Sobreviventes* (Käthe Kollwitz)



Fonte: Luz, 2018.

Figura 4 - *Cut Piece/Peça Corte* (Yoko Ono)

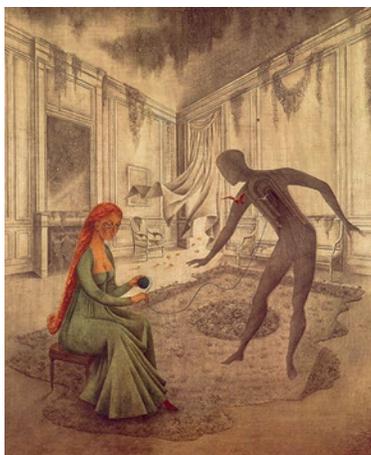


Fonte: Yigruzeltil, 2016.

Enquanto isso, minha artista favorita é uma pintora espanhola, Remedios Varo (1908-1963), expoente de um dos meus tipos favoritos de arte, a surrealista. Antinazista e anarquista, foi presa pelos nazistas, e, após se exilar no México, onde conhece Frida Kahlo, mas não compactua com sua linha de pensamento. Feminista, criticava o machismo na arte, inclusive alfinetando seu conterrâneo Salvador Dalí, por se recusar a aceitar o feminino além de um objeto de desejo (ROTA-ROSSI, 2020). Recomendo muito pesquisar obras dela, minha particular fa-

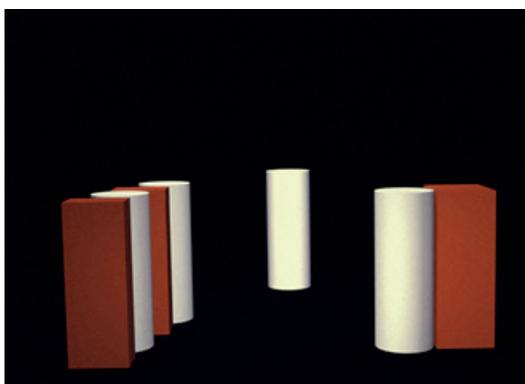
vorita sendo "Folhas Mortas". Quanto às brasileiras, minha predileta é a gravadora, escultora, pintora, cineasta, professora e artista multimídia carioca Lygia Pape. Integrante do grupo de fundou o Grupo Frente, que rejeita a arte figurativa e nacionalista da época no início dos anos 1950, aproximando-se mais da abstração geométrica, o que a faz uma das pioneiras do gênero no Brasil. Assina, mais tarde, o Manifesto Neoconcreto, com outros nomes da arte (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2020). Sua obra segue por vários temas e formas, sendo minha favorita o "Ballet Neoconcreto I".

Figura 5 - *Dead Leaves/Folhas Mortas* (Remedios Varo)



Fonte: Xennex, 2012.

Figura 6 - *Ballet Neoconcreto I* (Lygia Pape)



Fonte: Xennex, 2012.

Quanto a mais nomes atuais cito a pintora chinesa Li Chevalier, que busca a beleza através de suas pinturas com a tinta *indian ink*, que, por parte de sua vida, não pôde procurar por ser proibida pela Revolução Cultural chinesa, pela qual passou, e que matou mais de 2 milhões de pessoas, até se mudar para a França, onde vive hoje em dia (MACMAHON, 2018) (você pode segui-la no *Instagram*, @lichevalier). Além disso, há um exemplo que prova que a idade é só um número quando se fala de artistas inspiradoras, com o destaque para o nome de Esther Mahlangu, artista sul-africana, do povo Ndebele, atualmente contando seus 85 anos de idade. Ela já levou sua arte tribal, geométrica e colorida, para vários lugares do mundo, sendo convidada até mesmo para pintar um modelo de carro para a BMW, algo que apenas havia sido feito por poucos artistas de renome, como Andy Warhol. Recebeu o título de doutora *honoris causa* da Universidade de Joanesburgo por seu legado cultural (MUN-DELSALLE, 2019) (você pode conferir os trabalhos dela em @esthermahlanguart).

Figura 7 - *Sky Rim/Borda do Céu* (Li Chevalier)



Fonte: Chevalier, 2020

Figura 8 - Esther Mahlangu pintando com seu instrumento de trabalho, a pena



Fonte: Mahlangu, 2020

Na música, as mulheres podem vir dos mais variados lugares, como exemplificado pela cantora-compositora, atriz e empresária Rihanna, natural de Barbados. Além disso, elas estão em todos os gêneros imagináveis, com a música popular sendo provavelmente a melhor representada, com várias tendo sucesso no segmento e casos de garotas sendo consideradas prodígios da música, como a estadunidense Billie Eilish, que com 18 anos de idade é a pessoa mais jovem a vencer as categorias principais do *Grammy* no mesmo ano (REDAÇÃO, 2020), e a norueguesa Aurora, de 22 anos de idade, que começou a compor aos 10, e foi até citada na Fuvest de 2019 (CARNEIRO, 2019).

No Brasil, temos grandes nomes como é o caso da gaúcha Elis Regina (1945-1982), amplamente considerada uma das melhores cantoras que já passaram pelo país, e a carioca Cássia Eller (1962-2001), importante figura da comunidade LGBTQI+ brasileira. E, representando um nicho de cantoras e rappers contemporâneas, podemos citar a carioca de família baiana Lourena, conhecida por sua voz cristalina.

Entretanto, também existem casos de mulheres nesse ramo que sofreram com a injustiça. Dois exemplos extremamente pungentes são os de Clara Schumann (1819-1896) e o de Rosetta Tharpe (1915-1973). Schumann foi uma pianista e compositora alemã, casada com o famoso compositor Robert Schumann, considerada um prodígio em sua época. Trabalhou muito até se casar com Robert, quando, por obrigações familiares, como cuidar de seus filhos, abandonou a música, e só voltou a ela após o falecimento do marido (INABA, 2019). Atualmente ele é muito mais conhecido que ela, como é comum quando se fala em mulheres casadas com artistas. Sister Rosetta Tharpe foi uma cantora-compositora e guitarrista de música gospel negra e Mãe do Rock (meu gênero de música favorito), como está sendo cada vez mais reconhecida. Sim, ela basicamente criou o *rock & roll*, começando sua carreira antes dos homens a quem o título costuma ser referido e os influenciando (FELIPE, 201-). Ela se apresentava da forma como os artistas masculinos iriam se apresentar no futuro, com sua guitarra e seus movimentos de dança. Mas está sendo redescoberta nos últimos

tempos, como no caso da já citada Artemisia Gentileschi. Outros nomes que poderiam ser citados são os das *backing vocals* apresentadas no espetacular filme “A Um Passo do Estrelato”, que vale muito a pena conferir.

Em relação à resistência através da música, é importante dar luz a mulheres como as do trio paulista As Baías, formado pelas mulheres transexuais Raquel Virgínia e Assucena Assucena e Rafael Acerbi, importantes na representatividade e visibilidade trans brasileira. Já *Voice of Baceprot* é uma banda de *metal* formada pelas jovens indonésias Firda Kurnia (vocalista e guitarrista), Euis Siti Aisyah (bateria) e Widi Rahmawati (baixo), todas muçulmanas, com o objetivo de combater o estereótipo de submissão e falta de voz ativa das mulheres muçulmanas (WESTERMAN, 2017).

Já na literatura (estilo de arte que foi a primeira que me impactou a ponto que percebi sua influência em minha vida) começamos pioneiras, com a escritora japonesa Murasaki Shikibu (978-1014) sendo autora do primeiro romance literário da história, “O Conto de Genji” (TIKKANEN, 20--). Outros nomes precursores são os da Rainha do Crime, a estadunidense Agatha Christie (1890-1976), que é a romancista que mais vendeu livros na história (entre mulheres e homens) e a britânica J. K. Rowling, criadora do fenômeno Harry Potter, que foi a primeira pessoa autora a ficar bilionária escrevendo livros (SUGGITT, 2018).

Na cena dos mangás temos um trunfo. Um dos mangás e animes mais conhecidos e celebrados no mundo todo é “*Fullmetal Alchemist*”. O que nem todos sabem é que esse mangá é de uma mulher, a mangaká Hiromi Arakawa. Mas ela assina com um pseudônimo masculino, algo já visto em outros casos de mulheres escritoras, que se usam desse artifício para driblar o preconceito. Enquanto isso, no Brasil, havia quem acreditasse que a escritora, tradutora, jornalista e dramaturga cearense Rachel de Queiroz (1910-2003) não era uma mulher, e sim um pseudônimo feminino de algum escritor homem quando lançou sua obra-prima “O Quinze”, na tenra idade de 19 anos. O escritor Graciliano Ramos não conseguia crer que um livro dessa qualidade pudesse ter sido escrito por uma mulher. E Rachel foi a primeira mulher

a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, em 1977, 80 anos após sua fundação (PINHEIRO, 2018).

Falando em usar pseudônimos, tenho que fechar citando um trio de irmãs extremamente talentosas de quem sou fã, as britânicas escritoras e irmãs Bronthë. Charlotte (1816-1855), Emily (1818-1848) e Anne (1820-1840) publicaram suas primeiras obras com os pseudônimos de Currer, Ellis e Acton Bell respectivamente. As três viveram uma vida pacata, mas repleta de tragédias, começando com o falecimento da mãe das meninas quando a mais velha tinha apenas 5 anos de idade. Seu início na literatura envolveu as irmãs pagando para seu livro de poesias em conjunto ser lançado. Mas, com suas obras mais famosas, Charlotte e Emily foram sucessos com “Jane Eyre” e “O Morro dos Ventos Uivantes”, enquanto Anne não foi tão bem-sucedida quanto as irmãs. Apesar disso, o primeiro romance de Anne, “Agnes Grey”, ou “A Preceptora”, foi o primeiro na história a ter uma mulher comum como protagonista. Não muito tempo depois o irmão das três, Branwell faleceu, provavelmente de tuberculose. Ele, que era pintor, teve problemas com substâncias por boa parte da vida. Apenas alguns meses depois Emily adoeceu e faleceu, também com sintomas de tuberculose. No mesmo mês foi a vez de Anne, da mesma forma. Charlotte viveu alguns anos ainda, falecendo em seu terceiro mês de gravidez, mas pôde ver seu sucesso antes disso. O pai delas fez de tudo para que suas filhas fossem reconhecidas por seu talento, e seu esforço valeu a pena, sendo que, pelo menos, as duas mais velhas são autoras consagradas atualmente (SHERWOOD, 2020). Apesar disso, há um grupo de pessoas que não consegue aceitar que Emily tenha escrito “O Morro dos Ventos Uivantes”, atribuindo sua autoria a Branwell, devido ao conteúdo do livro e a imagem de melancolia passada pelo artista, mas isso é apenas uma suposição de uma minoria, sem nenhuma prova (WILLIS, 1947).

Quero finalizar convidando vocês a pesquisar mais sobre histórias de mulheres, ouvir mais cantoras, ler mais escritoras e indicar as que vocês conhecerem, para amplificar suas vozes e conquistarmos cada vez mais o espaço que merecemos na sociedade. Então, cha-

me mais pessoas para o nosso Clube da Luta Feminista, que foi inspirado no da jornalista Jessica Bennett, lembrando-se de que as duas primeiras regras do Clube da Luta Feminista são: Você precisa falar sobre o Clube da Luta Feminista (BENNETT, 2018)! Vou começar com minha dica, que é uma mulher maravilhosa, amiga minha, que cada vez mais conquista seu espaço na cena do Hip Hop brasileiro. É ela Cifrasol, MC, mulher trans empoderada, transbordante de talento (sigam-na pelo @cifrasol).

Agora convido vocês a ouvirem a música 1910, de Thai Flow, Nabrisa, Lourena, Azzy e Gabz e responderem novamente a primeira pergunta que fiz nesse texto.

E como diz Mamie Till: “A nós é dado apenas uma certa quantidade de tempo para fazer o que fomos enviadxs a fazer. Você não precisa estar por aqui por um longo tempo para compartilhar a sabedoria de uma vida. Você apenas precisa saber usar seu tempo sabiamente, eficientemente. Não há tempo a perder” (TILL-MOBLEY; BENSON, 2004).

Referências bibliográficas

BATTAGLIA, Rafael. **Quem é Greta Thunberg – e o que ela representa**. 2019. Superinteressante. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/quem-e-greta-thunberg-e-o-que-ela-representa/>. Acesso em: 25 dez. 2020.

BENNETT, Jessica. **Clube da Luta Feminista: um manual de sobrevivência** (para um ambiente de trabalho machista). Rio de Janeiro: Fábrica231, 2018. Tradução de Simone Campos.

CARNEIRO, Raquel. **Quem é Aurora, a cantora norueguesa citada pela Fuvest**. 2019. Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/quem-e-aurora-a-cantora-norueguesa-citada-pela-fuvest/>. Acesso em: 25 dez. 2020.

CHEVALIER, Li. **Sky Rim**. dez. 2020. Instagram: @lichevalier. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CJTg4GCF71k/>. Acesso em: 29 dez. 2020.

CURIEL, Ochy. Construindo Metodologias Feministas desde o Feminismo Decolonial. In: MELO, Paula Balduino de; COÊLHO, Jaqueline; FERREIRA, Larissa; SILVA, Diane Ellen Tavares (org.). **Descolonizar o Feminismo**. Brasília: Ifb, 2019. p. 1-51.

ELTON LUZ (comp.). **The Survivors**. 2018. Wikiart. Disponível em: https://www.wikiart.org/en/kathe-kollwitz/not_detected_235978. Acesso em: 29 dez. 2020.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL (org.). **Lygia Pape**. 2020. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa950/lygia-pape>. Acesso em: 25 dez. 2020.

FELIPE, Mariana. **A história da mulher que inventou o rock**. 201-. Revista Bula. Disponível em: <https://www.revistabula.com/28920-a-historia-da-mulher-que-inventou-o-rock/>. Acesso em: 25 dez. 2020.

G1. **Saiba quem é Malala Yousafzai, a paquistanesa que desafiou os talibãs**. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/10/saiba-quem-e-malala-yousafzai-paquistanesa-que-ganhou-nobel.html>. Acesso em: 25 dez. 2020.

GNIPPER, Patrícia. **Mulheres Históricas: Hedy Lamarr, a atriz que inventou a base para o Wi-Fi**. 2016. Canaltech. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/mulheres-historicas-hedy-lamarr-a-atriz-que-inventou-a-base-para-o-wi-fi-77347/>. Acesso em: 25 dez. 2020.

GREEN, Sarah Urist. **The Case for Yoko Ono | The Art Assignment | PBS Digital Studios**. Realização de The Art Assignment. Intérpretes: Sarah Urist Green. Indianápolis: Pbs Digital Studios, 2016. YouTube, son., color. Legendado.

INABA, Jean. **10 Female Composers to Hear During Women's History Month**. 2019. CPR Classical. Disponível em: <https://www.cpr.org/2019/03/19/10-women-composers-to-hear-during-womens-history-month/>. Acesso em: 25 dez. 2020.

LORDE, Audre. **A Transformação do Silêncio em Linguagem e Ação**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-transformacao-do-silencio-em-linguagem-e-acao/>. Acesso em: 25 dez. 2020.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

MACMAHON, Judy. **Inspiring women: Li Chevalier – the ink of the soul and spirit**. 2018. My French Life. Disponível em: <https://www.myfrenchlife.org/2018/05/23/inspiring-women-li-chevalier/>. Acesso em: 25 dez. 2020.

MADELEINE BARAN. Apm Reports (org.). **In the Dark**. 2018. Disponível em: <https://features.apmreports.org/in-the-dark/>. Acesso em: 25 dez. 2020.

MAHLANGU, Esther. **Esther Mahlangu pintando com seu instrumento de trabalho, a pena**. 8 mar. 2020. Instagram: @esthermahlanguart. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDqfngsjC0m/>. Acesso em: 29 dez. 2020.

MASHHARAWI, Majd. Como estou fazendo tijolos a partir das cinzas e dos escombros em Gaza. Intérpretes: Majd Mashharawi. Palm Springs: Ted, 2018. Son., color. Legendado. Disponível em: https://www.ted.com/talks/majd_mashharawi_how_i_m_making_bricks_out_of_ashes_and_rubble_in_gaza?language=pt-br. Acesso em: 25 dez. 2020.

MUN-DELSALLE, Y-Jean. **Esther Mahlangu, One Of South Africa's Most Famous Artists, Perpetuates Traditional Ndebele Painting**. 2019. Forbes. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/yjeanmundelsalle/2019/06/07/esther-mahlangu-one-of-south-africas-most-famous-artists-perpetuates-traditional-ndebele-painting/?sh=12197da21501>. Acesso em: 25 dez. 2020.

NOGUEIRA, Salvador. **Marie Curie, a polonesa mais brilhante da história**. 2018. Superinteressante. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/marie-curie-a-polonesa-mais-brilhante-do-mundo/>. Acesso em: 25 dez. 2020.

OYÈWÚMÍ, Oyèrónkẹ. Conceituando o Gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. **Codesria**, Dakar, v. 1, p. 1-8, 2004.

PARKER YESKO (org.). Apm Reports (org.). **Acquitting Emmett Till's killers**. 2018. Disponível em: <https://www.apmreports.org/story/2018/06/05/all-white-jury-acquitting-emmett-till-killers>. Acesso em: 25 dez. 2020.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História**: operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Paz & Terra, 2017. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5569693/mod_resource/content/1/PERROT%20Michelle.%20Os%20excluidos%20da%20hist%C3%B3ria.pdf. Acesso em: 25 dez. 2020.

PINHEIRO, Luisa. **Rachel de Queiroz: o verdadeiro destino de uma mulher é a liberdade**. 2018. Valkírias. Disponível em: <https://valkirias.com.br/rachel-de-queiroz-o-verdadeiro-destino-de-uma-mulher-e-a-liberdade/>. Acesso em: 25 dez. 2020.

REDAÇÃO. **Fabiola Gianotti se torna 1ª mulher a comandar CERN, maior laboratório de física do mundo**. 2016. Opera Mundi. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/42795/fabiola-gianotti-se-torna-1-mulher-a-comandar-cern-maior-laboratorio-de-fisica-do-mundo>. Acesso em: 25 dez. 2020.

REDAÇÃO (org.). **O ano de Billie Eilish: 6 conquistas que impulsionaram a carreira da artista em 2020**. 2020. Rolling Stone. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/o-ano-de-billie-eilish-6-conquistas-que-impulsionaram-carreira-da-artista-em-2020/>. Acesso em: 25 dez. 2020.

ROSSI, Elvio Antônio. **ARTEMISIA Gentileschi (1593–1652/53)**. 201-. TÓPICOS EM HISTÓRIA DA ARTE - escritos e leituras sobre arte e artistas. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/napead/projetos/historia-arte/idmod.php?p=gentileschi>. Acesso em: 25 dez. 2020.

ROTA-ROSSI, Beatriz. **O mundo fantástico de Remedios Varo**. 2020. Observatório Chega. Disponível em: <http://observatoriochega.com.br/o-mundo-fantastico-de-remedios-varo/>. Acesso em: 25 dez. 2020.

SAINI, Angela. **Inferior é o car*lhø**: eles sempre estiveram errados sobre nós. Rio de Janeiro: Darkside, 2018.

SEE. **Dr. Helena Ndume – 35,000 Surgeries & Counting**. 20--. SEE International. Disponível em: <https://www.seeintl.org/ndume/>. Acesso em: 25 dez. 2020.

SHERWOOD, Mel. **The Brontës: the unfortunate and unlikely tale of the world's "greatest literary sisters"**. 2020. History Extra. Disponível em: <https://www.historyextra.com/period/victorian/bronte-sisters-anne-charlotte-emily-who-were-they-house-famous-write-books/>. Acesso em: 25 dez. 2020.

SPAUTZ, Dagmara. **Em tempos de conservadorismo, decote de deputada é assunto mais comentado da posse em SC**. 2019. NSC Total. Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/dagmara-spautz/em-tempos-de-conservadorismo-de-cote-de-deputada-e-assunto-mais-comentado>. Acesso em: 25 dez. 2020.

SUGGITT, Connie. **Five record-breaking book facts for National Bookshop Day**. 2018. Guinness World Records. Disponível em: <https://www.guinnessworldrecords.com/news/2018/10/5-page-turning-book-facts#:~:text=1.,billion%20copies%20in%2044%20languages..> Acesso em: 25 dez. 2020.

TATE (org.). **Seven Things to Know: Dora Maar**: explore the extraordinary life and career of this painter and photographer. Explore the extraordinary life and career of this painter and photographer. 20--. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artists/dora-maar-15766/seven-things-know-dora-maar>. Acesso em: 25 dez. 2020.

TIKKANEN, Amy (ed.). **Murasaki Shikibu**: japanese courtier and author. Japanese courtier and author. 20--. Enciclopédia Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Shikibu-Murasaki>. Acesso em: 25 dez. 2020.

TILL-MOBLEY, Mammie; BENSON, Christopher. **Death of Innocence**: the story of the hate crime that changed america. Nova lorque:

VILLANOVA, Vivian. KÄTHE KOLLWITZ - ARTE E FEMINISMO - VEDA 10 #VIVIEUVI. Intérpretes: Vivian Villanova. Roteiro: Vivian Villanova. São Paulo: Vivieuvi, 2017. YouTube, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MKvk8u7nd-QA&t=161s>. Acesso em: 25 dez. 2020.

WESTERMAN, Ashley. **Meet Voice Of Baceprot, The All-Girl Metal Band Making Waves In Indonesia**. 2017. Npr. Disponível em: <https://www.npr.org/2017/08/09/542238928/meet-voice-of-baceprot-the-all-girl-metal-band-making-waves-in-indonesia>. Acesso em: 25 dez. 2020.

WILLIS, Irene Cooper. The Authorship of "Wuthering Heights". **The Trollopian**, Berkeley, v. 2, n. 3, p. 157-168, dez. 1947. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3044519?seq=1>. Acesso em: 25 dez. 2020.

XENNEX (comp.). **Ballet Neoconcreto I**. 2012. Wikiart. Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/lygia-pape/ballet-neoconcreto-1-1958>. Acesso em: 29 dez. 2020.

XENNEX (comp.). **Dead Leaves**. 2012. Wikiart. Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/remedios-varo/dead-leaves-1956>. Acesso em: 29 dez. 2020.

YIGRUZELTIL (comp.). **Candelabra**. 2014. Wikiart. Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/dora-maar/candelabra-1935>. Acesso em: 29 dez. 2020.

YIGRUZELTIL (comp.). **Cut Piece**. 2016. Wikiart. Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/yoko-ono/cut-piece-1964>. Acesso em: 29 dez. 2020.

YIGRUZELTIL (comp.). **Sleeping Venus**. 2013. Wikiart. Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/artemis-gentileschi/sleeping-venus-1630>. Acesso em: 29 dez. 2020.

Joice Helena Heck Deters⁵

Há algum tempo comecei a questionar algumas coisas sobre o que nos ensinam nas escolas, como é comum quando se parte em uma jornada de desconstrução pessoal. E percebi o quanto essa época da minha vida me influenciou a ver a questão da feminilidade, e como eu tinha pensamentos machistas incrustados em mim, vindo de várias fontes, as pessoas com quem eu convivía, a mídia que eu consumia e o que me era apresentado no ambiente escolar, que é extremamente carente em representatividade feminina em todas as matérias, fazendo com que acreditemos que homens são melhores matemáticos ou que não existiam grandes filósofas, por exemplo.

Pensando nisso quero compartilhar esse pequeno poeminha que escrevi há algum tempo com vocês, que se encaixa muito bem no que pretendo fazer nesse texto:

FEMINILIDADE
Caí na falácia
Profundamente
Detestei rosa por muito tempo
Preferia azul
Na verdade ainda prefiro azul
Mas o rosa não é mais fraco
Não queria ser a “menininha”
A princesa da Disney

.....
⁵Acadêmica do curso de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Tinha asco a toda essa purpurina
Não percebia que isso fazia de mim
Apenas alguém que não aceita
Um tipo de mulher
Totalmente válido
Porque me identificava com outro
Ou com quem transformou
O feminino
Em algo frágil, rosado, purpurinado
Algo que não fazia sentido para mim
E me afastou
“Eu não sou como as outras garotas”
Senta lá mocinha
E se eduque
Não caia nessa armadilha
Vem cá, eu te ajudo

Agora vou começar meu serviço de tirar mulheres que mudaram o mundo das sombras e colocá-las sob o holofote da história.

1. Mulheres intelectuais

Quero começar com a pauta da falta de representatividade feminina no que nos é passado nas matérias de ciências sociais na época da escola. Por exemplo, quem de nós estudou alguma filósofa nas aulas de filosofia? Eu não lembro de uma mulher sendo mencionada nessa matéria na minha escola, que era particular e considerada a melhor da cidade inclusive. E até pouco tempo atrás eu não saberia citar o nome de nenhuma mulher considerada como uma intelectual, como ouvimos falar dos homens nessa linha de conhecimento. Hoje em dia conheço alguns exemplos, como Simone de Beauvoir, Judith Butler e María Lugones, todas centradas em estudos feministas e/ou decoloniais. Então, resolvi pesquisar sobre o assunto, também para conhecer filósofas que se especializavam em outros assuntos também.

Foi assim que descobri algo que infelizmente não me surpreendeu, vários trabalhos de mulheres na filosofia não foram preservados durante a história, muitos foram perdidos, tornando mais difícil estudar suas colaborações. É como a filósofa Mary Midgely declarou “[...] Eu realmente acredito que em tempos normais muitos bons pensamentos femininos são desperdiçados porque simplesmente não são ouvidos (em tradução livre)” (BESTOW, 2020).

Apesar disso, conhecem-se alguns nomes que poderiam ser apresentados a nós, principalmente quando se fala em filosofia contemporânea, afinal, existem mulheres na área trabalhando nos dias atuais. Sendo assim, vou listar algumas filósofas que acredito que seriam uma adição muito interessante aos nossos livros escolares.

A primeira é a grega Temistocleia, uma profetiza de Delfos. Ela é reconhecida como a primeira filósofa (leia primeira filósofa branca europeia). Não se sabe muito sobre ela, mas o que a destaca é que ela foi a professora de Pitágoras, o homem considerado Pai da Filosofia por alguns. O mais interessante é que ela não é a única mulher que ensinou homens considerados como grandes figuras da filosofia, sendo que Platão também foi, por sua mãe, que também era filósofa, Perictione. Mas nunca ficamos sabendo delas (LINDEMANN, 2014).

Quanto a rostos contemporâneos gostaria de citar a filósofa e acadêmica feminista negra brasileira Djamila Ribeiro. É também escritora, autora de livros como “Quem tem medo do feminismo negro?” de 2018 e “Pequeno manual antirracista” de 2019, além de escrever para o Blogueiras Negras e ser colunista da Carta Capital e da Folha de S. Paulo. Ela propõe diálogos entre a teoria feminista e a filosofia africana, defendendo que a Europa não é o único lugar onde é realizada filosofia, e “Estudar lugar de fala é entender e agir em desafio ao regime de autorização discursiva, valorizando a coexistência de vozes que somente não estão postas no debate por terem sido historicamente apagadas”. Seu discurso percorre muito esse tema, da raça em conjunto com o feminismo, e uma de suas declarações mais impactantes, para mim, é quando ela afirma que o Estado controla o corpo das mulheres, principalmente o das mulheres negras, se posicio-

nando contra a criminalização do aborto. Você pode ler mais sobre isso e outros pensamentos de Djamila em sua entrevista para a Revista Ekstasis, em sua edição especial para o dossiê "Feminismos" (FERNANDES; GUIMARÃES; SAMPAIO; MELO, 2020).

Após isso pensei em como somos carentes de representatividade de qualquer tipo quando se fala em mulheres que impactaram a história do Brasil e do mundo. Devido a isso resolvi pesquisar mais sobre as vidas e obras de mulheres em áreas diferentes que sejam de alguma minoria ou ainda, como é o caso de Simone de Beauvoir, que às vezes ficam na sombra de nomes de homens mais famosos, ou ainda atuaram/atuam em setores do conhecimento dominadas quase exclusivamente por homens, ou em que eles são muito mais ouvidos. E quando você entra nessa busca as surpresas não param de aparecer, com histórias incríveis que ficam na obscuridade nessa sociedade patriarcal em que vivemos.

2. Minorias no topo

Nessa seção quero apresentar algumas mulheres que se encaixam em alguma minoria e que têm grande impacto mundial. Pessoas que além de ter de enfrentar o patriarcado ainda tem outras características que as deixam ainda mais à margem, mas que passaram por cima dos obstáculos e triunfaram.

Rigoberta Menchú é uma ativista indígena pelos direitos humanos guatemalteca. Ela é da etnia quiché, que faz parte do povo maia. Sua luta se baseia em seu povo, nativos da Guatemala. Tudo começou em sua infância, quando sua família vivenciou um massacre contra o povo maia organizado pelo governo ditatorial da época, algo que resultou em uma guerra civil que durou de 1960 a 1996. Rigoberta, devido à sua militância, viu seus pais e um de seus irmãos serem assassinados, fazendo-a fugir para o México. No novo lar ela continuou expondo as dificuldades de seu povo em sua terra natal, o que a levou a dar uma entrevista que se transformou em livro, "Meu nome é Rigoberta Menchú e assim nasceu minha consciência" como foi vendido no Brasil. Em 1992 ela recebeu o Prêmio Nobel da Paz, e com o dinhei-

ro criou uma fundação para promover os direitos de todos os povos indígenas do mundo. Ela também fundou o Winaq, primeiro partido político que representa diretamente a causa indígena na Guatemala. Menchú ainda se candidatou à presidência do país tanto em 2007 quanto em 2011 (ESCOLA BRITANNICA, 20-?).

Seguindo com vencedoras do Nobel, temos a primeira recipiente queniana do prêmio, Wangari Maathai. Ela se formou em Ciências Biológicas nos Estados Unidos, e no Quênia foi a primeira mulher do Leste e Centro africano a ter o título de doutorado. Wangari sofreu várias vezes com o machismo desenfreado, de seus colegas de trabalho e de seu ex-marido que deu declarações muito insensíveis sobre ela (sobre sua forte personalidade), que resultaram em seus filhos ficarem na custódia do pai. Teve seus esforços em locais como o Conselho Nacional de Mulheres do Quênia passando por sabotagens políticas, chegando ao ponto de ter conflitos com o próprio presidente do país. Apesar de toda a resistência, durante seu tempo no conselho ela criou o "*The Green Belt Movement*", ou Movimento do Cinturão Verde, depois de perceber um aumento de secas de rios em planícies até então férteis, que se não controlado acabaria por levar miséria a várias famílias quenianas. Maathai compreendeu que o que estava acontecendo era que as árvores que seguravam a erosão do solo estavam sendo amplamente desmatadas pela indústria madeireira. Seu intento então passou a ser simplesmente plantar mais árvores. E usou o fato de que o desemprego também era um problema nesses locais, pagando auxiliares para o plantio. Mas o presidente Moi não cansou de a perseguir (a tachando de louca), e ela foi até mesmo presa após protestar contra a construção de um complexo midiático no meio de um parque de Nairóbi. Mas Wangari já era famosa internacionalmente na época e foi liberada após pressão de fora. Continuou seu trabalho, também escrevendo livros e expandindo sua batalha para outros locais da África. Recebeu vários prêmios nacionais e internacionais, como o Nobel da Paz, em 2004. Faleceu em 2011, mas sua organização ainda está ativa (FERRARI, 2017).

Indo para um patamar mais artístico temos o pioneirismo de Wendy Carlos. Essa musicista transexual é um dos nomes mais importantes da história da música eletrônica, e possivelmente é a pessoa do ramo

mais influente ainda viva. Carlos conheceu Robert Moog quando era jovem e o ajudou a aperfeiçoar seus sintetizadores, que se tornaram o padrão para a música eletrônica em todo lugar, e com os quais o som da música popular estadunidense surgiu. Wendy colocou os Moogs no radar internacional com seu álbum *Switched-On Bach*, de 1968, o que permitiu que o aparelho tivesse toda a influência que ainda possui. Seu trabalho foi o segundo álbum de música clássica na história a conseguir certificação de platina nos Estados Unidos, sendo extremamente popular na época. Depois disso Carlos passou a focar mais em contribuições em trilhas sonoras, sendo ávida colaboradora do diretor de cinema Stanley Kubrick, assinando as obras musicais de películas clássicas como "Laranja Mecânica" e "O Iluminado". É ainda considerada a primeira pessoa a produzir um álbum de música ambiental. Mas ela tem suas lutas diárias para travar ainda, uma das maiores violações sendo que até hoje a empresa *Warner Music* não corrigiu seu nome nos créditos de "Laranja Mecânica" (RODGERS, 2020).

No ano de 2017 eu tive o privilégio de assistir uma palestra de uma mulher conhecida internacionalmente no setor do bem-estar animal e pecuária, Temple Grandin, promovida pela faculdade onde fiz minha primeira graduação, hoje Centro Universitário UCEFF, em Itapiranga, Santa Catarina. Grandin é uma mulher autista, que mudou a forma como as estruturas de locais que trabalham com gado são engendrados, para garantir uma melhor qualidade de vida para os animais e mais lucro para os pecuaristas. Ela falou sobre como via o mundo de forma diferente, visual, em sequências de imagens, como se fossem fotografias. E, como Miranda (2019), explana, Temple usou sua grande capacidade de observação para compreender melhor o comportamento animal, portando também um diploma de graduação em Psicologia e de mestrado e doutorado em Zootecnia. Atualmente Grandin ministra cursos e presta consultorias para a indústria pecuária. O filme "Temple Grandin" conta a sua história, e vale muito a pena assistir.

3. Tirando da sombra cisgênero masculina

Quero começar essa seção com um caso curioso e provocador de reflexão, o de Maryam Mirzakhani. Ela foi uma mulher totalmente

singular em sua trajetória. Mas o motivo disso deveria ser investigado. Ela foi única por algo que possuiu que nenhuma outra conseguiu até hoje, uma medalha *Fields*. De acordo com uma reportagem da Folha de S. Paulo (2018), ela é considerada o Nobel da matemática, o maior prêmio que um matemático pode ganhar. É entregue quadrienalmente pelo Congresso Internacional de Matemáticos desde 1936. E por isso Maryam é tão especial, ela foi a primeira e única mulher até hoje a receber uma dessas medalhas, em 2014. Ela já demonstrava seu potencial há muito tempo, como em 1995, quando recebeu o ouro na Olimpíada Internacional de Matemática, em que atingiu pontuação perfeita. Infelizmente a matemática iraniana faleceu com apenas 40 anos em 2017 por complicações relacionadas a um câncer de mama (IMPA, 2017). Eu não quis acreditar que isso fosse verdade, mas realmente ela foi a única mulher a receber uma medalha que é dada há quase 100 anos. Vou deixar você ser o júri dessa informação.

Ainda na área das ciências exatas, algo que me chamou a atenção foi a gigante influência das mulheres no campo da tecnologia. Fiz minha primeira graduação em Gestão da Tecnologia da Informação, e, como é de conhecimento popular, não haviam muitas garotas em minha turma. Por isso fiquei intrigada com a história de pessoas como Katherine Johnson, que faleceu no ano passado. Johnson, de acordo com a redação do G1 (2020), foi uma matemática negra estadunidense fundamental na época da corrida espacial. Ela foi integrante do Centro de Pesquisas Langley da NASA, com o qual ajudou em projetos importantíssimos como fazer o primeiro homem estadunidense ir ao espaço e a tripulação da Apollo 11 aterrissar na lua, tudo isso enquanto as leis de segregação a faziam ter de trabalhar separada de seus colegas brancos. A matemática recebeu a Medalha da Liberdade, condecoração civil mais importante dos EUA, em 2015, do presidente Barack Obama. Sua história foi contada no filme "Estrelas além do tempo", de 2016, tirando ela e outras mulheres negras colegas suas do anonimato. Uma de suas declarações mais intrigantes é a de que nos anos 1960 os computadores usavam saias.

Essa fala se fortalece quando você pesquisa sobre pioneirismos na tecnologia e encontra, através de Gnipper (2016), nomes como o de Ada Lovelace, considerada a primeira pessoa programadora de todos os tempos, tendo criado o primeiro algoritmo a ser processado por uma máquina, em uma época em que nem computadores pessoais existiam ainda. Outro caso é o de Grace Hopper, que, como apresentada por Gnipper (2016), em sua série sobre Mulheres Históricas, tem vários títulos sobre seu nome, como vovó do COBOL, Rainha da Computação e Grande Dama do *Software*. Sua maior contribuição foi o desenvolvimento da linguagem de programação, hoje já extinta, *Flow-Matic*. A importância dessa linguagem se dá pelo motivo de que ela foi a base para a criação de uma nova, chamada COBOL, que é a mais usada até hoje no quesito processamento de bancos de dados comerciais. Outra colaboração interessante da Rainha da Computação é que ela foi a autora do termo *bug*, usado atualmente para designar falhas em códigos-fonte. Mas, novamente, esses nomes não costumam ser-nos apresentados, nem mesmo no ensino superior.

Mas uma das maiores injustiças da história da ciência moderna se passou no ano de 1962, quando os bioquímicos James Dewey Watson, Francis Crick e seu chefe Maurice Wilkins receberam o Prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina pela confirmação da estrutura da molécula do DNA como uma dupla hélice, sem ser dado o mesmo crédito à pessoa que fez a fotografia que permitiu os cientistas chegarem a essa conclusão e que foi usada por eles sem seu consentimento. Isso foi o que aconteceu com a biofísica Rosalind Franklin. Seus colegas e chefe, os homens que receberam o prêmio, não consideravam suas contribuições e ainda a insultavam no ambiente de trabalho e em correspondências trocadas entre si, inclusive a chamando de "bruxa". Seu trabalho apenas foi reconhecido postumamente e atualmente Franklin é reconhecida como a "mãe do DNA". E apenas não recebeu o Nobel porque ele não é entregue de forma póstuma, algo que inclusive poderia ser revisto, considerando as circunstâncias. (GNIPPER, 2016).

Indo para um terreno totalmente diferente, gostaria de apresentar uma mulher que teve uma ocupação que muitas pessoas pensam

que não continha pessoas do nosso sexo. Estou falando de ninjas. Sim, existiam mulheres ninjas. E uma das mais famosas é Tomoe Gozen, que foi uma das maiores Onna-Musha do Japão, ou seja, uma guerreira ofensiva educada em artes marciais dos samurais. Gozen liderou um batalhão de guerreiros com algo em torno de mil pessoas. É possível que tenha participado de todos os conflitos das Guerras Genpei, pelo controle do país. Apesar de seu nome ser reconhecido como uma das maiores guerreiras japonesas da história, há estudiosos que não creem na existência de Tomoe, pois ela é descrita em um livro de Contos dos Heike. A questão é que essa obra se inspirou em pessoas reais para suas histórias (KAJIWARA, 20--). Isso me lembra um nome bem mais conhecido, Sócrates, outro personagem de livro que é considerado tão importante para a filosofia que se fala em filosofia antes e depois dele, mesmo sem termos uma confirmação precisa de que o homem realmente viveu. Curioso, não é?

Voltando nossa atenção para nossa terra, o Brasil, também temos histórias de mulheres que ficam na sombra de seus companheiros. Acredito que o exemplo mais instigador de reflexão é o de Dandara dos Palmares, ela que é quase que exclusivamente lembrada apenas como esposa de Zumbi. Sua importância não é reconhecida, assim como grande parte da população negra de nossos livros. Como a historiadora Lucimar Santos, citada por Altoé (2020), propaga: "Os livros didáticos apresentam os negros como escravizados e depois eles somem. Dandara fala a uma questão identitária nossa como nação". A vida de Dandara, como apresentam Sousa e Nogueira (2020), é bastante misteriosa, pois suas contribuições não foram bem preservadas durante a história. Apesar disso, hoje sabe-se que ela foi responsável por auxiliar na resistência do Quilombo dos Palmares, participando ativamente da elaboração de estratégias, liderando forças femininas e masculinas na defesa do quilombo, e impactando Zumbi com suas visões políticas. Além disso, ela ainda cumpria tarefas cotidianas, na produção agrícola e na caça. Devido a tudo isso, em 2019, através da Lei 13.816, foi finalmente proclamada oficialmente como Heroína da Pátria.

Uma das maiores ironias pelas quais passei durante essa pesquisa foi a de descobrir que alguns dos momentos mais marcantes da história mundial foram documentados por jornalistas mulheres. Elas não aparecem nos livros de história, mas são responsáveis por conhecermos parte da história. Fiquei pasma quando descobri, por exemplo, que a pessoa que deu o furo do início da Segunda Guerra Mundial foi uma mulher, e isso nunca é mencionado em lugar nenhum durante nosso tempo de escola. Clare Hollingworth, esse é o nome da jornalista que informou o mundo da invasão da Polônia pela Alemanha em 1939. Sua manchete foi o que deixou o próprio governo polonês descobrir o que estava acontecendo. O que deixa a história ainda mais impressionante é que o considerado furo do século foi dado por ela quando a jornalista trabalhava no Daily Telegraph há apenas uma semana. Hollingworth trabalhou em vários conflitos durante sua trajetória, como a Guerra do Vietnã e a Revolução Cultural na China (PAIVA, 2017). Além disso, segundo a Associação Brasileira de Imprensa (2017), Clare ainda ajudou milhares de refugiados a fugirem do nazismo antes de começar a trabalhar no jornal britânico. Foi, assim, antes de jornalista, uma ativista política que trabalhou para o Comitê Britânico de Refugiados.

Já a jornalista Martha Gellhorn tem uma semelhança com Dandara, foi esposa de um homem famoso. Em seu caso esse homem foi Ernest Hemingway, um dos escritores mais aclamados da história dos Estados Unidos. As ações dele, apresentadas por Ferreira (2019), são algo que pode nos ajudar a entender porque não conhecemos o nome dessas mulheres. Os dois foram correspondentes de guerra, e ambos desembarcaram no Dia D na Normandia, com Martha chegando primeiro. O que ocorreu foi que Hemingway se irritou por chegar depois da esposa, o que fez com que ele fizesse questão de ter apenas seu nome citado na capa da Revista Collier's. Quanto à Martha, de acordo com Knight (2019), ela escrevia com muita persuasão e intimidade, e era uma ótima testemunha, fazendo suas reportagens ouvindo pessoas como motoristas de caminhão, mães vietnamitas e mulheres prisioneiras de El Salvador. Fazia amizades com personalida-

des marcantes, como Eleanor Roosevelt, que a convidou para morar por um tempo na Casa Branca. Era do tipo que dizia o que tinha em mente sem filtros. Até mesmo contou ao ex-presidente dos Estados Unidos John F. Kennedy sobre um portão que Roosevelt usava para escapar um pouco da Casa Branca de tempos em tempos. Foi realmente ela mesma uma personalidade marcante.

4. A mulher imortal que não viveu para testemunhar seu impacto mundial

Agora a história que me provocou o maior senso de indignação foi, com certeza, a de Henrietta Lacks. O que fizeram com ela é algo que Djamila Ribeiro denunciou em sua entrevista que citei no primeiro capítulo, sobre a apropriação do corpo da mulher negra.

Henrietta Lacks foi uma mulher negra que viveu em Baltimore, nos Estados Unidos, na década de 1950, quando a segregação racial ocorria no país. Era mãe de cinco filhos e trabalhou por muitos anos em fazendas de tabaco. Em 1951, no entanto, teve que ser internada em um hospital – John Hopkins, o único que aceitava pacientes negros na época – e recebeu o diagnóstico de câncer de colo de útero. Ela viria a falecer poucos anos depois de complicações ligadas ao câncer. Mas as células de partes do seu colo de útero continuam vivas até hoje. O que foi feito foi um procedimento de retirada de pedaços de seu colo sem seu consentimento, e essas foram enviadas para uma autópsia. O responsável pelo laboratório, George Grey, fez testes com as células da mulher e descobriu que elas se multiplicavam *in vitro*. As células passaram então a ser chamadas de “células HeLa” e ser distribuídas a cientistas pelo mundo afora, tudo sem o conhecimento da paciente ou de seus familiares, o que ainda acontece hoje.

A questão é que as células HeLa tiveram e ainda têm um impacto enorme na medicina. Elas foram usadas em estudos que levaram a feitos como a primeira vacina para a poliomielite e a clonagem do primeiro ser vivo. Mais de 70.000 estudos já foram realizados com essas células e pelo menos dois Prêmios Nobel já foram entregues a pessoas que usaram delas.

Atualmente o lote de células HeLa pode chegar ao valor de até 10 mil dólares. E o que é mais perverso, a família de Henrietta nunca viu a cor desse dinheiro. Nunca receberam nada pelo que tiraram à força de alguém de sua família. E o nome de Henrietta Lacks continua desconhecido pela maioria da população mundial.

Conclusão

Penso que o que Henrietta Lacks passou é prova viva do quanto ainda precisamos evoluir quanto sociedade. Afinal, é algo que aconteceu há anos, e ainda não teve justiça sendo feita para reparar nem que seja um pouquinho do que foi feito.

Apesar disso, todas as histórias contadas aqui mostram que nós mulheres somos sim capazes de mudar o mundo, mesmo que vivemos em um mundo que não nos dá as mesmas oportunidades que nossos parceiros do sexo cis masculino. Por isso é importante que valorizemos a batalha de todas, porque elas nos fortalecem, tornando mais fácil para nós chegarmos onde elas chegaram, e quanto mais oportunidades mais longe vamos e mais impacto temos.

Referências bibliográficas

BESTOW, Lizzie. **6 Female Philosophers You Should Know About**. 2020. Disponível em: <https://medium.com/the-philosophers-stone/6-female-philosophers-you-should-know-about-3e89b3adc9d1>. Acesso em: 28 jan. 2021.

LINDEMANN, Kate. **Themistoclea of Delphi**: fl. 600 bce moral philosophy. fl. 600 BCE Moral Philosophy. 2014. Disponível em: http://www.societyforthestudyofwomenphilosophers.org/Themistoclea_of_Delphi.html. Acesso em: 28 jan. 2021.

FERNANDES, Christiane Costa de Matos; GUIMARÃES, Deborah Moreira; SAMPAIO, Juliana Lira; MELO, Rebeca Furtado de (org.). Djamila Ribeiro: uma voz para nosso tempo. entrevista com djamila ribeiro. **Ekstasis**: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia, [S.L.], v. 8, n. 2, p. 278-291, 9 abr. 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/ek.2019.49903>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/49903/33628>.

ESCOLA BRITANNICA (org.). **Rigoberta Menchú**. 20-?. Enciclopédia Britannica. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/Rigoberta-Mench%C3%BA/631037>. Acesso em: 28 jan. 2021.

FERRARI, Giuliana. **Wangari Maathai, uma mulher pelo Quênia e pelas árvores**. 2017. Associação O Eco. Disponível em: <https://www.oeco.org.br/colunas/colunistas-convidados/wangari-maathai-uma-mulher-pelo-quenia/>. Acesso em: 28 jan. 2021.

FOLHA DE S. PAULO (org.). **O que é a medalha Fields, o maior prêmio que um matemático pode receber.** 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2018/08/entenda-o-que-e-a-medalha-fields-o-maior-premio-matematico.shtml>. Acesso em: 28 jan. 2021.

RODGERS, Jude. **She made music jump into 3D:** wendy carlos, the reclusive synth genius. Wendy Carlos, the reclusive synth genius. 2020. The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/music/2020/nov/11/she-made-music-jump-into-3d-wendy-carlos-the-reclusive-synth-genius>. Acesso em: 28 jan. 2021.

MIRANDA, Daniela. **Dia Mundial do Autismo:** conheça temple grandin, autista que se tornou referência mundial em bem-estar animal. conheça Temple Grandin, autista que se tornou referência mundial em bem-estar animal. 2019. Fazu. Disponível em: <https://www.fazu.br/02/dia-mundial-do-autismo-conheca-temple-grandin-autista-que-se-tornou-referencia-mundial-em-bem-estar-anim/>. Acesso em: 28 jan. 2021.

IMPA (org.). **Morre Maryam Mirzakhani, única mulher Medalha Fields.** 2017. Instituto de Matemática Pura e Aplicada. Disponível em: <https://impa.br/noticias/morre-maryam-mirzakhani-unica-mulher-a-ganhar-a-medalha-fields/>. Acesso em: 28 jan. 2021.

REDAÇÃO. **Katherine Johnson, matemática negra que ajudou a Nasa a ir para a Lua, morre aos 101 anos.** 2020. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/24/katherine-johnson-matematica-negra-que-ajudou-a-nasa-a-ir-para-a-lua-morre-aos-101-anos.ghtml>. Acesso em: 29 jan. 2021.

GNIPPER, Patrícia. **Mulheres Históricas:** ada lovelace, a primeira programadora de todos os tempos. Ada Lovelace, a primeira programadora de todos os tempos. 2016. Canaltech. Disponível em: <https://canaltech.com.br/curiosidades/mulheres-historicas-ada-lovelace-a-primeira-programadora-de-todos-os-tempos-71395/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

GNIPPER, Patrícia. **Mulheres Históricas:** conheça a história de grace hopper, a "vovó do cobol". conheça a história de Grace Hopper, a "vovó do COBOL". 2016. Canaltech. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/mulheres-historicas-conheca-a-historia-de-grace-hopper-a-vovo-do-cobol-72559/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

GNIPPER, Patrícia. **Mulheres Históricas:** rosalind franklin, a injustiçada "mãe do dna". Rosalind Franklin, a injustiçada "mãe do DNA". 2016. Canaltech. Disponível em: <https://canaltech.com.br/internet/mulheres-historicas-rosalind-franklin-a-injustica-da-mae-do-dna-78101/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

KAJIWARA, Kelly. **Tomoe Gozen foi uma das maiores Onna-Musha do Japão.** 20--. Coisas do Japão. Disponível em: <https://coisasdojapao.com/2019/08/tomoe-gozen-foi-uma-das-maiores-onna-musha-e-bushi-do-japao/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

ALTOÉ, Larissa. **Dandara e a luta pela liberdade**. 2020. MultiRio. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/16845-dandara-e-a-luta-pela-liberdade>. Acesso em: 29 jan. 2021.

SOUSA, Alana; NOGUEIRA, André. **A TRISTE E HEROICA SAGA DE DANDARA DOS PALMARES**. 2020. Aventuras na História. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-dandara-dos-palmares-o-maior-ato-de-resistencia-contra-o-regime-escravocrata.phtml>. Acesso em: 29 jan. 2021.

PAIVA, Vitor. **Clare Hollingworth**: a jornalista que deu o furo da segunda guerra e faleceu nesta semana, aos 105 anos. a jornalista que deu o furo da Segunda Guerra e faleceu nesta semana, aos 105 anos. 2017. HypeNess. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2017/01/clare-hollingworth-a-jornalista-que-deu-o-furo-da-segunda-guerra-e-faleceu-nesta-semana-aos-105-anos/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA (org.). **Clare Hollingworth**. 2017. Disponível em: <http://www.abi.org.br/clare-hollingworth/>. Acesso em: 29 jan. 2021.

FERREIRA, Leonídio Paulo. **A raiva de Hemingway por a mulher ter desembarcado primeiro no Dia D**. 2019. Diário de Notícias. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/a-raiva-de-hemingway-por-a-mulher-ter-desembarcado-primeiro-no-dia-d-10983541.html>. Acesso em: 29 jan. 2021.

KNIGHT, Sam. **A Memorial for the Remarkable Martha Gellhorn**. 2019. The New Yorker. Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/letter-from-the-uk/a-memorial-for-the-remarkable-martha-gellhorn>. Acesso em: 29 jan. 2021.

MESQUITA, Gabriela. **O legado de Henrietta Lacks**. 2020. Liga Nacional dos Acadêmicos em Biotecnologia. Disponível em: <http://www.linabiotec.com.br/?p=3533>. Acesso em: 29 jan. 2021.

**Mulheres camponesas, discursos e subjetividades:
resistência e contribuição
na luta da transformação social**

Rayssa de Oliveira Duarte⁶

"[...] é preciso transformar a sociedade capitalista, superar todas as formas de dominação e exploração da sociedade patriarcal, capitalista e racista. Essas são mudanças totalmente interligadas, uma não acontece de forma completa sem a outra" (MMC, 2018).

Apesar de existirem atualmente diversos setores que trabalham com organizações de mulheres que buscam promover avanços no campo dos direitos femininos, o trabalho doméstico ainda é considerado coisa de mulher. A participação de mulheres em movimentos sociais no campo é marcada historicamente pela quebra de valores tradicionais da identidade feminina e na inversão radical de papéis. Em virtude das severas desconfianças acerca da capacidade de liderança e da imagem que a sociedade lhes atribui, aquelas que devem ficar em casa para cuidar dos filhos e do marido, a inserção nos movimentos sociais representou o começo de um processo. Simbolizou o início de um processo de construção de uma identidade política feminina.

.....
⁶ Acadêmica do curso de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Por meio deste ensaio, colocaremos em questão a luta das mulheres camponesas e o próprio movimento como meio possibilitador de emancipação das mulheres engajadas e de suas comunidades, as quais ressignificam identidades e culturas. Além disso, dialogaremos sobre o surgimento do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), sua importância na luta por direitos para as mulheres no campo e para a transformação das relações de gênero e da sociedade por meio do feminismo camponês e popular.

Para começarmos, é importante estabelecer que utilizaremos o termo camponês no sentido de resistência, visto que, levando em consideração a ascensão do agronegócio, o campesinato é uma constante luta contra aquilo que está sendo hegemônico como modelo de desenvolvimento para o campo.

Valdete Boni (2013), na sua obra *Movimento de Mulheres Camponesas: Um Movimento Camponês e Feminista*, debate acerca da introdução do conceito de campesinato no movimento (MMC), na qual apresenta diferentes compreensões sobre a configuração do campesinato, incluindo a defendida pelas mulheres camponesas. Utilizaremos no nosso debate a definição defendida pelo Movimento de Mulheres Camponesas.

Houve ressignificação no conceito utilizado pelas mulheres do MMC que superou as definições clássicas e também as acadêmicas, as quais referiam-se ao campesinato como tendo apenas uma pequena participação no mercado, ao contrário da agricultura familiar que corresponderia aos que estão inseridos mais fortemente no mercado. Alguns estudos tratavam o termo camponês como sendo um modo “atrasado” de produzir, como se a agricultura camponesa estivesse na retaguarda dos demais tipos de produção. Porém, entre as mulheres do MMC que se autodenominam camponesas, as quais muitas já possuíam integrações com as agroindústrias, ignoraram esse conceito clássico para que não fossem excluídas e passaram a “adotar um significado de luta para o conceito de campesinato e a ideia de uma agricultura camponesa associada à agroecologia” (BONI, 2013, p.74).

O Movimento de Mulheres Camponesas ainda está no processo de construção da noção de campesinato, concomitantemente, as

mulheres do movimento defendem veementemente que o modelo de agricultura camponesa é mais voltado para a agroecologia. Reside nessa noção também a ênfase de que a agricultura camponesa se preocupa mais com o bem estar, pois produz alimentos saudáveis. A partir disso, é possível afirmar que “é camponesa a mulher que cultiva sem agrotóxicos, porque o modelo de agricultura camponesa idealizado por elas é agroecológico” (BONI, 2013, p. 85). Desta forma, a conotação política de camponês se mescla com os princípios do ecofeminismo, destacando o cuidado que as mulheres têm com a saúde e com a vida (BONI, 2013, p.75).

A ideia de camponês remonta às Ligas Camponesas no Nordeste e é associada à luta pela terra. Para o MMC, são os conhecimentos e as práticas que diferenciam a agricultura camponesa da agricultura do agronegócio.

A identidade camponesa é o reconhecimento do que o identifica, do que lhe é próprio. Ela é caracterizada pelo modo de viver, pelo modo de se relacionar com outros grupos sociais e com a natureza, através do uso que se faz dela, expressos pelos hábitos alimentares e comidas típicas, pela cultura, pela música, pelas danças, pela mística e religiosidade, pelo jeito de produzir e de cuidar da terra. Para o camponês e a camponesa, a terra é o lugar de reproduzir e cuidar da vida. As sociedades e comunidades tradicionais, nas quais se inserem os indígenas, os quilombolas, os sertanejos, os caiçaras, os caboclos, os extrativistas e, por fim, o campesinato em toda sua sociodiversidade, caracterizam-se pela sua dependência em relação aos recursos naturais. É no aprendizado sobre o funcionamento dos ciclos naturais – de quando chove ou faz seca, sobre as plantas que ali crescem ou os animais que por ali vivem – que nasce e se desenvolve o conhecimento sobre essa diversidade, e que tradicionalmente é repassado de uma geração a outra. Assim se constrói “o modo de vida” de cada povo ou comunidade tradicional e são definidos os seus territórios, espaços onde cada grupo se reproduz econômica e socialmente, auto identificando-se com “o lugar”, por pertencer a uma cultura distinta das demais. Assim é o camponês brasileiro (SILVA, 2011, p. 453).

O surgimento das Ligas Camponesas, em 1950, teve um papel muito importante na construção e fortalecimento dos movimentos sociais do campo, que marcou o processo de organização dos (as) trabalhadores (as) rurais na época. Silva (2017) ressalta a influência da atuação das Ligas na luta camponesa aconteceu ao denunciar as situações de violências do campo que eles e elas enfrentavam e, além disso, iniciar o debate sobre a natureza da propriedade da terra e a necessidade da reforma agrária. Ademais, foi essencial também para a criação de sindicatos e outras organizações locais.

Construção do feminismo camponês e popular

O movimento feminista foi muito importante na conquista de muitos direitos das mulheres, entretanto, o feminismo hegemônico não contempla todas as mulheres, principalmente aquelas sujeitas à opressão de raça e classe, para além da opressão de gênero. Dito isso, o movimento se baseava na realidade de quais mulheres?

O campo feminista é atravessado por conflitos e disputas e, por conseguinte, não pode ser caracterizado de forma homogênea. As mulheres camponesas não se viam representadas pela luta feminista, pois priorizavam especialmente a mulheres brancas, heterossexuais e de classe média. Assim, a luta das mulheres do campo é para romper com as estruturas de opressões existentes, buscando a emancipação das mesmas. Desta forma, infere-se “a necessidade de se pensar propostas de feminismos a partir da teoria interseccional, ou seja, analisar as opressões de raça, gênero, classe e etnia atuando de maneira entrecruzada na vida dessas mulheres, formando, assim, uma estrutura de opressões” (CHEHAB & CARVALHO, 2020).

É fundamental levarmos em consideração neste debate a interseccionalidade entre mulher e camponesa, pois essas duas categorias quando tratadas de modo dissociados não as incluem. Para Crenshaw (2002), a interseccionalidade é uma proposta para “considerar todas as múltiplas formas de identidade”, sem que tenha a presunção de “sugerir uma nova teoria globalizante da identidade”. O essencial nessa conceituação é a compreensão de que as formas

de opressão não atingem os sujeitos de modo isolado, mas de forma inter-relacional.

O conceito auxilia na compreensão de como as categorias sociais (gênero, classe, raça, sexualidade, entre outras) se interconectam e, principalmente, por destacar subalternização, a opressão, a discriminação e a desigualdade dentro dessas mesmas categorias.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempenho. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

É neste cenário que surge o feminismo camponês e popular, construído com base na realidade das mulheres do campo, pautado na identidade da luta dos seus movimentos sociais rurais. Assim, para que começassem a construção do feminismo camponês, foi preciso abandonar o estigma do feminismo uniforme e da mulher universalizada. De acordo com Lima (2015), o feminismo camponês e popular é diferente de todos os outros tipos de feminismos, é contrário a posições colonizadoras e universalizantes que definam as mulheres brancas da zona urbana como parâmetro para todas as outras mulheres.

Tal feminismo se tornou essencial na luta da transformação social por se constituir com proposta alternativa e revolucionária à teoria construída pelo feminismo liberal hegemônico. Entendemos "feminismo hegemônico", segundo Chehab & Carvalho (2020), como "aquele pautado em uma visão eurocêntrica, centrado na mulher branca, intelectual, de classe média, urbana e suas respectivas pautas, constituiu-se como predominante na América Latina e no Brasil".

É possível percebermos a grandeza dos feminismos e, através da criação do feminismo camponês e popular, como podem se manifes-

tar de diferentes ações práticas. Assim, constitui-se como um processo de construção das mulheres, através da valorização da produção, da participação e da apresentação das mulheres na vida social. É por meio desses fatores que o reconhecimento das mulheres com o feminismo camponês e popular quebrou o paradigma, tendo visto que existia certa resistência aos primeiros contatos com a palavra feminismo.

Para o MMC (2018), o feminismo camponês e popular significa respeito ao modo de vida, fundamentado no projeto de agricultura camponesa e agroecológica, e também é transformação, em razão de ter como meta construir os alicerces para uma sociedade sem classes, socialista e feminista.

Nesse ponto, é relevante explicitar que, com a expressão "ressignificar o feminismo", pretende-se dizer que as mulheres camponesas começam a pensar o "ser feminista", não partindo de um feminismo hegemônico, o qual mais as afastava do que as aproximava. Agora, elas passaram a construir um feminismo que contempla a realidade e o contexto em que estão inseridas, buscando demonstrar como é possível surgir uma proposta de feminismo no seio das próprias organizações autônomas de mulheres camponesas (CHEHAB & CARVALHO, 2020).

As atitudes tomadas pelas mulheres do campo ao reivindicarem por seus direitos, ao começarem a ocupar outros espaços além de suas casas e ao conquistarem autonomia influiu o descontentamento e incômodo da sociedade. A recusa em aceitar a mobilização, organização e a conquista de outros espaços pelas mulheres foi, e continua sendo até nos dias atuais, decorrente da "força patriarcal que predominava como sistema expresso na vida das camponesas, no cotidiano vivenciado em suas comunidades, sítios, assentamentos e florestas" (CALAÇA; CONTE; CINELLI, 2018). À vista disso, o feminismo camponês e popular começou a ser visto como algo muito ousado e provocador.

A importância do Movimento de Mulheres Camponesas para a luta da transformação social

Na obra intitulada *Mulheres no campo: notas sobre sua participação política e a condição social do gênero*, Maria José Carneiro (1994) nos chama a atenção para uma importante mudança que ocorreu na qualidade da participação das mulheres dentro dos movimentos sociais no campo na década de 80. Mesmo não tendo impeditivo legal para a filiação, havia várias diretorias que se colocavam em objeção e impedia a associação de mulheres. Tal fato não implica, entretanto, na ausência das mulheres nas lutas travadas por camponeses e trabalhadores rurais. As mulheres deixam de participar apenas como sombras dos maridos (pai, marido e dentre outros familiares) e passam a assumir o compromisso com a luta, tendo o incentivo de ganhar autonomia e do reconhecimento de pertencer a determinada categoria social e política. A luta pela reforma agrária e as diferentes formas de trabalho desempenhado no campo mostram o significativo papel da mulher no desenvolvimento agrário brasileiro. Além disso, com maior participação nos movimentos sociais no campo, que resultará na criação de diversas frentes de lutas das mulheres camponesas, tornou-se pública a situação da trabalhadora-mulher que engloba outras identidades, o da trabalhadora-mãe e trabalhadora-esposa, constituindo as identidades múltiplas da mulher rural (CARNEIRO, 1994, p.14). As principais reivindicações feitas pelas mulheres camponesas nos encontros eram por

[...] demandas por terra para plantar e/ou por melhores salários, por uma política agrícola mais adequada e por preços justos. A assimilação dessas reivindicações, comuns à categoria de pequenos produtores como um todo, pelo movimento de mulheres, tem a importância de tornar público e visível o seu papel na condição de produtora, justificando, assim, que lhes seja reconhecida a profissão de agricultora, o que é pré-condição para uma série de outras reivindicações que diz respeito à cidadania da mulher. (CARNEIRO, 1994, p.18)

Por conseguinte, ao mesmo tempo em que lutam para conseguirem participar e terem suas vozes ouvidas dentro dos movimentos sociais do campo que lhes representam, as mesmas lutam para serem reconhecidas como trabalhadoras. Segundo Giovanna Salvano e Mara Wolff (2013), a desigualdade de gênero e o poder existente neste âmbito evidencia a necessidade das mulheres obterem seus documentos pessoais e profissionais, os quais possibilitam o reconhecimento como trabalhadoras e terem acesso aos direitos trabalhistas-previdenciários.

As organizações, os coletivos de trabalhadoras rurais, incentivaram a documentação e levantaram uma discussão sobre direitos, cidadania. As mulheres reconhecem que não basta serem produtoras, trabalhadoras; é preciso serem reconhecidas como tal [...].A organização das trabalhadoras estimula suas lideranças a pensar sobre as desigualdades de gênero, e, a partir desse olhar, as trabalhadoras começam a discutir sobre a invisibilidade do seu trabalho na agricultura familiar camponesa. As trabalhadoras rurais percebem que as atividades produtivas desenvolvidas no grupo familiar têm um significado econômico; não são simplesmente uma ajuda. (SALES, 2007, p.439)

O caráter da luta dos movimentos de mulheres camponesas estava fundamentado na luta de classes e gênero. Segundo MMC (2018), para que haja a manutenção no modo de vida camponês, é necessário transformar as relações de gênero que oprimem e discriminam as mulheres, modificar a sociedade capitalista, superar todas as formas de dominação e exploração da sociedade patriarcal, capitalista e racista.

No meio rural camponês ocorre a desvalorização do trabalho das mulheres camponesas e a invisibilidade das rendas entre as pessoas que compõem a família. Tendo visto que no campesinato os camponeses são trabalhadores e também os detentores dos meios de produção, a existência da hierarquia dos papéis de gênero faz com que toda a renda fique sob a responsabilidade do chefe de família, que, na grande maioria dos casos, é o pai/marido.

Sales (2007) salienta que mesmo as mulheres trabalhando em diversos espaços, se concentrando principalmente na casa e no quintal, cuidando da casa, encarregando-se da alimentação dos animais e tomando conta da horta, elas desenvolvem trabalhos no roçado, principalmente no período do plantio e colheita. Ainda que não tenham a devida visibilidade, não se pode negar que elas estão ocupando terras, plantando, colhendo e cultivando o desejo de ter uma terra livre e usufruí-la com seu trabalho.

Um marco muito importante na vida destas mulheres foi a conquista de terem sido reconhecidas como trabalhadoras rurais na Constituição de 1988. Foi legitimizada a igualdade de direitos entre homens e mulheres na família e estabelecida a igualdade de direitos entre homens e mulheres na obtenção de título de domínio ou de concessão de uso de terras para fins de reforma agrária. Contudo tal alteração na teoria e nas relações de gênero não significa que as desigualdades entre homens e mulheres sejam aniquiladas.

As organizações de mulheres surgiram a mais de três décadas, em consonância com as diversas ferramentas de luta, que se constituíram em movimentos populares, sindicatos combativos e partidos políticos de bases populares que ocorreram nos finais dos anos da ditadura militar no Brasil. Inicialmente surgiram de forma isolada em cada estado brasileiro, entretanto, na década de 90 esses movimentos se uniram e criaram a Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR), que resultou na criação do MMC em 2004.

O MMC surgiu como forma de visibilidade às questões das mulheres da roça que não se viam representadas em outros tipos de movimentos, aqueles cujas reivindicações não abrangiam a realidade da mulher do campo. Acima de tudo tornou-se um espaço de luta, formação e organização na perspectiva de construir transformação pessoal e social.

O MMC exerce sobre as camponesas a função de uma organização que libertou as mulheres do papel invisível de trabalhadoras rurais, ao lutar pelos direitos trabalhistas e pelo reconhecimento da profissão de agricultora. A organização e a troca de expe-

riências nos encontros, nos cursos, nas assembleias e passeatas fez com que muitas mulheres se reconhecessem como mulheres com direitos iguais aos homens e não mais submissas (BONI, 2013, p.83)

Em 1986 foi realizado o I Encontro Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais com a presença de mulheres representando 26 estados, com o objetivo de discutir a realidade das mulheres camponesas em todo o país. Neste encontro foram estruturadas linhas de atuação conjuntas, como “a luta pela participação política das mulheres, luta contra toda forma de opressão e discriminação, colocar as demandas das mulheres dentro da luta da classe trabalhadora e a sindicalização e organização de mulheres dentro dos sindicatos” (MMC, 2018). Em 1995 foi fundado a Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais, que reuniu mulheres dos movimentos autônomos, a exemplo da Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Pastoral da Juventude Rural (PJR), Movimento dos Atingidos pelas Barragens (MAB) e Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) (MMC, online).

Segundo o documento do MMC (2004), a consolidação do movimento de mulheres autônomas fortalece a luta por uma sociedade baseada em novas relações sociais entre os seres humanos e também com a natureza. Assume um papel importantíssimo ao concretizar lutas e organizações em prol da libertação das mulheres de qualquer tipo de opressão e descriminalização. Isso se faz possível por meio do trabalho de conscientização a partir da realidade das mulheres, reconhecendo e ao mesmo tempo questionando seus modos de vida, tradições, costumes e princípios. Assim,

Além disso, o Movimento de Mulheres Camponesas defende o Projeto Popular de Agricultura Camponesa que, através de uma prática feminista, sustenta a defesa da vida e na conquista de direitos como o direito a vida humana, dos animais e da natureza, como bem maior por sobre o lucro e a exploração capitalista. Ressalta o papel e a importância das mulheres em todo o histórico da agricultura no mundo desde sua origem e na atualidade.

Considerações Finais

Evidenciamos a importância do Movimento de Mulheres Camponesas na luta pela liberdade e emancipação da humanidade. A invisibilidade do trabalho das mulheres no campo e a divisão do trabalho entre homem e mulher na produção familiar são componentes que compõem a identidade feminina camponesa, que é formada por vários marcadores sociais de diferenças. Os espaços de formação e organização construídos dentro do Movimento de Mulheres Camponesas proporcionaram às mulheres a condição de construir e reconstruir outras identidades a partir do coletivo.

A libertação das mulheres se concretizará apenas com a superação das opressões provenientes do capitalismo, das violências decorrentes do machismo e racismo. Podemos afirmar que o protagonismo das mulheres do campo é uma das mais relevantes razões para transformação no paradigma rural: suas vivências modificam a maneira de lidar com a terra, tal forma que seja distinta das “masculinas” do meio rural e quanto das formas do agronegócio. Para grande parte das mulheres, a oportunidade de superar as condições vigentes de exploração e opressão não consiste em igualar-se aos homens, mas em modificar os sistemas sociais e políticos.

Assim, “a resistência se fará presente em qualquer tempo em que as liberdades sejam oprimidas” (MORAES, 2020). A trajetória dos movimentos de mulheres camponesas tem resistido a todas as formas de opressão, discriminação e apresentado um caminho produtivo como forma de emancipação social.

Referências Bibliográficas

BONI, V. MMC um movimento camponês e feminista. **Revista Grifos**, Chapecó, v. 22, n. 34/35, p. 67-88, 2013. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/1259>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

CALAÇA, M. K. A. DOS S.; CONTE, I. I.; CINELLI, C. Feminismo camponês e popular: uma história de construções coletivas. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, v. 3, n. 4, p. 1156-1183, 23 dez. 2018.

CARNEIRO, M. J. Mulheres no campo: nota sobre sua participação política e a condição social de gênero. **Estudos sociedade e agricultura**, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 11-22, jun, 1994.

CRENSHAW, K. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Revista Estudos Feministas**. Ano 10 (1). Florianópolis, 2002. p.171-188.

Lima, M. M. T. Elas dizem não! Mulheres camponesas e a resistência aos cultivos transgênicos. Campinas, SP: Librum, 2015. E-book. Disponível em: <<http://www.librum.com.br/elasdizemnao/info/>> Acesso em: 15 fev. 2021.

MARIA CAMPOS VASCONCELOS CHEHAB, I.; NOBRE CARVALHO, G. Feminismo camponês e popular: a voz que vem do campo. **Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades**, v. 29, n. 1, p. 157-171, 16 jul. 2020.

MMC. **Cartilha Feminismo Camponês e Popular**. 2018. Disponível em: http://www.mmcbrazil.com.br/site/materiais/download/Cartilha_feminismo_campones_popular-2018.pdf. Acesso em: 22 jan. 2021.

MMC, **História**. 2004. Disponível em: <http://www.mmcbrazil.com.br/site/node/44>, Acesso em 22 de jan. de 2021.

MMC BRASIL. *Movimento de Mulheres Camponesas*. 2010. Comunicação Integrada. Disponível em: <<http://www.mmcbrazil.com.br/site>>. Acesso em: 26 dez. 2020.

MORAES, Eunice Léa. A interseccionalidade. **Letras & Letras**, [S.L.], v. 36, n. 1, p. 261-276, 29 jun. 2020. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/ll63-v36n1-2020-14>.

SALES, C. de M. V. Mulheres rurais: tecendo novas relações e reconhecendo direitos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 437-443, mai/ago. 2007.

SALVARO, G. I. J.; LAGO, M. C. de S.; WOLFF, C. S. "Mulheres agricultoras" e "mulheres camponesas": lutas de gênero, identidades políticas e subjetividades. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, p. 79-89, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822013000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 jan. 2021.

SILVA, A. K. Feminismo camponês e popular: a construção da identidade feminista das mulheres do movimento de mulheres camponesas de Alagoas. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL FEMINISMO E AGROECOLOGIA: TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS, 3, 2020, Recife. **Anais...** Recife, PE: Cadernos de Agroecologia, 2020. p. 1-8.

SILVA, M. T. Violação de direitos e resistência aos transgênicos no Brasil: uma proposta camponesa. In: ZANONI, M; FERMENT, G (orgs). **Transgênicos para quem?** Agricultura, Ciência e Sociedade. Brasília: MDA, 2011.

**REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS ACERCA DOS PAPÉIS SOCIAIS
DE GÊNERO: A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA
DO PROCESSO DE NATURALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA
CONTRA A MULHER E AO CORPO FEMININO**

COUTINHO LIBRAIZ, Aldenora Oliveira¹

“Escrever é o ato mais atrevido que eu já ousei e o mais perigoso”

(ANZALDÚA, 2000)

Este trabalho tem por objetivo fazer algumas reflexões acerca da construção histórica da naturalização da violência direcionada à mulher e ao corpo feminino e sua relação no processo de atribuição de papéis sociais associados ao gênero. Uma inquietação fruto dos debates acadêmicos sobre relações de gênero e colonialidades. Nesse sentido, buscamos referencial através de uma lente descolonial que nos possibilita compreender alguns aspectos desse tema tão complexo. A violação ao corpo feminino e/ou afeminado é uma prática cotidiana a ser problematizada. Sendo essas técnicas utilizadas como uma ferramenta de sustentação do sistema hegemônico. As novas formas de guerra são expressas diretamente no corpo territorializado da mulher, uma transformação visando o aniquilamento dos derrotados. A descolonização é o caminho na busca de uma nova forma de (R)existência, um futuro no qual fora possível anteriormente ao processo da colonização.

1
Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. aldelibraiz@gmail.com.

1. A relação entre a colonização e naturalização da violência contra a mulher

A colonização europeia desencadeou uma série de eventos configurando um novo futuro para as outras regiões do mundo. Entre os eventos destacamos o tráfico humano, a escravidão dos povos africanos e a invasão das Américas. Tais fatos produziram o desencadeamento de processos históricos, formatando assim o modo de vida dos colonizados. A criação da ideia de progresso e modernidade infringiu nesses povos transformações sociais e culturais profundas, culminando em um futuro completamente diferente daquele aos quais as colônias estavam trilhando. A autora africana Oyěwùmí (2004), reflete sobre em como “a expansão da Europa e o estabelecimento da hegemonia cultural euro-americano em todo o mundo”, afetaram o percurso aos quais essas regiões estavam seguindo, reorganizando as sociedades pré-coloniais sob sua visão eurocêntrica, principalmente na forma de vida, nos comportamentos e alterando as suas concepções de mundo. Ainda seguindo autora acima, isso refletiu em todos os aspectos fundamentais dos colonizados, “em nenhum lugar isso é mais profundo que na produção de conhecimento sobre o comportamento humano, história, sociedades e culturas” Oyěwùmí (2004). As sociedades pré-coloniais tinham sua própria organização quanto a gênero, para Oyěwùmí (2004),

O fato de que as categorias de gênero ocidentais são apresentadas como inerentes à natureza (dos corpos), e operam numa dualidade dicotômica, binariamente oposta entre masculino/feminino, homem/mulher, em que o macho é presumido como superior e, portanto, categoria definidora. (p. 08).

Portanto, as desigualdades estão intrinsecamente ligadas ao conceito ocidental de modernidade, sendo “o privilégio de gênero masculino como uma parte essencial do ethos europeu está consagrado na cultura da modernidade” (Oyěwùmí. 2004). Esses argumentos nos fornecem uma visão ampliada de como a colonização e seus desdobramentos afetaram as novas constituições sociais nas colônias,

novamente, a autora Oywùmí (2004), observa como o “imperialismo, à colonização e outras formas locais e globais de estratificação”, que emprestam peso à afirmação de que o gênero não pode ser abstraído do contexto social e de outros sistemas de hierarquia. É necessário, portanto, um olhar apoiado nas conjunturas locais para o entendimento da reorganização das estruturas vigentes, a partir da invasão europeia, as sociedades tradicionais foram submetidas à dominação estruturada que perdura até os dias de hoje. Sendo o início de novas configurações nas relações e a construção de novas subjetividades, produzindo grandes impactos nas sociedades pré-coloniais, afetando assim os conceitos de “ser humano” concebidos anteriormente e todas as suas significações.

Nesse sentido, incidiu sobre estas sociedades novas conjunturas estruturantes, dominantes e organizadoras do modo vida. Como observa Segato (1998) em suas reflexões, onde há o “domínio da estrutura, e a estrutura que organiza os símbolos, lhes conferindo sentido, não é da ordem do visível. O poder se revela, às vezes, com infinita sutileza”. Ainda segundo a autora, desde a primeira cena a qual estamos inseridos na sociedade, no caso a familiar, as características estruturais definem os espaços. E, modifica a cena anterior, definindo as novas configurações sociais, para Segato (1998) esta “se transveste de gênero, emerge nas caracterizações secundárias com os traços do homem e a mulher, e nos seus papéis característicos”, sendo incorporados e internalizados.

A modernização europeia infringiu aos outros povos a sua visão, sendo este um dos aspectos iniciais da naturalização da violência destinada às mulheres. Podemos indicar dentro dessa visão eurocêntrica outro aspecto preponderante, a diferenciação entre os humanos civilizados, ditos homens brancos e europeus e os subalternizados, considerados não humanos, passíveis de todo tipo de violência (Lugones, 2014). Deste modo, iniciou-se uma tendência de regência, regulação e classificação dos povos. Logo a modernidade impôs a normatividade da dicotomia de forma brutal, com a missão de civilidade ao colonizados, considerados pecaminosos. Nesse contexto, a feminização

dos homens subalternos tornou-se humilhante, passível de punição e sujeição, constituindo assim um dos fenômenos construtores de masculinidades aos homens colonizados e uma das maneiras de normalizar a violência contra todos os corpos vistos com características do feminino. Ocorre, então, uma legitimação orquestrada de violação sistêmica, porém mais especificamente contra as mulheres (Lugones, 2014).

Nessa conjuntura, a definição dos gêneros em nossa cultura, tornou-se uma estrutura fundamental para a manutenção da dominação, ao mesmo tempo em que tudo ligado à feminilidade passou a ser inferiorizado e subordinado. Segundo Segato (1998), outras pesquisadoras buscam estudar essa “tendência universal da subordinação da mulher na dimensão ideológica das representações culturais”. Conjuntamente, outro fenômeno ocorre em nossa cultura, às masculinidades subalternas obrigaram-se a afirmarem-se dentro desse contexto, excluindo todos os aspectos femininos da sua constituição, (Segato, 2003 e Zanello, 2018). Para tanto e de tal maneira, a diferença biológica constitui a base para apoiar a ideia de inferiorização dos aspectos femininos, percebe-se a partir de então, uma clara divisão entre os sexos biológicos diferenciando-os, demarcando as posições. Segundo Segato (1998):

É aqui importante compreender a separação, mas, também, as associações, entre o sexo biológico, enquanto dado da natureza, por um lado, a posição assinalada a cada um deles numa estrutura de sentido eminentemente abstrata que se encontra por trás de toda organização social, por outro, e, ainda, a construção variável, cultural e histórica, do conjunto de comportamentos e predisposições associados a cada um dos gêneros (p. 8).

Sendo assim, significou fundar uma configuração de uma dicotomia biológica, conforme Segato (1998), “A cada um dos termos do dimorfismo biológico macho-fêmea, agregam-se um conjunto de significados distribuídos na matriz binária masculino-feminino que configura a dualidade dos gêneros na cultura e na história”, estabelecen-

do como bases as diferenças “dualidade que simultaneamente encobre e deriva de uma estrutura que mais do que empírica é cognitiva - denominada “matriz heterossexual”² (Butler 1990 apud Segato, 1998). Para Piscitelli, 2013, a biologia determinou em parte o papel e a designação do espaço doméstico ao âmbito da mulher, “a vinculação entre qualidades femininas e a capacidade de conceber filhos e dar à luz contribuiu para que a principal atividade atribuída às mulheres seja a maternidade, e que o espaço doméstico e familiar fosse seu principal local de atuação”. (Piscitelli, 2013). Nesta direção, a configuração do papel da mulher na sociedade foi sendo delimitada ao âmbito privado. Nesta direção, as práticas modernistas civilizatórias repudiavam a sexualidade feminina, tornando-as algo maligno e demoníaco. Todas estas transformações foram ampliadas e normatizadas, configurando a colonialidade como um processo progressivo de desumanização da mulher e de suas características, além de promover a sujeição de todos (Lugones, 2014). Desta forma, a naturalização das violências cometidas contra as mulheres e/aos corpos afeminados; são parte de um sistema estruturado, definido os mesmos como inatos e, portanto que devem ser subjugados. Ainda nesta linha de pensamento ocidental, o homem torna-se o ser superior, tendo por direito e obrigação subjugar.

De acordo a autora Oyěwùmí (2004), podemos analisar:

O fato de que as categorias de gênero ocidentais são apresentadas como inerentes à natureza (dos corpos), e operam numa dualidade dicotômica, binariamente oposta entre masculino/feminino, homem/mulher, em que o macho é presumido como superior e, portanto, categoria definidora (p.8).

Nesse panorama, percebe-se a troca de um sistema dual, porém ontologicamente complexo e dotado de politicidade, onde as funções sociais eram co-protagonizadas, por uma nova estrutura bi-

2
“Matriz heterossexual” constitui, antes de outra coisa, uma matriz primigênia do poder, o primeiro registro ou inscrição do poder na experiência social e na vida do sujeito.

nária, que atribuía papéis sociais ao gênero, o masculino em detrimento do feminino, naturalizando uma série de opressões. Portanto, há um processo de construção de uma estrutura colonial de biologização dos gêneros, sendo opostas e definidas pela diferença.

2. Considerações acerca das concepções de homem e mulher e suas atribuições sociais na sociedade pós-colonial

A modernidade seguiu seu progresso e os modelos de sociedade modificaram-se forçadamente, formatando os papéis sociais e tornando-os estritamente definidos. Relegando ao homem à interação, a negociação, a guerra e o mundo externo, e restringindo a mulher à interdependência, a submissão. Em outras palavras, a construção histórica da invisibilização, inferiorização e dominação da mulher tiveram como base, entre outros aspectos, a diferença sexual, como aponta também Piscitelli (2009),

a diferença sexual, socialmente construída, um princípio fundamental da divisão do mundo social e simbólico, é considerada como dimensão constitutiva do habitus e da dominação simbólica (universal para o autor), cujas expressões perpassam um universo compartilhado por dominantes e dominado. Essa perspectiva, que exige estabelecer permanentemente relações entre símbolos associados à feminilidade e a masculinidade.”. (Bourdieu 1980 *apud* Piscitelli 2009, p. 12)

A sujeição feminina está fortemente ligada às questões de poder, um universo simbólico experimentado por todos. A violência está interligada nas relações sociais e normatizadas na dominação simbólica, nas atribuições de papéis inferiores as mulheres, ligados à sua feminilidade, e esta por sua vez, desprovida de qualquer tipo de poder. A presença feminina em determinados espaços se torna inerente a sua constituição, a mulher no ocidente não se desvincula dos papéis que lhe são atribuídos, impo-lhe limites. Para Oyěwùmí (2004):

Assim, a categoria fundamental da diferença, que aparece como um universal a partir dos limites da

família nuclear é o gênero. A mulher no centro da teoria feminista, a esposa, nunca fica fora do domicílio. Como um caracol, ela carrega a casa em torno de si mesma. O problema não é que a conceituação feminista comece com a família, mas que ela nunca transcenda os estreitos limites da família nuclear. Consequentemente, sempre que mulher está presente, torna-se a esfera privada da subordinação das mulheres. Sua própria presença define-a como tal (p.05).

Percebe-se aqui uma duradoura distribuição e vinculação dos papéis. Para Zanello (2018), em sociedades onde o gênero é estruturador, o binarismo se torna preponderante, com *scripts* diferentes sobre o que vem a ser um homem ou uma mulher. Para a autora, a cultura participa desse processo, seja configurando espaços, afetos ou performatividades e as emoções a serem sentidas. Assim sendo, “trata-se de uma pedagogia dos afetos ou colonização afetiva, pois os contextos culturais provem as pessoas com scripts sobre como devem sentir e expressar emoções” (Zanello, 2018). Para tanto, os papéis e designações vão além dos comportamentos e asseguram-se dos sentimentos, provocando conflitos sociais nos sujeitos. Nesse sentido, as mulheres são as mais afetadas, destituídas de poder e economicamente marginalizadas. Na compreensão de Zanello (2018), “as emoções são configuradas nas interações sociais e, portanto dependem do contexto cultural, da linguagem e da construção dos significados”. E, as vivências e interações cotidianas interferem na configuração das emoções expressas.

Portanto, esta discriminação em relação às mulheres, ocorre em todos os sistemas, justificada pelas mesmas serem portadoras de útero, considera-se, assim, apenas o espaço doméstico como principal locus de atuação. Segundo Piscitelli (2009) a natureza feminina “as suas diferentes capacidades reprodutivas”, contribuíram para delimitar os espaços desejáveis para as mulheres. Nesse contexto, a autora aponta a naturalização das desigualdades frente à distribuição desigual de poder entre homens e mulheres estarem baseadas nessas distinções naturais (Piscitelli, 2009). Ressalta-se a relevância dos processos

internalizados de desigualdades, sendo a partir destes o surgimento das mais distintas formas de crueldade contra as mulheres. No Brasil, há uma necessidade de entender como esses processos evoluíram e determinaram os “lugares diferenciados e desiguais que as mulheres ocupam em diversas áreas da vida social, prestando atenção aos aspectos culturais que participam dessa delimitação” Piscitelli (2009), sendo necessário o questionamento das configurações atuais de feminilidade e masculinidades impostas.

Para entender o funcionamento de uma sociedade e o quanto ele é desigual, precisamos olhar para os processos, que ainda persistem, de subjugação da mulher e aos que elas até o momento permanecem atreladas. Para Segato (2014), “não será o registro etnográfico dos papéis sociais por estes desempenhados nem a distribuição de direitos e deveres entre eles o que poderá provar ou rejeitar o caráter igualitário dos gêneros numa determinada sociedade”, mas a observação do grau de opressão e sofrimento aos quais as mulheres são submetidas. Nesse sentido, as mulheres oprimidas vivem e assumem identidades forçadas, para a autora Cusicanqui (2017), “La conciencia de que la identidad es una camisa de fuerza y cada persona vive muy contradictoriamente la identidad”. Sendo, portanto, necessário um equilíbrio de poder entre homens e mulheres, possibilitando novas formas de existência,” La coexistencia entre lo masculino y lo femenino en cada subjetividad. No la separación ni la segregación, sino la yuxtaposición de las dos fuerzas, de los dos principios en cada subjetividad.” (Cusicanqui, 2017).

3. Reflexões acerca da manutenção estrutural da naturalização da violência contra a mulher e estudos descoloniais

Com a transformação das políticas de domínio, a guerra atual se faz por outros meios mais sutis que o bélico. O impacto dessa mudança aparece predominantemente em novas formas de violência contra a vida das mulheres. Anteriormente esse tipo de violência caracterizava-se por ser os efeitos colaterais ocasionados pela guer-

ra e a partir dessas novas configurações tornou-se o objetivo central, um “nuevo escenario bélico» (Segato, 2014). Se vê em toda a história, uma perspectiva de dominação de novos territórios, no qual percebemos o corpo feminino como um campo a ser conquistado, acumulado como um espólio de guerra, também temos a violação do corpo feminino como técnica de guerra e significado de vitória. Significados estes que acompanham a evolução das novas guerras, consistindo em um novo campo de batalha, como nos aponta Segato (2014):

Hoy, ese destino ha sufrido una mutación por razones que tenemos pendiente examinar: su destrucción con exceso de crueldad, su expoliación hasta el último vestigio de vida, su tortura hasta la muerte. La rapiña que se desata sobre lo femenino se manifiesta tanto en formas de destrucción corporal sin precedentes como en las formas de trata y comercialización de lo que estos cuerpos puedan ofrecer, hasta el último límite (p. 342).

Ressalta-se que as mudanças nos paradigmas tornou a violação dos corpos uma arma de guerra na atualidade. Segato (2014), afirma “que en el papel y función asignado al cuerpo femenino o feminizado en las guerras de hoy se delata una rotación o viraje del propio modelo bélico”. Por conseguinte, as novas guerras são um meio de transformar a cena bélica em uma nova estrutura informal e anônima, impactando diretamente no corpo das mulheres. Segato (2014) aponta:

Esta violencia corporativa y anómica se expresa de forma privilegiada en el cuerpo de las mujeres, y esta expresividad denota precisamente el espíritu-de-corps de quienes la perpetran, se “escribe” en el cuerpo de las mujeres victimizadas por la conflictividad informal al hacer de sus cuerpos el bastidor en el que la estructura de la guerra se manifiesta (p.344).

Percebe-se neste novo formato de guerra, ações de extrema crueldade, na qual a violência não se traduz apenas por vias bélicas convencionais atingindo corpos frágeis, para a autora o sofrimento infringido a estes corpos atinge toda a coletividade. Esse fenômeno seria a forma mais cruel de atingir o adversário. Segato (2014) aponta que,

Un mensaje de ilimitada capacidad violenta y de bajos umbrales de sensibilidad humana. En la acción para-estatal de estos grupos es todavía más crítica la necesidad de demostrar esa ausencia de límites en la ejecución de acciones crueles, ya que no se dispone de otros documentos o insignias que designen quién detenta la autoridad jurisdiccional. Por un lado, la truculencia es la única garantía del control sobre territorios y cuerpos, y de cuerpos como territorios, y, por el otro, la pedagogía de la crueldad es la estrategia de reproducción del sistema. Con la crueldad aplicada a cuerpos no guerreros, sobre todo, se aísla y potencia la función propiamente expresiva de estos crímenes, función que, como he destacado en todos mis análisis anteriores, es inherente e indisoluble en todos los tipos de violencia de género (p. 345).

Destacam-se nesse contexto, todos os tipos de violência e crimes compatíveis com a guerra, sem a devida proteção do Estado. Segundo Segato (2014), "Estamos frente a crímenes de guerra, de una nueva forma de la guerra. La violación y la tortura sexual de mujeres y, en algunos casos, de niños y jóvenes, son crímenes de guerra", no entanto verifica-se ser o próprio poder estatal à utilizar-se desses métodos e a combater os que não se encaixam nos padrões de normalidade. Segato (2014):

en el contexto de las nuevas formas de la conflictividad propios de un continente de para-estatalidad en expansión, ya que son formas de violencia inherente e indisoluble de la dimensión represiva del Estado contra los disidentes y contra los excluidos pobres y no-blancos (p.345).

Nesse sentido, crimes sexuais refletem em como os elementos da estrutura patriarcal permanecem na manutenção da violência contra a mulher (Segato, 2014). Para a mesma, é preciso uma mudança e uma análise apurada desses crimes e na forma de como são recebidos pela opinião pública, de como são retratados e banalizados, apesar da relevância e assemelhar-se a crimes de guerras. Em sua concepção, há uma necessidade urgente em criar novas categorias

jurídicas para a sua análise dentro dos direitos humanos e tratados pela justiça humanitária adequadamente (Segato, 2014). Entretanto ocorrem novos formatos de reestruturação de controle por parte do Estado, compreendendo o corpo das mulheres como território e por consequente espaço para sua gestão, segundo Segato (2014),

Esto, coadunado con el biopoder, que coloca en los cuerpos el foco de la gestión, y la técnica pastoral, que conduce y produce rebaños por la producción y control de subjetividades, resulta en un nuevo paradigma de territorialidad, es decir, de la concepción y definición de lo que sea territorio. Esto tiene un fuerte impacto, por lo tanto, en la posición y el papel del cuerpo de las mujeres, por ser éste, ancestralmente, cognitivamente afín a la idea de territorio. (p.350).

O impacto desse movimento é a manutenção da sujeição das mulheres como um território a ser demarcado. A autora Segato (2014) aponta,

El cuerpo y muy especialmente el cuerpo de las mujeres, por su afinidad arcaica con la dimensión territorial, es, aquí, el bastidor o tableta sobre el cual los signos de adhesión son inscriptos. Codificados atributos de pertenencia son burilados o anexados al mismo. Y en él, en especial en el cuerpo femenino y feminizado, los enemigos de la red graban con saña las señales de su antagonismo. (P. 351).

A violência está presente nos mais variados âmbitos, e o ambiente doméstico é onde esta violência se expressa em sua maioria. No entanto, violências de âmbito doméstico são de maior dificuldade de detecção, tanto pelas vítimas quanto pelo violador, pois esta inscrito no cotidiano, como nos aponta Segato (2014), “para nominar este tipo de violencia, articulada de una forma casi imposible de desentrañar en los hábitos más arraigados de la vida c, eomunitaria y familiar de todos los pueblos del mundo”, são pessoas comuns, que por sua vez internalizaram os signos e reproduzem a violência de forma corriqueira, segundo a autora acima, falamos do cotidiano, da vida normal, “al decir eso, no está hablando de la anormalidad o de la excepcional-

dad de las familias con hombres violentos sino, muy por el contrario, de las rutinas, de la costumbre, de la moral, de la normalidad”(Segato, 2014). Sendo, portanto, a naturalização da violência contra a mulher um fenômeno reportado em todas as partes do mundo, para Segato (2014), “El grado de naturalización de ese maltrato se evidencia, por ejemplo, en un comportamiento reportado una y otra vez, por todas las encuestas sobre violencia de género”.

Nesse contexto, os estudos pós-coloniais apontam a necessidade de uma descolonização da consciência, um novo olhar para a superação das lentes eurocêntricas internalizadas. Cusicanqui (2017) aponta que:

Se trata de descolonizar la conciencia propia, superar el oclocentrismo occidental y convertir la mirada en parte de una experiencia completa, orgánica, que implique los otros sentidos también, como el olfato o el tacto. Es decir, reintegrar la mirada al cuerpo (p. 03).

A descolonização de novas conjunturas sociais, “ La idea es practicar la descolonización a través del cuerpo y eso no se dice, se hace” Cusicanqui (2017), e produzir conhecimento a partir dos debates locais e das práticas cotidianas (Costa, 2013). No Brasil, as desigualdades foram perpetradas em vários recortes e cenários, os quais em sua maioria são permanentemente vigiados, e quando uma mulher ultrapassa essas barreiras são desencorajadas a sair do privado e adentrar ao espaço público. Para Pinto (2010):

Este espaço de poder tem mostrado uma grande capacidade de conversão de novos membros à sua dinâmica de reprodução de desigualdade, na apropriação, por exemplo, dos bens públicos. Para ter este êxito, deve limitar o acesso aos novos membros. Ao próprio feminismo foi dado um lugar neste arranjo de dominação. As mulheres feministas podem falar algumas coisas e não outras (p. 22).

Neste contexto, a manutenção da inferiorização da mulher e a hierarquia de poder permanecem arraigadas em nossa cultura, sem espaço e com ressalvas quando alguma irrompe esses grilhões, “A recepção destas falas por homens e mulheres tende a ter a mesma ca-

racterística, é a recepção de uma fala marcada, portanto particular, em oposição à fala masculina/universal” Pinto (2010). Segundo Pinto (2010), a construção de novos espaços ocasionaria a extinção dos antigos arranjos de poder, facilitando a convivência e novos acordos de vivência? Através da inclusão das mulheres em espaços de poder e na vida pública onde possam ser ouvidas. Segundo a mesma autora, “Dar a palavra para as mulheres – e só as mulheres podem fazê-lo de modo a não construir novas relações de poder”, Pinto (2010). Para tanto, é necessário todas as formas de resistir, enfrentar os próprios medos e conviver com a opressão, adaptando-se, encontrando estratégias de resistência e sobrevivência. Segundo Anzaldúa (2000):

Escrever é perigoso porque temos medo do que a escrita revela: os medos, as raivas, a força de uma mulher sob uma opressão tripla ou quádrupla. Porém neste ato reside nossa sobrevivência, porque uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida (p. 234).

Em concordância com Anzaldúa (2000), todas temos o poder, e falando das nossas vivências podemos mudar o mundo que existe, “Encontrem a musa dentro de vocês. Desenterrem a voz que está soterrada” (Anzaldúa, 2000). Nesse mesmo sentido, autora Lorde (1977) acredita que devemos transformar o silêncio imposto em linguagem e atos, pois todas têm algo a ser dito e força para quebrar os silêncios, “E restam tantos silêncios para romper” (Lorde, 1977). Os novos tempos estão em movimentação, não se pode voltar a reviver as memórias e aos costumes antigos, pois as estruturas anteriores já não existem mais. Cabe aos povos buscar no regresso do futuro, aquela possibilidade de antes da colonização, perdido pela conquista (Segato, 2014).

Considerações finais

Percebe-se, portanto, a construção dos gêneros, através do *Habitus* e da dominação simbólica³ em determinadas sociedades, a sim-

3

.....
“Um universo compartilhado por dominantes e dominados” (Bourdieu

bologia e os significados se fazem sentir nos próprios corpos, por meio da cultura se compreende os padrões e através das interações ocorre à reprodução transgeracional. Nesse sentido, o Estado moderno contribuiu com o desempoderamento da mulher, seguindo as regras rígidas do patriarcado, o sistema forneceu os subsídios necessários para a naturalização da violação ao feminino. Através da inscrição do corpo como território houve a validação das masculinidades tóxicas. Entretanto, o feminismo descolonial vem buscando desconstruir esse pensamento, suas autoras buscam na coletividade resgatar os valores ancestrais e novas concepções de consciência. Uma nova forma de convivência e se desvincular das antigas hierarquias. Para ilustrar, com um viés otimista essa possível ruptura de padrões, citamos a tese de legítima defesa da honra, que durante muito tempo persistiu como jurisprudência adotada nos tribunais brasileiros, contribuindo com a naturalização e normatização da violência contra as mulheres, no âmbito jurídico, imputando a elas a culpa por crimes cometidos contra as mesmas. A exclusão dessa prática advém da luta coletiva em busca de novos olhares contra antigos paradigmas.

Referencias

ANZALDÚA, Glória. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 1, 2000.

COSTA, Cláudia de Lima. Feminismos e pós-colonialismos. Estudos Feministas, vol. 21 N. 2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000200017>. Acesso em: 02 fev 2021.

CUSICANQUI, Rivera Silvia. Feminismo poscolonial: "Tenemos que producir pensamiento a partir de lo cotidiano". El Salto Diario, 2017. Entrevista disponível em: <https://www.elsaltodiario.com/feminismo-poscolonial/silvia-rivera-cusicanqui-producir-pensamiento-cotidiano-pensamiento-indigena>

LORDE, Audre. A transformação do silêncio em linguagem e ação. Painel "Lésbicas e literatura". Associação de Línguas Modernas. 1977. Disponível em: https://www.academia.edu/36358973/LORDE_Audre._A_transformacao_do_silencio_em_linguagem_e_acao_VF.pdf. Acesso em: 02 fev 2021

1980 *apud* Picistelli 2009, p. 145-146).

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004

PINTO. R. J. Celi. Feminismo, história e poder. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010

PISCITELLI, A. Gênero em perspectiva. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 11, p. 141-155, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634469> Acesso em: 2 fev. 2021.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. Berleandis & Vertecchia. Campinas. SP. 2009.

SEGATO, L. Rita. *Las estructuras elementales de la violencia - 1a ed. - Bernal: Universidad Nacional de Quilmes. Argentina, 2003*

SEGATO. L. Rita. Os percursos do gênero na antropologia e para além dela. *Revista Estado e Sociedade*. Brasília 1998

SEGATO, L. Rita. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial, e-cadernos CES [Online], 18 | 2012. Disponível em <http://journals.openedition.org/eces/1533>

SEGATO, L. Rita. Território, soberania e crimes de , soberania e crimes de segundo Estado: a escritura segundo Estado: a escritura nos corpos das mulheres nos corpos das mulheres de Ciudad Juarez. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(2): 256, maio-agosto/2005

SEGATO, L. Rita. Las nuevas formas de la guerra y el cuerpo de las mujeres. *Revista Sociedade e Estado - Volume 29 Número 2 Maio/Agosto 2014*

ZANELLO, Valeska. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. 1. ed. - Curitiba : Appris, 2018



Parte 3

*sobre as autoras
e autores*

Adrian Enrique Silveira Larson, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: adriansilveira1000@gmail.com

Aldenora Oliveira Coutinho Libraiz, graduanda no Curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Desenvolve pesquisa e extensão nas seguintes áreas: juventudes, gênero, masculinidades, empatia e contextos migratórios. Bolsista no projeto “Dialogando com e sobre homens” na fronteira, colaboradora no curso de “Lengua española y cultura venezolana” e membro dos grupos de estudos PEG e GELT.

E-mail: aldelibraiz@gmail.com

Ana Beatriz Clementino Aguillar, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: anabeatrizclementinoaguillar@gmail.com

Ana Beatriz de Oliveira Neto, nasceu em Campo Grande – MS, em 2002, mas criou-se em Fátima do Sul – MS, onde reside até hoje. Ingressou na turma XI do curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados no ano de 2019 e atualmente está em seu 3º semestre. Filha mais velha de um humilde casal, ela é a primeira em sua família (nuclear) a conseguir adentrar o ensino superior e se orgulha muito disso.

E-mail: anabeh486@gmail.com

Bruna Santos Moreira, nasceu na cidade de São Paulo no ano de 2002. Atualmente busca sua formação acadêmica em psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados, cursando licenciatura e bacharelado nessa área.

E-mail: brunabsm1@hotmail.com

Carolayne Aparecida Amaral Marques, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: carolaynefrancmarques@gmail.com

Daniele Quadro Marques, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: dani_qmarques@hotmail.com

Danielle Nogueira Batistela, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: batistela_dani@hotmail.com

Eduardo Felipe Chideroli, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: educhide2001@gmail.com

Elisa Peixoto Duarte, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: cppeixoto@bol.com.br

Fabiana Fernandes Barbosa, nasceu em Zé Doca, Maranhão, no ano de 2001, junto com sua família se mudou para São Paulo com 7 meses de idade. Fabiana viveu dez anos em São Paulo, mas passou sua adolescência em Minas Gerais, se formou no Ensino Médio aos 17 anos e aos 19 anos foi a primeira da sua família a entrar na faculdade e cursar Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados.

E-mail: fabissfernandess.18@gmail.com

Francielly Mariano Barros, acadêmica de Psicologia (UFGD) é amante do universo da fotografia e acredita que as questões sociais precisam compor parte da nossa lente.

E-mail: fran25mariano@gmail.com

Gabriela Manzoni Leite, graduanda em Psicologia pela UFGD - Turma VIII. Desenvolve PIVIC na área de "Psicologia Escolar e Educacional", e extensão com o grupo "Dialogando com e sobre homens". Atua como bolsista no LIFE realizando pesquisas na área da educação. Possui interesse por expressões artísticas e gosta de realizar pinturas com tinta à óleo, aquarela e outros materiais.

E-mail: gabrielamanzoni@hotmail.com

Gabrielly Lopes Flores, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: flores.gabi1909@gmail.com

Isabella Clemente Alencar Cunha De Menezes, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: isabellaclementemed@gmail.com

Joao Henrique de Castro. Meu nome é João Henrique de Castro, tenho 20 anos, sou natural da cidade de Deodápolis – MS. Venho de uma família simples e humilde. Desde muito jovem trabalho na agricultura familiar ajudando no sustento da casa. Sempre estudei e tive muito apoio dos meus pais que

não tiveram a mesma oportunidade. Essas experiências da minha infância e adolescência contribuíram para meu amadurecimento e para aprender o valor do trabalho e a importância da educação. Estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: hjoao325@gmail.com

Joice Helena Heck Deters, nasceu em 30 de abril de 1997 na cidade de Itapiranga, Santa Catarina. É acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados e uma entusiasta do estudo das relações humanas e todas as suas particularidades.

E-mail: joicehd7@gmail.com

Jonathan Rocha Coffani, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: jocoffani2@gmail.com

Julia Medeiros Pereira, é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. Tem interesse por temáticas relacionadas às políticas públicas de saúde, movimentos sociais, com foco em estudos feministas. Atualmente desenvolve pesquisas na área da Atenção Primária do SUS em convênio com a ENSP/Fiocruz.

E-mail: medeirosjulia07@gmail.com

Larissa Cardoso Ferreira, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: Cardosoferreira12111998@gmail.com

Letícia da Silva Pereira nasceu em 10 de maio de 1998, na pequena cidade de Vicentina, interior do Mato Grosso do Sul, e atualmente cursa Psicologia, pois acredita que é um meio, que assim como esse livro é capaz de contribuir positivamente com a sociedade.

E-mail: leticia_silva.050@hotmail.com

Letícia Yurica Koizumi Mendes, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: leticia_yurika@hotmail.com

Maria Eduarda Coli Rufino, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: mariaeduardacrufino@gmail.com

Maria Júlia Botelho e Souza nasceu em 2002 e é natural de Umuarama-PR. Ingressou no curso de Psicologia da UFGD em 2020, no mesmo ano cursou a

disciplina de Relações de Gênero com a professora Jenniffer Simpson, na qual escreveu o trabalho "Opressão x Resistência".

E-mail: mariajuliabotelhos@gmail.com

Mariana Fockink Silva Batistela, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: marianabatistela2001@outlook.com

Mariani da Silva Dantas nasceu em Nova Andradina-MS, em 2000, onde reside até hoje. No ano de 2019 ingressou na turma XI do Curso de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD e atualmente está em seu 3º semestre. Filha mais nova de um mecânico e uma auxiliar de serviços gerais, sempre almejou adentrar o ensino superior em uma universidade pública e hoje se orgulha muito de sua conquista.

E-mail: madantas21@gmail.com

Mariele Campos Tavares, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: mariele9970@outlook.com

Marina de Sousa Carvalho, Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), ingresso em 2019. Atuante no Centro Acadêmico de Psicologia da UFGD, Virgínia Bicudo, 2020-2021. Integrante do Projeto de Extensão Orquestra UFGD, como pianista, 2019-2020. Bolsista do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE), 2021.

E-mail: marinamaravilha27@hotmail.com

Pollyanna Rocha Muniz, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: polly-muniz@hotmail.com

Rayssa De Oliveira Duarte, graduanda em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e bolsista no Programa de Iniciação Científica - PIBIC.

E-mail: raahdeo@gmail.com

Renata Do Vale Sargaço, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: renatasargaco@hotmail.com

Rodrigo Ferreira Montagnini, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: montagninirodrigo1@gmail.com

Rosa Maria Santos Salmasio, estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

E-mail: rosasalmasio@icloud.com

Rochele Fellini Fachinetto

Professora Adjunta do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania - UFRGS/CNPq.

Rosimeri Aquino da Silva

Professora Associada do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Segurança Cidadã do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. É integrante do GPVC (Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania) e do GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero).

As organizadoras:**Catia Paranhos Martins**

Professora Adjunta do Curso de Psicologia, do Programa de Pós-graduação em Psicologia e da Residência Multiprofissional em Saúde do Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Jennifer Simpson dos Santos

Professora Adjunta do Curso de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Júlia Medeiros

Estudante de Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Marina de Sousa Carvalho, Graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Marise Massen Frainer

Programadora Visual na UFGD, graduada em Desenho Industrial/Programação Visual pela UFSM, mestrado em Sociologia pela UFGD, pesquisa a arte e o trabalho das mulheres.

MOÇA
QUE
FECE
O CASO

Mãe sofre agressão
por hora, diz pesquisa

Suspenso de
perseguir e estupro
mulher diz que foi
agredido pela FMI no
momento da prisão

Menina de 10 anos
fada depois de
ser salva

... se sabia espiritua
... a. E arrumara um jeito de acim
... a graça de um pecado. Gostava
... embora não tivesse ânimo, ou por
... e tempo. Era o persôna de vida.
... ultrapassava com sua existência a
... dessas outras ela não sentia. A sua
... putros era saber engolir pilulas sem
... que lhe dava aspirinas. admira-
... Macabéa um banho de calor gostoso

... triu-a
... cola na parede da garganta que nem
... cortado, correndo por aí.
... tava. Foi diante de uma árvore tão
... pela nuca. Poderia abraçá-la. Mas apesar
... trava com Deus. Rezava indiferentem
... erioso Deus dos outros lhe dava às vez
... e ia feliz, feliz de alma quase vo
... o disso voador. Tentava contar a G
... to. Não sabia falar e mesmo contar o
... ta tudo porque o tudo é um coo nada
... a palavra.
... ara ficar sozinho
... esse Deus era nuca
... lhe trava. Em

... rinha uma am
... tava um cheiro
... ceira. Oxigén



UFGD
Universidade Federal
da Grande Dourados

Democratizando a publicação
46 ANOS
www.ufgd.br
digite ufgd no seu navegador

Cabriana
Mancini

ISBN 978-65-5869-684-1
9 786558 696841